

Fig. C₃ - Foto, com ampliação do 3º objeto extraterrestre fotografado pelo Arlindo. Setas brancas apontam detalhes da "helice" (veja também fig. nºs 6, 7, 8 - ler item nº 5).

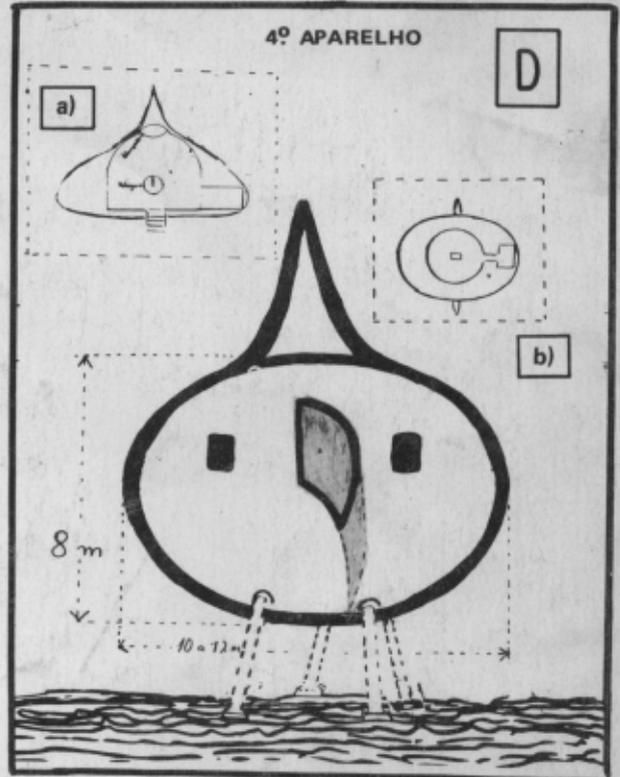


Fig. D - O 4º objeto, em desenho de Arlindo. Também complementos da SBEDV: planta baixa (em "b"); vista lateral (em "a"); suportes do aparelho, em pontilhado e conforme informação de Arlindo. Ver também fig. E, F, G. (ler item nº 5).



Fig. E - Chegada de Arlindo ao Disco Voador aterrissado. Retrato falado, de Wilma Romito.

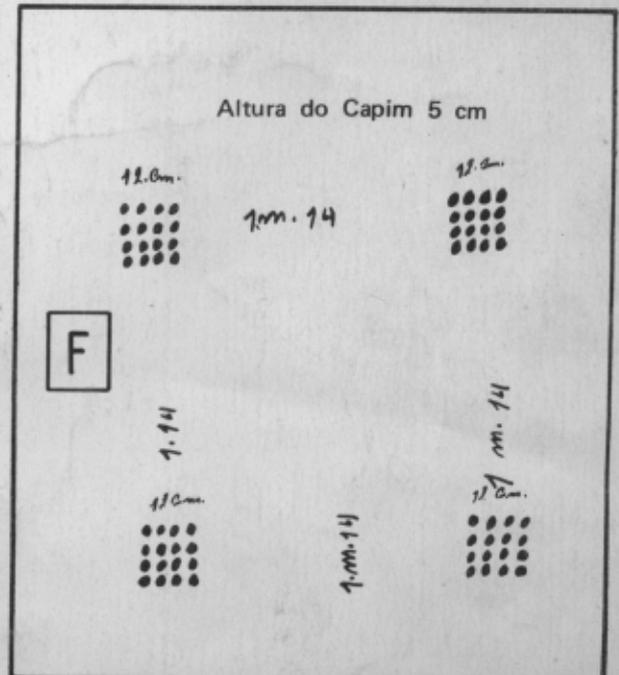


Fig. F - Impressões deixadas no chão, pelos suportes do DV. Desenho de Tadeu, irmão de Arlindo. (ler item nº 5)

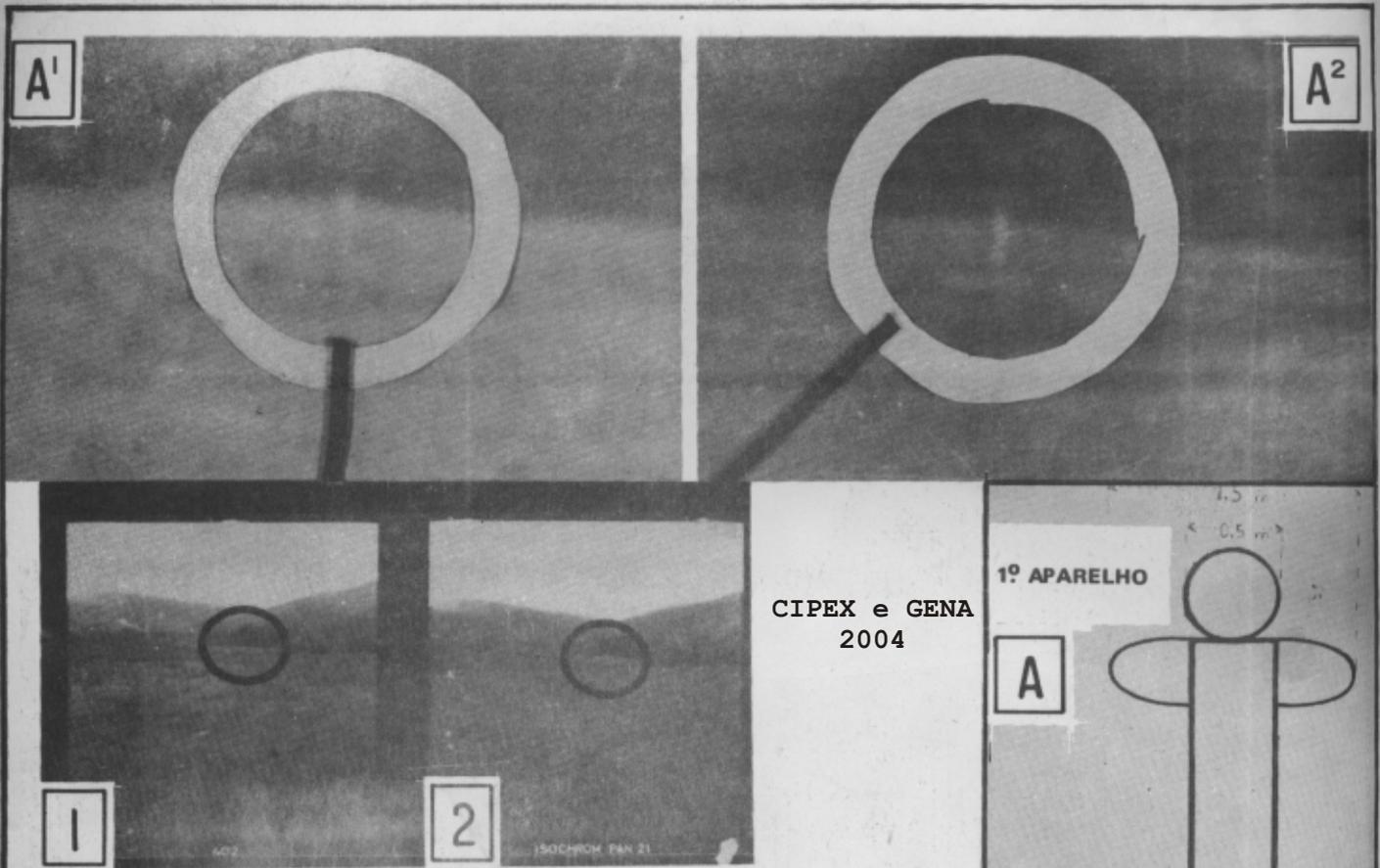
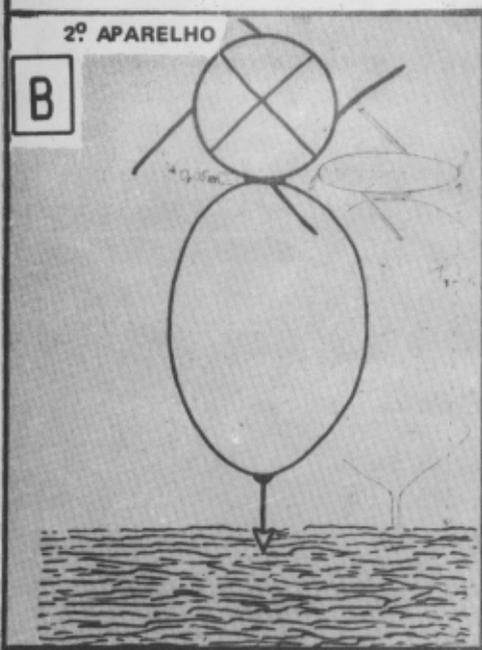
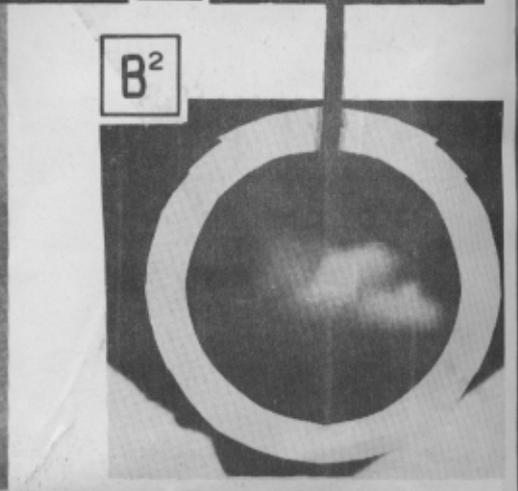
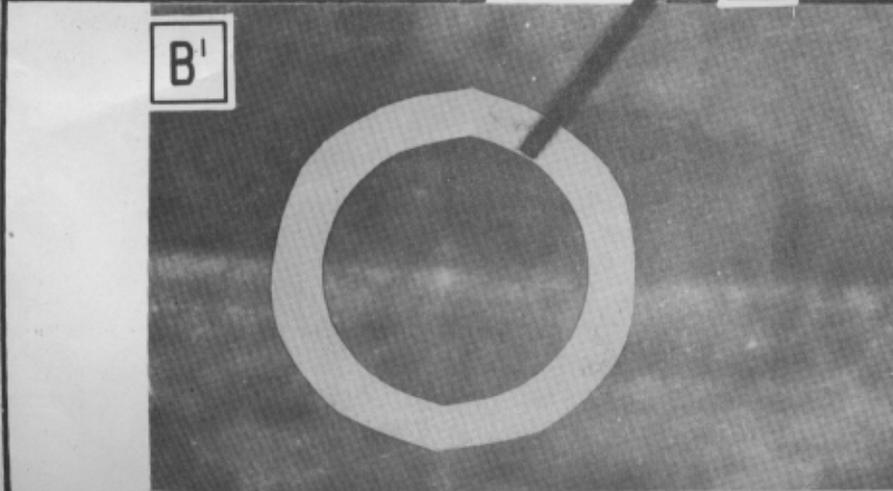
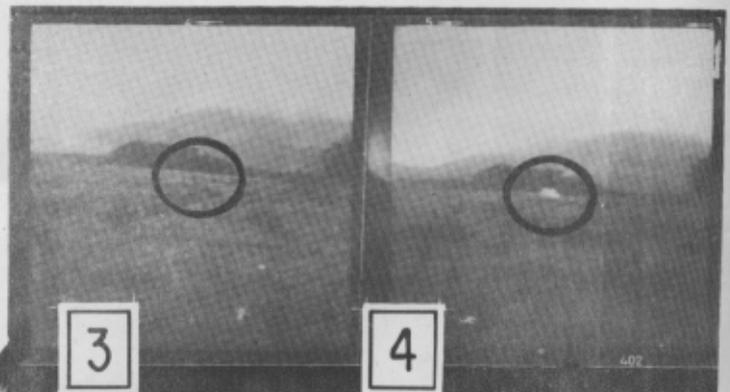
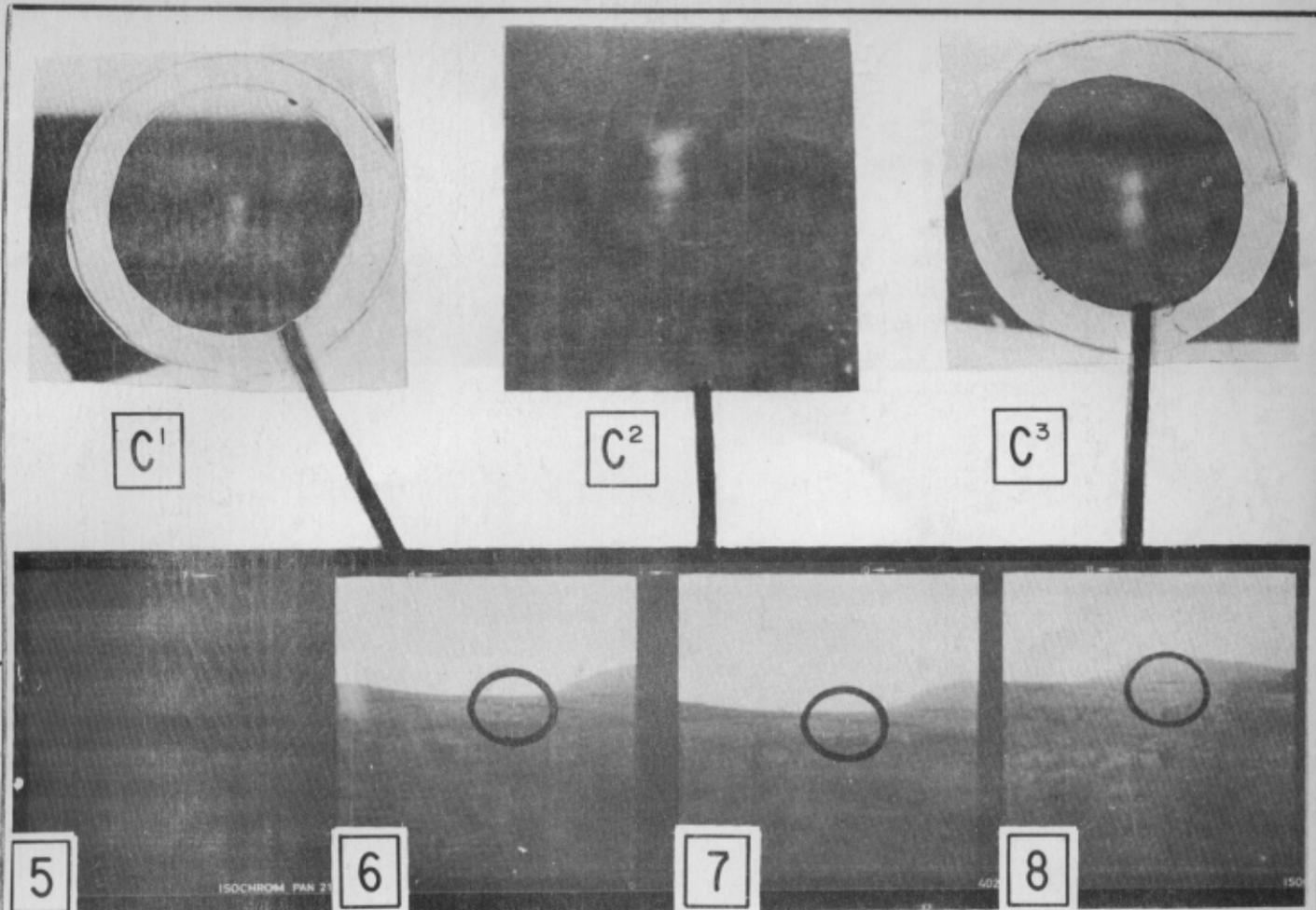


Fig. 1 a 4 - Cópias de contato das fotos de dois objetos, estando estes dentro dos círculos marcados.



Em 1 e 2, o primeiro objeto. Em "A", desenhado pelo Arlindo. Em 3 e 4, o segundo objeto. Em "B", desenhado pelo Arlindo. Em A₁, A₂, B₁, B₂, nos círculos, ampliações (12 vezes) respectivamente das fotos 1, 2, 3, 4. Na fig. 4, no local do 2º objeto, apareceu como que uma nuvem branca (ampliada em B₂). (ler item nº 5)



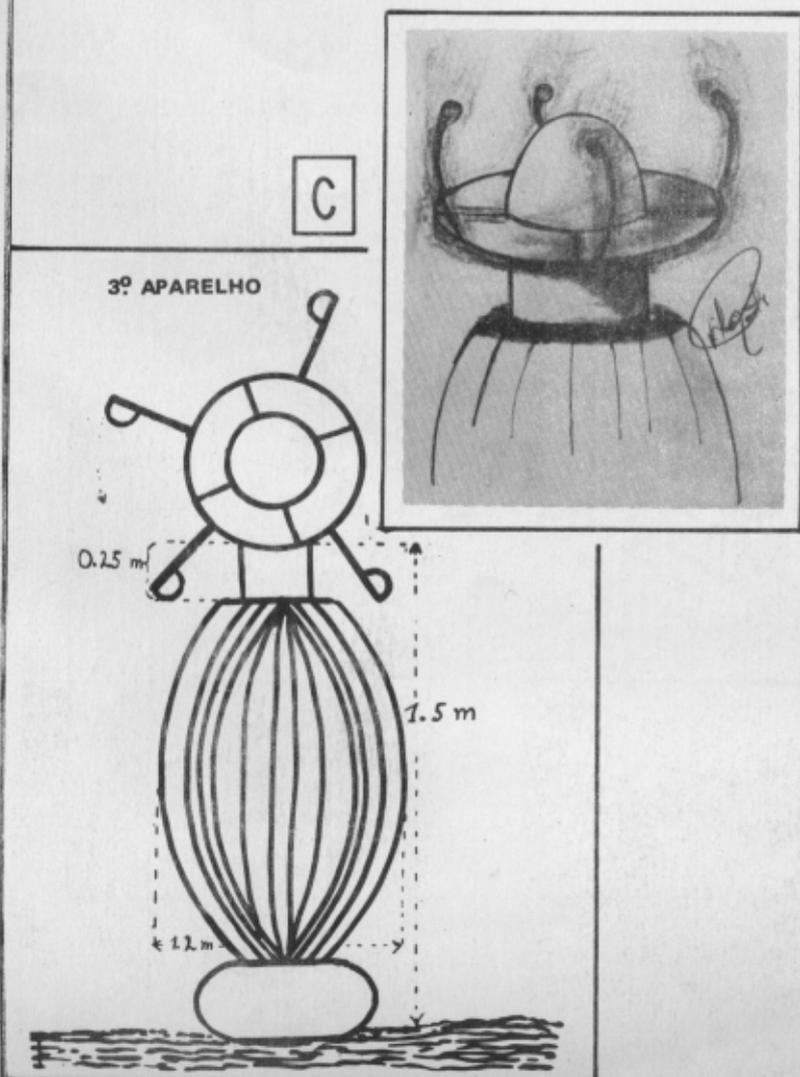


CIPEX e GENA
2004

Fig. 5 - Não houve exposição da cha-
pa. (ler item nº 5)

Fig. 6 a 8 - Cópias de contato das fotos
do 3º objeto (indicado em círculo mar-
cador), Em C₁, C₂, C₃, ampliações res-
pectivamente das fotos 6, 7, 8. Em C₁
e C₃, aumento de 12 vezes; em C₂, au-
mento maior que 12 vezes.

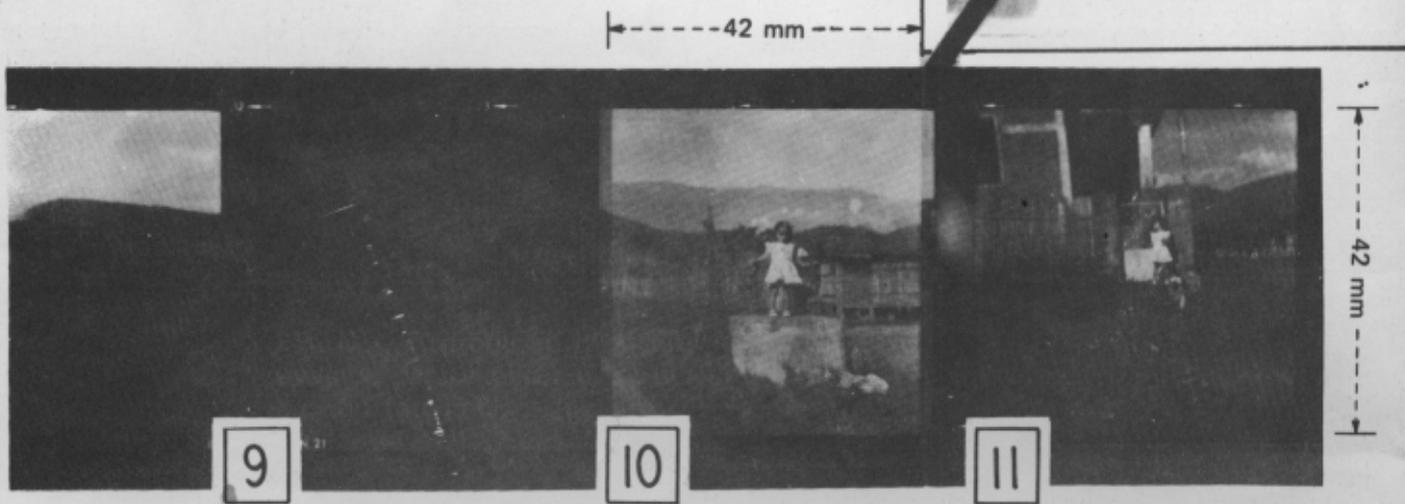
Fig. C - O 3º objeto, conforme dese-
nho de Arlindo. Ao lado, concepção da
"hélice", pela SBEDV, como se depreen-
de das ampliações das fotos. (ler item
nº 5)



CIPEX e GENA
2004

Fig. 9 - Não houve exposição da chapa.

Fig. 10 e 11 - Últimas fotos do filme, de familiares de Arlindo. A cabeça (largura de aprox. 2mm) da fig. 10 foi ampliado cerca de 12 vezes (no círculo maior medindo aprox. 24 mm). (ler item nº 5)



CÁLCULO DAS DIMENSÕES DO OBJETO

N

X Usando o dedo polegar
Trecho visado; b mm

Distância: D metros

B metros



$$\frac{B \text{ metros}}{D \text{ metros}} = \frac{b \text{ mm}}{d \text{ mm}}$$

$$B = \frac{D b}{d}$$

Y Usando o foco (d) da máquina fotográfica
Imagem "b" da película

Fig. N - Reprodução de figura do Bol. da SBEDV nº 112/115, servindo para explicar o cálculo do tamanho de um objeto aéreo, quando fotografado. (ler item nº 5).

L¹



L²



CIPEX e GENA
2004

L³

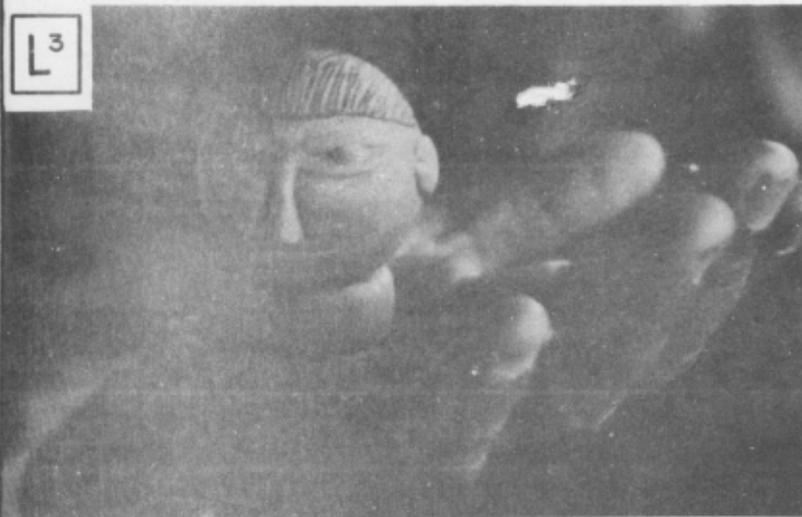


Fig. L₁, L₂, L₃, L₄ -

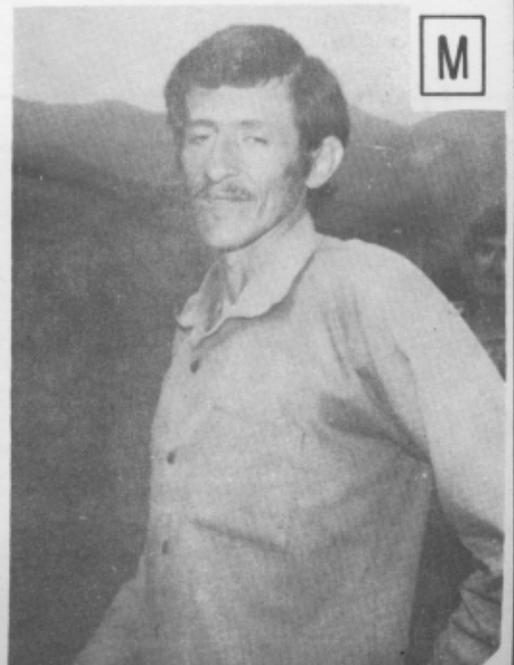
Reprodução dos rostos dos Ufonautas.
Em L₁ a L₃, esculturas feitas pelo Ar-
lindo, em massa de vidraceiro. Em L₄,
retratos falados, de Wilma Romito.

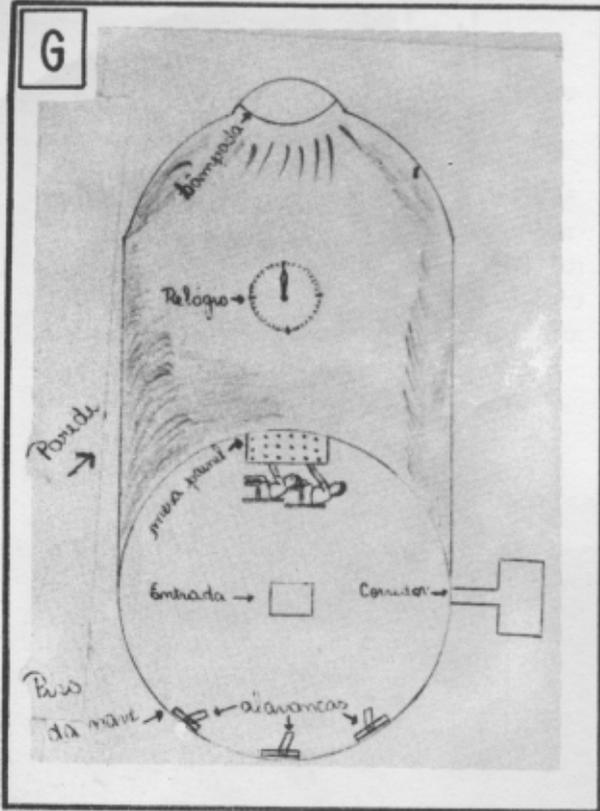
Fig. M - Foto de Arlindo
(ler item n.º 5)

L⁴



M





CIPEX e GENA
2004

Fig. G - Combinação de planta baixa e corte, do interior do DV. Desenho feito por Jairo, conforme explicação de Arlindo. (ler item n° 5)

Fig. H - Foto de familiares de Arlindo. (ler item n° 5)

Fig. I - O "vídeo", segundo um desenho de Arlindo. Em "s", botões tipo sanfonea; em "p", botões menores. (ler item n° 5)

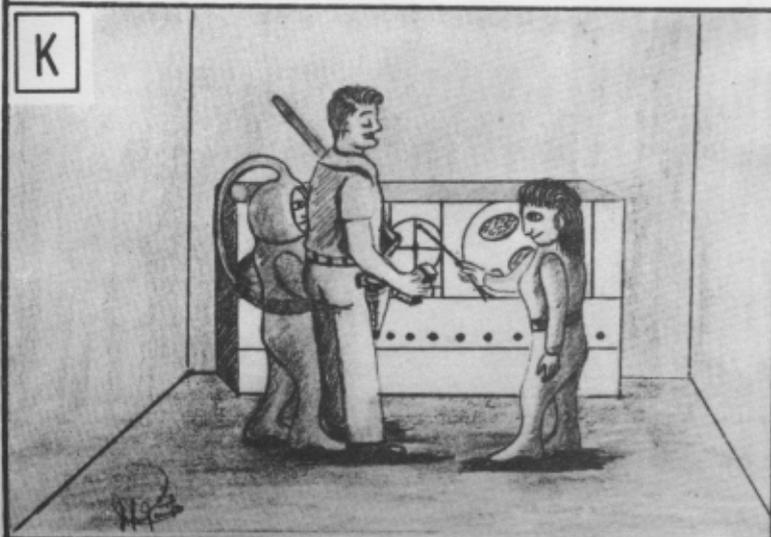
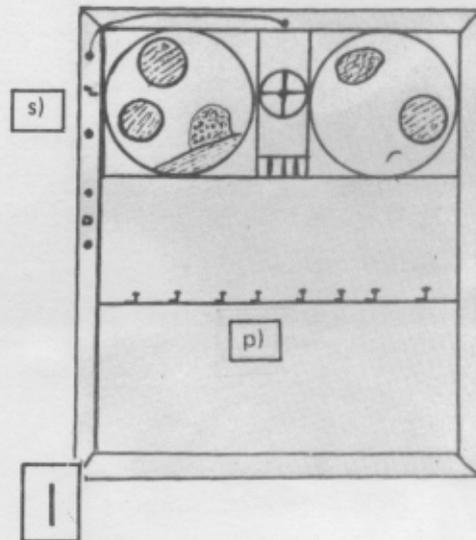
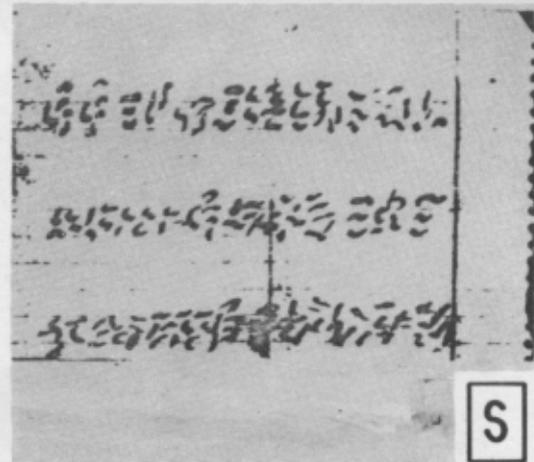


Fig. K - Demonstração no "vídeo", feita pela Ufonauta. Desenho falado, de Wilma Romito. (ler item n° 5).

CIPEX e GENA
2004

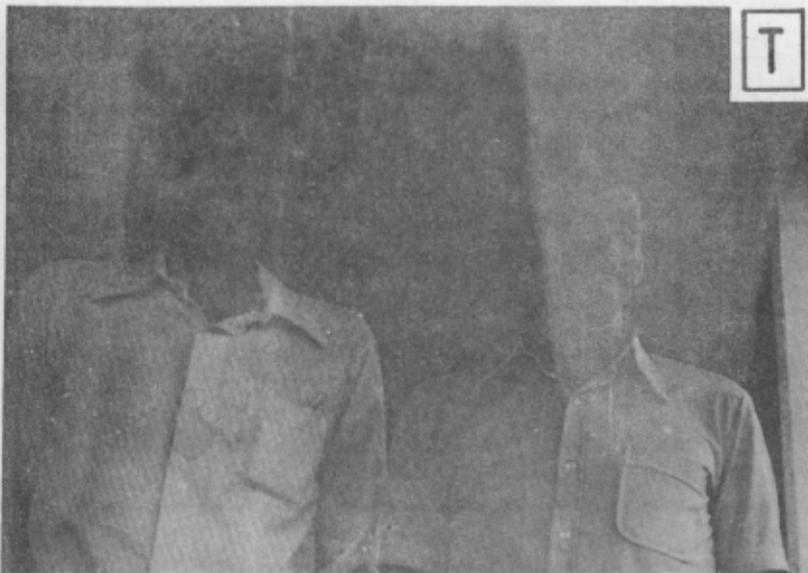


R



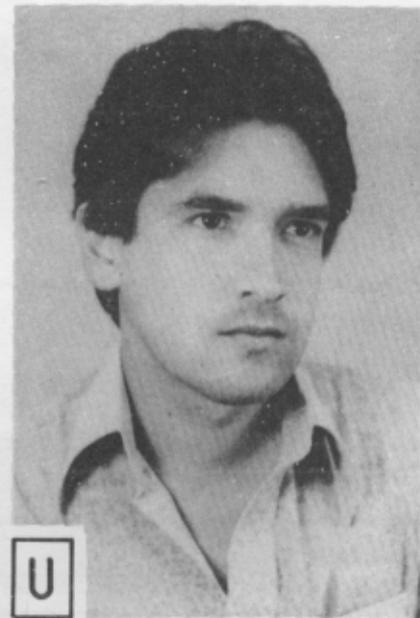
S

Fig. R e S – Escritas de extraterrestres. Em “R”, em bernal de Arlindo. Em “S”, caracteres semelhantes (talvez iguais) aos de “R”, em reprodução do papel com escrita entregue por ufonauta a Luiz Henrique, em São Paulo, Capital, em 26/04/59 (leia Bol. da SBEDV nº 10, pag. 4, e também FSR Maio/Junho 1967).



T

Fig. T – Arlindo e o irmão Jairo.
(ler item nº 5)



U

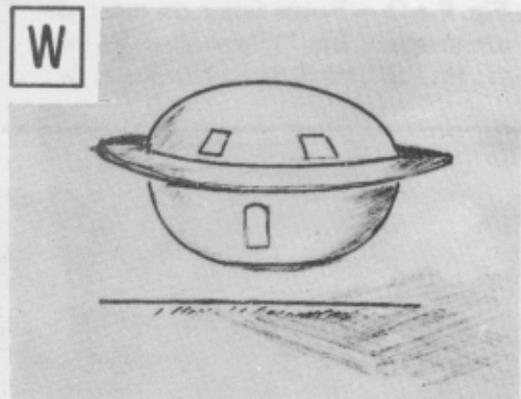
Fig. U – Foto do Ufólogo varginense Ubirajara Franco Rodrigues. (ler item nº 5)



V

Molde de gesso do local onde desceu a nave

Fig. V – Foto segundo o “Diário do ABC (25/05/80). Molde das impressões deixadas no chão pelo trem de aterrisagem do DV. (ler item nº 5)



W

Fig. W – Desenho falado do DV, visto por Américo Esau dos Santos. (ler item nº 5)



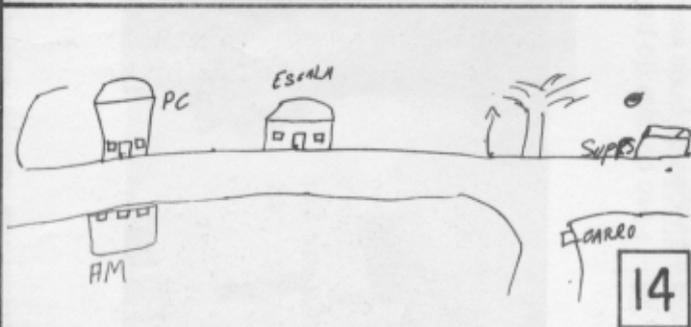
13

Fig. 13 - Assis (à direita) e o ufologista Luiz do Rosário Real (ler item nº 6)

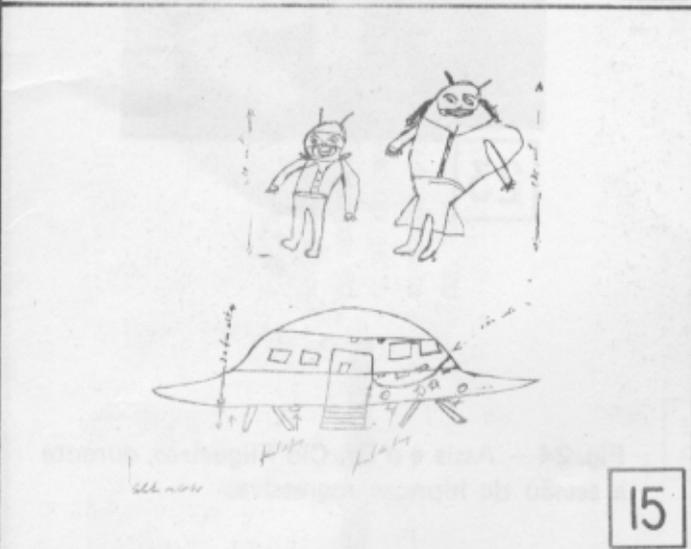


17

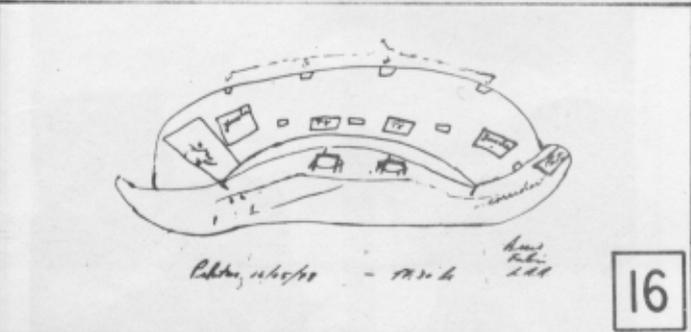
Fig. 17 - Foto de Assis apontando o local do seqüestro. (ler item nº 6)



14

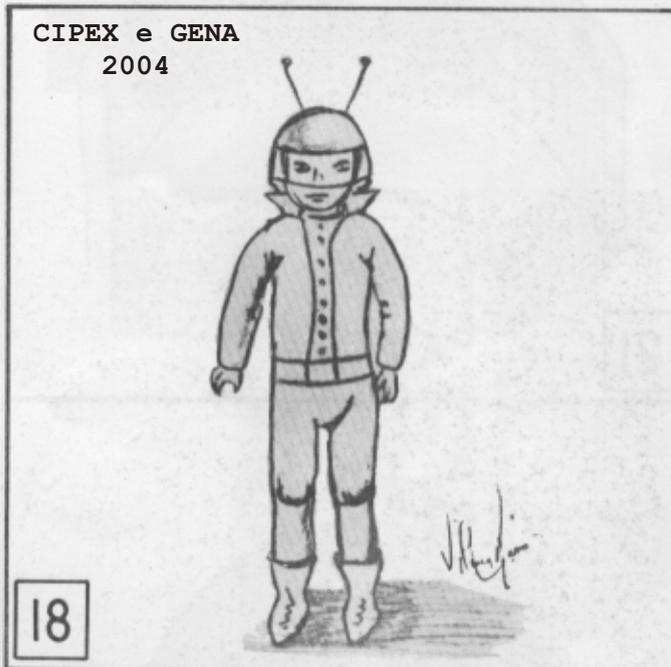


15

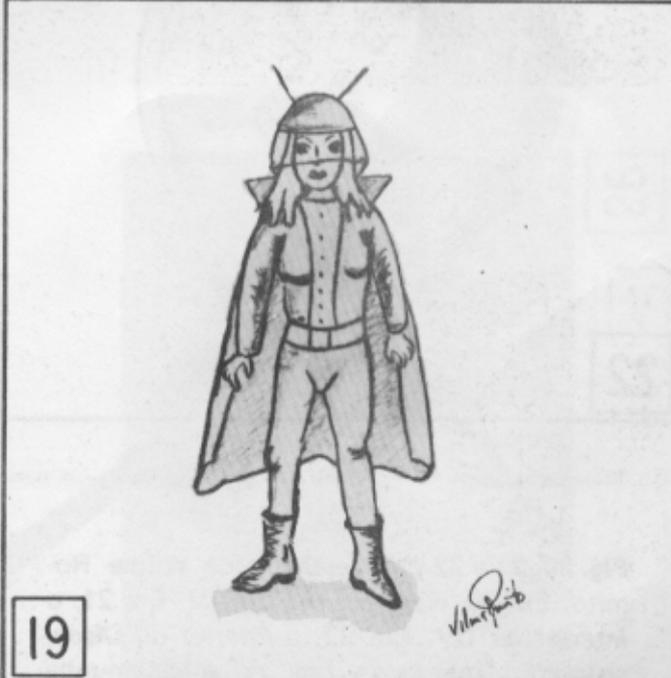


16

Fig. 14, 15, 16 - Desenhos da testemunha Assis. Em 14, o local (seta) onde entrou no cercado. Em 15, os tripulantes e vista externa do DV. Em 16, o interior do DV. (ver item nº 6)



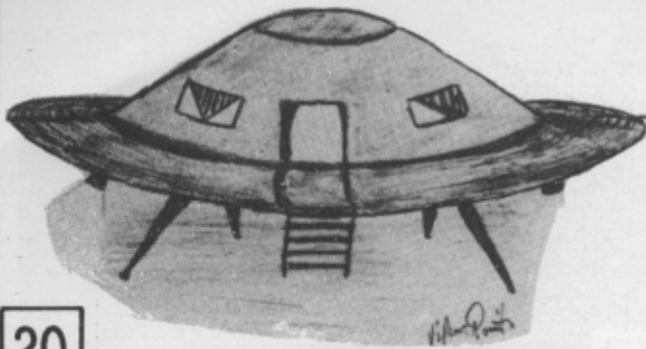
18



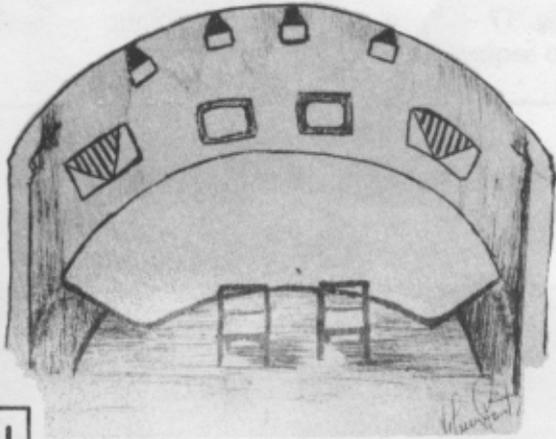
19

Fig. 18 e 19 - "Desenhos falados", feitos por Wilma Romito. Em 18, um tripulante. Em 19, uma tripulante. (ver item nº 6)

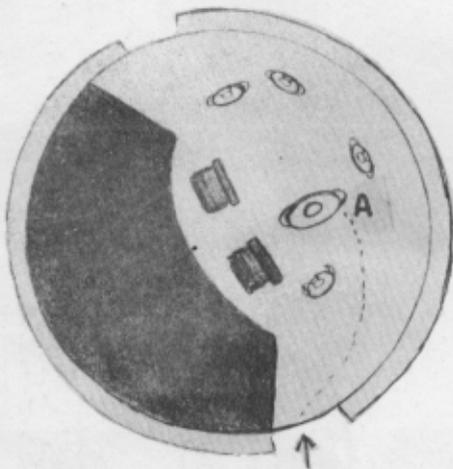
CIPEX e GENA
2004



20



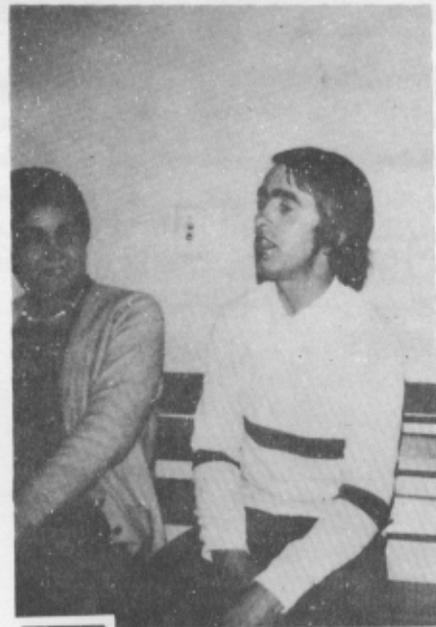
21



22

Fig. 20, 21 e 22 – Desenhos de Wilma Romito. Em 20, vista externa do DV. Em 21, o interior do DV. Em 22, o interior do Disco, visto em planta baixa. Em "A", a testemunha Assis. (ver item nº 6)

Fig. 23 – Assis e a desenhista Wilma Romito.

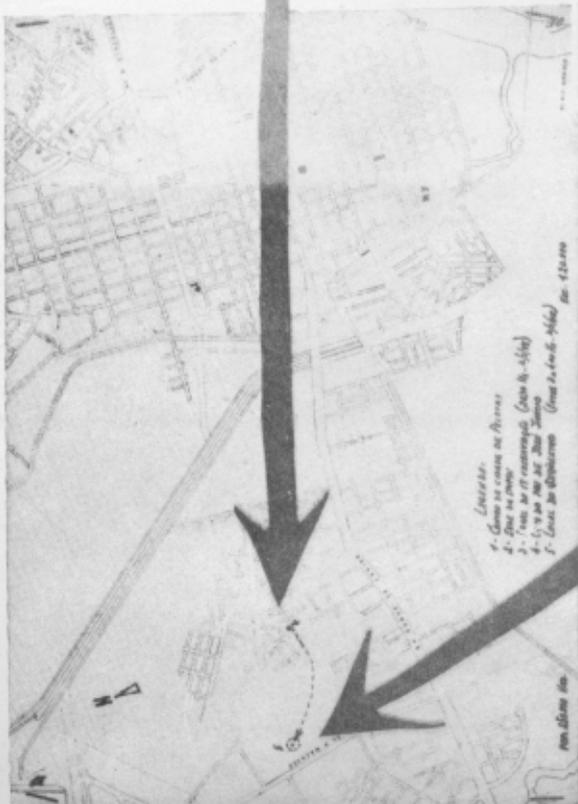


23

Fig. 24 – Assis e o Dr. Cid Figueiras, durante a sessão de hipnose regressiva.



24



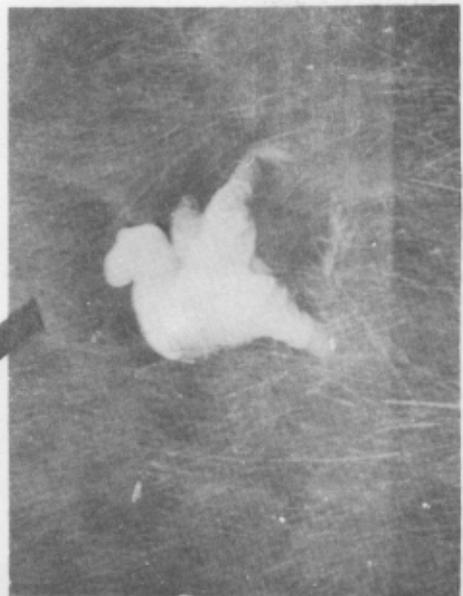
25

Fig. 25 - Mapa de Pelotas. Seta longitudinal indica a casa do pai da testemunha. Seta oblíqua aponta local do seqüestro. (OBS.: Representação evidentemente aproximada, fora de escala). (ler item nº 7)



28

Fig. 28 - Foto da casa do pai da testemunha: José Inácio aponta a direção de onde veio o DV; Orlando Costa Silva, Mara Regina Silva e Alfredo Assis Alvaro (pai do Protagonista).



26

Fig. 26 e 27 - Fotos da reconstrução "in loco". Em 26, o protagonista José Inácio Alvaro na posição em que acordou; nota-se a coincidência da marca no capim. Em 27, apontando para o local, tendo ao lado, Luiz do Rosário, Orlando Costa Silva e Mara Regina da Silva. (ver item nº 7)



27

1 -- CONSTITUIÇÃO DA DIRETORIA

para o período 1977/1981, está constituída a Diretoria no S&EP:

Presidente: Dr. Walter Keri Schler, acumulando as funções de 15 Vice-Presidente, 1º Assessor e 1º Técnico-Auxiliar.

Vice-Presidente: Dr. Guilherme Pereira,

cumprindo as funções de 1º Secretário e 15 Secretário.

Conselho Fiscal: Wilson Teixeira e Amândeo Alves Pinto.

Suplentes do Conselho Fiscal: Otto Paulo Gluck, Almir Sarmento e Francisco de Souza.

2 -- NOTÍCIAS DA SOCIEDADE

ÍNDICE

CIPEX e GENA
2004

1 --	CONSTITUIÇÃO DA DIRETORIA	17
2 --	NOTÍCIAS DA SOCIEDADE	17
3 --	CONVERSA COM O LEITOR	17
	O ENSAIO DE CASEMIRO DE ABREU	17
	CONGRESSOS UFOLÓGICOS	21
4 --	HIPNOSE, ARMA PERIGOSA NA MÃO DA POLÍTICA (1ª PARTE)	23
5 --	GRANDES MANOBRAS EXTRATERRESTRES NA FAZENDA DO SOBRADO	28
6 --	O SEQUESTRO DE UM OPERÁRIO POR UM DISCO VOADOR	46
7 --	UFONAUTAS SEQUESTRAM ESTUDANTE GAÚCHO	58
8 --	SUMÁRIO EM INGLÊS	59

1 - CONSTITUIÇÃO DA DIRETORIA

Para o período 1977/1981, está assim constituída a Diretoria da SBEDV:

Presidente: Dr. Walter Karl Buhler, acumulando as funções de: 1º Vice-Presidente, 1º Tesouro e 2º Tesoureiro.

2º Vice-Presidente: Dr. Guilherme Pereira,

acumulando as funções de: 1º Secretário e 2º Secretário.

Conselho Fiscal: Wilson Teixeira e Amanda Alves Pinto.

Suplentes do Conselho Fiscal: Otto Erwin Gluck, Almiro Baraúna e Francisco Sã Borges.

2 - NOTÍCIAS DA SOCIEDADE

Tendo em vista restringir as atividades burocráticas, em prol da pesquisa ufológica e da preparação de boletins, foram estabelecidas as seguintes modificações nos Estatutos da SBEDV:

- a) fica suspensa, provisoriamente, a admissão de novos Sócios;
- b) será paga pelo Sócio uma anuidade pre-estabelecida em Boletim ou Circular, po-

dendo ser eliminado pela Diretoria o Sôcio que faltar ao pagamento;

- c) a Sociedade será administrada por uma Diretoria com mandato de 5 (cinco) anos;
- d) os Diretores poderão exercer cumulativamente as vagas deixadas pelos colegas.

Para 1980, ficou estabelecido em Cr\$140,00 o valor da anuidade.

3 - CONVERSA COM O LEITOR

CIPEX e GENA
2004

O "ensaio" de Casemiro de Abreu

Embora nos encontrássemos ausentes do Rio, à época do rumoroso episódio do município de Casimiro de Abreu, julgamos oportuno tecer alguns comentários a respeito.

OBSERVAÇÃO

O Jornal de Basileia (Basler Zeitung, 10/03/80) publicou artigo com o título: "50.000 brasileiros esperavam pela chegada de um UFO do planeta Jupiter" (50.000 Brasilianer erwarteten angekündigtes Ufo vom Jupiter).

Cerca de um mês antes do citado acontecimento, Diretores da SBEDV foram sondados sobre a possibilidade de comparecerem a uma reunião, na qual se iria fazer uma comunicação a respeito de uma futura e ostensiva "aterrissagem de extraterrestres". Estivemos presentes à tal reunião, que se realizou em um apartamento no bairro do Flamengo - Rio de Janeiro; Ali encontramos então Edilcio Barbosa, como figura principal das atenções gerais. Barbosa expôs o assunto que, mais tarde, seria veiculado por diferentes órgãos da imprensa, daqui ("O Estado de São Paulo", S.P. 06/03/80) e do estrangeiro:

1º - que um militar tripulante de helicóptero da Marinha de Guerra Brasileira que, em 19/08/76, havia desaparecido em Pedro D'Aldeia, seria devolvido à Terra, pela equipagem de um Disco Voador, juntamente com outros militares (brasileiros e estrangeiros);

2º - que ele (Barbosa) estava sendo auxiliado por três oficiais, da Marinha Brasileira, que estariam participando secretamente dos preparativos para a aludida aterrissagem;

3º - que ele (Barbosa) desejava contar com a colaboração dos ufologistas e dos meios de comunicação;

4º - e que ele (Barbosa) tinha "poderes de comunicação" com extraterrestres e estava servindo como elemento de intermediação.

Um dos Diretores da SBEDV argumentou, então, que lhe parecia inverossímil, porque, até então, em qualquer parte da Terra, não havia ocorrido nenhuma aterrissa-

gem ostensiva de DV; provavelmente devido ao fato de que todos os governos da Terra hostilizam o assunto extraterrestre, o qual mantinham em segredo, através de suas leis de espionagem. Outro Diretor interpelou, a seguir, lembrando que Barbosa já havia estado em contato com membros da SBEDV, há 13 anos atrás, quando, então, procurou ajuda para encontrar um amigo dele, arquiteto, que teria desaparecido no Norte (Amazonas ou Pará), possivelmente levado por um DV (segundo Barbosa). Naquela ocasião, Barbosa não nos forneceu pormenores sobre o caso, e deixou de falar no mesmo, após termos lhe solicitado alguns detalhes sobre o tal amigo (nome completo, nº de registro no CREA, local e data de sua última aparição, etc...). Barbosa também alegou que, "no passado", havia trabalhado para o serviço secreto da Marinha; entretanto, na citada reunião no bairro do Flamengo, corrigiu aquela afirmativa esclarecendo que o referido serviço (secreto) era do Exército, e não da Marinha.

Pela ocasião do nosso regresso ao Rio, ficamos impressionados com o relacionamento então existente entre Barbosa e os meios de comunicação. Os seus contatos haviam se avolumado como uma bola de neve...

Ficamos igualmente surpresos quando, na mesma época, tivemos conhecimento de que outros ufólogos não houvessem, pelo menos, procurado conhecer o passado de Barbosa, antes de lhe dar crédito. Isto porque esse ufólogos haviam comparecido à reunião do Flamengo e, portanto, ouvido as restrições feitas por Diretores da SBEDV a determinadas afirmativas de Barbosa.

Há treze anos atrás, (agosto de 1967), quando nos procurou, Barbosa era Diretor Empresário de duas firmas, no Rio de Janeiro: BUCA - Promoções Artísticas (rua Ambiente Cavalcante, 406 - Rio Comprido), onde também fomos recebidos como sendo sua residência); PORTUGÁLIA DISCOS LTDA (rua do Acre, 47 - Sala 814), onde fomos recebidos; e rua Visconde de Inhaúma, 50 - sala 1205, de acordo com o correspondente cartão de visitas, da época). Temos, em nosso arquivo, os dois cartões de visita e também uma carta de 21/08/67, assinada por Edilcio Barbosa do Nascimento, solicitando um encontro com a Diretoria da SBEDV.

Naquela época, depois de se "esquecer" do tal "amigo perdido", Barbosa se propôs a ajudar a SBEDV, porém de forma inusitada e ardilosa. Sendo ele militante nos meios promocionais, colocaria as suas empresas à nossa disposição, a fim de angariarmos "fundos para pesquisas", por meio da realização de "festinhas artísticas". Para es-

sas festas, as empresas dele fariam recrutamento de jovens (moças e rapazes) que, depois de aprovados nos testes artísticos, deveriam (segundo o Barbosa) passar por um exame de aptidão física; o exame físico (de acordo com o Barbosa) deveria ser feito pelo presidente da SBEDV (médico). As tais festinhas, Barbosa realizaria em um "terreno de um amigo" (dele), em "local ermo, nas cercanias de Niterói", onde (segundo o Barbosa) os jovens seriam então preparados para futuros contatos com extraterrestres".

Diante deste quadro, que nos permitimos qualificar de patogênico, o nosso "iluminado" pretendia levar ao ridículo a SBEDV, bem como nos enquadrar como aliciadores e corruptores de menores, etc... É óbvio que não havia coincidência entre os interesses da SBEDV e os de Barbosa ... (ou de quem ele seria porta-voz).

Isto posto, afastamo-nos deste cidadão e não mais o vimos, até que, ocasionalmente, o fomos encontrar na tal reunião no bairro do Flamengo. Não teríamos ido, se soubessemos que se tratava dele, em vista dos antecedentes expostos.

A bem da verdade, também declaramos sempre (em 1967 e agora em 1980) nos tratou de maneira educada e cortez, além de manter uma palestra lúcida que demonstra uma indubitável sanidade mental, tendo isto sido por nós retribuído em todo o decorso dos nossos contatos.

Estes fatos mereceriam, é claro, ser investigados pelos ufólogos que deles tomaram conhecimento, bem como uma "encenação" anterior, semelhante à de Casimiro de Abreu, ocorrida em Nova Lima, município próximo a Belo Horizonte. Embora frustrada, como alegou Barbosa, ela teria servido, de objeto de pesquisa por parte de ufólogos, de órgãos de comunicação, de TV, etc. A propósito, fazemos votos para que todos se compenentrem do seguinte: A Ufologia cor responde à pesquisa "in loco".

Na época, poderíamos ter colhido, junto à Prefeitura de Nova Lima, informações sobre a veracidade, ou não, dos fatos apontados por Barbosa. Parece que o Prof. Húlvio B. Aleixo, do CICOANI, de Belo Horizonte, usou desse cuidado, pois condenou, antecipadamente, o novo "ensaio" de Barbosa em Casimiro de Abreu. (Jornal do Brasil de 08/03/80: "Especialista em Ufologia garante que nenhuma nave desce em Casimiro de Abreu").

Outra faceta da "encenação" ocorrida naquele município fluminense, que merece exame, foi o apoio oficioso dispensado à mesma.

Em 05/03/80, publicava o "Estado de São Paulo" que "... boa parte da oficialidade da Base Aeronaval de São Pedro D'Aldeia devia se deslocar para a cidade de Casemiro de Abreu ... (embora) a Marinha Brasileira não tomasse conhecimento oficial sobre a história da descida do DV..." O mesmo órgão de imprensa, em 07/03/80, informou que "... o prefeito Cêlio Sarzedas (de Casemiro de Abreu) requisitou a presença de 280 soldados que virão especialmente de Niterói..." e o jornal "Cidade de Santos" de (28/03/80) argumentou, posteriormente à farsa "... que não é só Edilcio (Barbosa) e o "grego" (Athanasios Skallitzis - de Lima Duarte - MG) que induziram a Prefeitura (de Casimiro de Abreu) a entrar (no ensaio) tendo custeado salários extras.

E antes da data do "ensaio", em 6/3/80, o jornal "O Dia" publicou que o Delegado Edgard Façanha, assessor de comunicação social, "... ao final da reunião mantida no CCOS (Centro de Controle de Operações de Segurança) disse que ... na hipótese de um extraterreno criar tumulto, será evidentemente preso, pois, como acontece aos habitantes da Terra, todo estrangeiro é obrigado a se submeter às leis do país onde se encontra, o que justificava a prisão..."

OBSERVAÇÃO I

Fernando Cleto de Nunes Pereira (F.C. de N.P. no Bol. da SBEDV nº 112/115 pag. 16 e nº 116/120 página 3), um dos ufólogos mais abalisados para interpretar as tendências do governo, há tempos nos opinou que "em caso de aterrissagem, os ufonautas deveriam ser logo cercados por elementos militares, se houvesse tempo e disponibilidade para isso..."

OBSERVAÇÃO II

É claro que um fato inusitado, como uma aterrissagem ostensiva de extraterrestres, teria exercido um forte impacto emocional sobre a multidão avaliada em torno de 30.000 a 50.000 pessoas. Pelo menos, observar-se-ia, nas massas uma forte emoção sujeita a ser interpretada como "tumulto", pelos órgãos de segurança.

No caso de ter havido apoio oficioso ao "ensaio" de Barbosa, isso poderá ser justificado da seguinte maneira:

Em conexão com isto, permitimo-nos lembrar, mais uma vez, ao leitor, a função da Rand Corporation (o "pequeno Pentágono da Força Aérea), que deu origem ao "Public

Education Group" (PEG): tem o fim de interessar governos estrangeiros, na questão UFO. Recordemos, ainda, que o astrônomo Hynek, na qualidade de diretor do UFO Center (em Evanston - Chicago, e também fundado pela Rand) é, igualmente, diretor do PEG.

1º - A primeira hipótese a ser considerada seria o estudo psicológico das massas, frente à presença de extraterrestres. A CIA (Central Intelligence Agency), interligada, neste sentido, com todos os serviços secretos do Ocidente, poderia estar interessada em proceder a estudos psicológicos dessa natureza. Do nosso ponto de vista ufológico, o resultado de semelhante teste teria sido positivo, tendo em vista o autocontrole da multidão durante a expectativa da aterrissagem e mesmo quando se sentiu ludibriada;

2º - A nossa segunda hipótese prende-se àquilo que já tivemos a oportunidade de expor no Bol. da SBEDV, nº 128/131, pág. 14 e 15, sobre o interesse que, no momento, têm os serviços secretos de, "a todo vapor", penetrar no campo ufológico e, se possível, dominá-lo por inteiro, inclusive, com o estabelecimento de um intercâmbio extra terrestre, controlado por país ou países da Terra (Estados Unidos? Rússia? China?).

O "ensaio" de Casemiro de Abreu, do qual participou elevado número de agentes de segurança, teria servido se tivesse ocorrido a aterrissagem anunciada, como um trampolim (terrestre), para forçar um futuro relacionamento com extraterrestres. Não que acreditemos na possibilidade de uma vitória nossa sobre os seres que nos visitam. É claro que este ponto de vista seria (é) de âmbito exclusivo das forças de segurança.

Para que o leitor possa inteirar-se melhor das hipóteses aqui aventuradas, vamos transcrever alguns tópicos do plano concebido por Miles Copeland, ex-agente da CIA ("Jornal do Brasil", 04/05/80), com o fim de facilitar a retomada da Embaixada Americana no Teerã e a conseqüente libertação dos reféns. Substituindo-se os termos militar por "político", Embaixada por "campo ufológico" e soldados iranianos por "pesquisadores ufológicos", ficaria assim redigido o plano idealizado pelo referido ex-agente: "... a equipe "A", que entraria no campo ufológico, teria os seus membros como a aparência exata de ufólogos... e a equipe "B", a de apoio político, teria os seus componentes disfarçados em um grupo de pesquisadores ufológicos... com toda a probabilidade de o serem realmente..."

OBSERVAÇÃO DA SBEDV:

Lembremos que, no passado, conforme informou o Boletim da APRO (Agosto 1975), Hynek esteve envolvido com as seguintes situações:

- a) como associado ao projeto "Blue Book", da Força Aérea Americana, era representante da ATIC (Espionagem Espacial Tecnológica);
- b) como associado ao Comitê Robertson, estava ligado ao OSI (Office of Scientific Intelligence - Escritório de Espionagem de Assuntos Científicos) e ao DDI (Directorate of Intelligence - Chefia da Espionagem da CIA). Assim sendo, como poderíamos confiar neste homem (Hynek) que, atualmente, em viagens internacionais (também no Brasil), se apresenta como divulgador e esclarecedor do fenômeno UFO e tripulantes extraterrestres?...

Atualmente, esta engrenagem toda está ocupada na luta física e psicológica em oposição ao problema extraterrestre em geral. Ainda que Barbosa não soubesse previamente dos pormenores da trama, devemos lembrar que foi sobejamente anunciado, pelos jornais, o envolvimento de forças de segurança no preparo do "ensaio" de Casemiro de Abreu. Logicamente, Barbosa devia saber de tudo isto, e também do condicionamento destas forças, não sujeitas às ordens dele, mas ao comando geral (o qual, por enquanto, desconhece oficialmente por inteiro a ufologia e a presença de extraterrestres entre nós).

Seja como "inocente útil", seja como agente consciente de ligação das forças de segurança, Barbosa teve papel marcado de atrair os extraterrestres para uma armadilha (se nós abstrairmos de considerar tudo como um teste psicológico, de acordo com o que já expusemos anteriormente). Aliás, o jornal "O Fluminense" (30/03/80), de Niterói, noticiou que a testemunha Rogério de Lima teria visto, junto com seu grupo, um DV às alturas, na hora e local indicados. Também a SBEDV recebeu de São Paulo, carta de grupo ufológico o qual na ocasião, teria feito foto deste ou de outro DV.

Se tivesse realmente havido uma aterrissagem de extraterrestres, seguida de explicável comoção e movimento das massas, a interpretação disto caberia ao critério do Comando da Segurança. Se fosse interpretada como tumulto, poderia ter havido até confronto terrestre-extraterrestre, daí resultando sérios riscos para cada uma das partes. Aliás, nesta última hipótese Barbosa teria se transformado, junto às massas, numa isca e armadilha eficiente para atrair

os extraterrestres. Em suma, teria se constituído em ótimo agente da "equipe B" já explanada linhas atrás.

OBS.: Quanto aos ufólogos que naquela ocasião eventualmente estiveram presentes em Casemiro de Abreu, ignoramos se a priori tiveram as mesmas precauções que estamos aqui delineando.

Focalizemos ainda a tal equipe "B", agora não mais no âmbito delimitado local, de Casimiro de Abreu, mas em âmbito mundial. Não devemos esquecer de que a atual campanha contra a atuação da CIA no campo ufológico seria liderada, como tudo nos faz crer, por pessoas que, se não fazem parte da mesma, pelo menos, no passado, teriam dirigido a campanha de despistamento ufológico, por exemplo, conforme Richard Hall, então da NICAP. Hall agora é editor do MUFON Ufo-Journal; no número 145 deste, página 11, no artigo "The bitter truth" (a verdade amarga), Hall (ex-diretor do NICAP) denuncia o "recente" envolvimento desta organização (NICAP), com a CIA. Entretanto, Hall nada fala em relação ao fato de que o fundador do NICAP era o próprio ex-diretor da CIA, o Vice-Almirante R.H. Hillenkoetter (segundo o Simpósio sobre os Ufos, do congresso norte americano, em 1968, pag. 32). Hillenkoetter "julgou ser imperativo determinar a origem e os propósitos dos Ufos..." e, mais tarde foi substituído, na presidência do NICAP, pelo coronel Donald Keyhole, também da Marinha. Este último era segunda do pelo seu diretor-assistente, Richard Hall. E isso foi num período de quase dez anos, de 1958 a 1967. Hall foi ainda, "Consultante" (de 1966 a 1967), do Projeto "Ufo", da Universidade de Colorado (SBEDV: correspondendo este Projeto evidentemente ao famigerado "Comitê Condon", sobejamente conhecido hoje em dia).

Já no ano de 1960, informava o Bol. da NICAP (Julho/Ag. 1960) que, além daquele ex-chefe do serviço secreto, eram também, membros da mesma entidade, seis oficiais superiores da Força Aérea Norte-Americana, juntamente com mais duzentos oficiais das forças armadas.

Qual seria a razão de Hall tão abruptamente denunciar a organização da qual antigamente fazia parte?

Em 1959, o capitão Ruppelt, da Força Aérea Americana, publicou um livro que foi editado em português ("Discos Voadores" - 1959 - Edit. Europeia do Livro - São Paulo). A tradução foi realizada pelos seguintes dois brasileiros: o advogado paulista, Dr. Escobar Faria, sócio de Richard Hall na então edição brasileira (São Paulo) do Bo-

letim ufológico "Ufo Critical Bulletin"; o comandante de aviação civil, Aurifebo B. Simões. Usando uma fina e elogiável perspicácia, os tradutores analisaram o fato de Ruppelt haver criticado a Força Aérea Americana. Transcrevemos a seguir, usando também observações nossas, alguns trechos dos comentários dos tradutores, inseridos na edição brasileira (pag. 335):

"... Ruppelt) não vacila em criticar por vezes acerbamente essa mesma Força (SBEDV: que faz segredo em torno dos extraterres), como então (Ruppelt) escreveria um livro encomendado e pago por um órgão oficial ao qual crítica? (SBEDV: Ruppelt foi chefe do Projeto "Blue Book", da Força Aérea Norte-Americana) ... seria de cogitar-se que mesmo as suas críticas foram previamente aceitas por aquele órgão oficial (SBEDV: pelo Projeto Blue Book e pela Força Aérea), a fim de dar ao livro um caráter de independência ... e de despistamento" (SBEDV: os sublinhados são nossos).

Será que Hall, à semelhança do capitão Ruppelt, está formulando essa crítica apenas como despistamento? Seria uma preparação a respeito de fatos que deverão ocorrer e que pertencerão, em breve, ao domínio público? Ou será que o papel de verdugo, assumido por Hall, serve para abafar ou impedir um escândalo maior?

OBSERVAÇÃO

Há pouco tempo o jornal "O Estado de São Paulo", 14/02/80 noticiou que os próprios (envolvidos) da justiça (nos EUA) abafaram os elementos comprobatórios do suborno de sete deputados e um senador; isto aparentemente para evitar um "escândalo de conseqüências incalculáveis", talvez até a queda do próprio governo. Apenas se deu o alarme inicial quando se conseguiu descobrir a trama; para isto, o FBI usou o expediente de disfarçar, em xeiques árabes, alguns dos seus agentes secretos.

Será que Hall, numa próxima atitude, irá denunciar o próprio professor Condon (já falecido), com o comite do qual ele, Hall, havia cooperado no passado, como já citamos antes?

Talvez Hall pule mais alto ainda, e acuse o próprio Hynek pelas ligações que manteve (SBEDV: ainda as mantêm?) com as seguintes organizações: com a CIA, através do Robertson Comitê, no Projeto Blue Book, da Força Aérea; com a Rand Corporation ("o pequeno Pentágono" da Força Aérea), o que valeu a Hynek a direção do Ufo Center, em Evanston, Chicago.

Talvez, Hall esteja fazendo tudo isso para conseguir maior credibilidade para si e para a sua organização (a MUFON). Para tanto, Hall estaria afastando apenas os elementos que, pelo seu relacionamento aberto com a política e a CIA, possam comprometer não só a sua (de Hall) própria situação, mas, também, a da MUFON.

OBSERVAÇÃO

No Brasil, a MUFON tem como representante o nosso amigo e competente ufólogo Victor Soares, de Gravataí-RS, que há pouco visitou-nos aqui no Rio. Poderia então ele colaborar na decifração das dúvidas?

Em síntese, no presente, o político Hall estaria ocupado em disfarçar-se de verdadeiro ufólogo, como agente da "equipe B" antes citada?

Na Baixada Fluminense, no Rio de Janeiro, tal tipo de procedimento é conhecido como "queima de arquivo". Isto se dá quando indivíduos ligados a uma atividade ilegal, ou a uma sociedade "mafiosa", procuram eliminar testemunhas que poderiam representar perigo para as suas futuras transações.

Aí estão algumas peças do "quebra-quebra" ufológico; seu desenrolar é acompanhado com o máximo interesse, por civis, militares, ufólogos independentes e também aqueles comprometidos com a política.

CIPEX e GENA

Congressos Ufológicos

2004

Acreditamos que o leitor, bem como a ciência ufológica, tenham grande interesse pelos congressos ufológicos. Sendo assim, achamos ser de bom alvitre um pronunciamento nosso a respeito do assunto.

A ufologia não conta com a disposição dos meios publicitários para a sua comunicação com as massas. Assim, acreditamos que os congressos ufológicos seriam um meio - embora limitado - de alguns círculos do povo obterem informações sobre dados da pesquisa ufológica.

No Boletim da SBEDV 104/111, pág. 9, fizemos a seguinte afirmativa a respeito desses congressos: "... os serviços políticos específicos preparam com antecedência... baixo rendimento, ridicularizações públicas,... a oportunidade para vir à tona uma série de temas não objetivos, tendo em vista a desinformação a um pretensão preenchimento do "vazio" justamente pretendido..."

Nessa ocasião evidenciamos a necessidade dos congressos ufológicos serem precedidos de um "preparo". Nesse estágio de "preparo" colocar-se-iam em discussão as listas das pessoas homenageadas, bem como dos participantes e seus temas.

Hoje, a respeito de tais congressos, achamos positivo acrescentar outras considerações;

1º - os ufólogos teriam a oportunidade de se definirem, em público, a respeito da posição da política; assim, lhes caberia opinar se a política deve ou não intervir na ufologia. No caso de uma abjuração deveria o ufólogo assumir um compromisso de não mais atacar, publicamente, as testemunhas sob pretexto nenhum. Só assim, as tensões, acumuladas no passado, poderiam ser evitadas.

2º - esse ataque às testemunhas equivale a um ataque à ufologia, porquanto todas as testemunhas são gente do povo que também assiste aos congressos ufológicos. Desta feita, a intimidação pública das testemunhas só dá origem ao retraimento de futuras testemunhas; portanto, conduz à estagnação da pesquisa.

3º - o sensacionalismo deve ser evitado nos congressos. Em seu lugar, deve surgir um ensinamento dos parâmetros mais simples da pesquisa ufológica. Procedendo desta maneira, os ufólogos tendem a ganhar valiosas contribuições oriundas

do selo do povo que assiste a tais congressos.

4º - ainda, em relação às experiências subjetivas, devemos, nesses congressos levar em conta apenas o material de fundo objetivo é (efeitos concretos às vezes conseqüentes de eventos abstratos).

5º - para que esses congressos tornem-se dinâmicos para o público e também para os próprios pesquisadores, faz-se necessário:

- a) que os trabalhos sejam dirigidos por moderadores sensatos;
- b) que os moderadores tenham opinião equidistante das diversas matizes ufológicas;
- c) e ainda, esses moderadores devem estar completamente esclarecidos sobre o nível de conhecimento e de pesquisas ufológicas de cada uma das diversas entidades.

OBSERVAÇÃO

No nosso Bol. 129/131, já opinamos a respeito de como o conhecimento das pesquisas feitas por outras entidades pode ser alcançado. Contudo, cabe-nos enfatizar, novamente, da absoluta necessidade da publicação e da difusão das pesquisas, por parte de cada entidade.

(PARTE II - Continuará no próximo Boletim)

Não faz muito tempo, uma pessoa, envolvida na pesquisa ufológica, criticou-nos pelo fato de não termos prescrito a hipnose regressiva em uma determinada testemunha ufológica. Acontece, no entanto, que a tal testemunha, não apresentou perda de memória com relação ao episódio ufológico, nem resíduo traumático em consequência e nem manifestou vontade de deixar-se hipnotizar.

Há cerca de 5 anos atrás publicamos (Bol. da SBEDV nr. 99/103, pág. 16, item 2º, 1975) uma das nossas indicações para a hipnose regressiva (e narco-análise) na ufologia: "... armas do arsenal terapêutico no caso de neurose ou psicose traumática (pós episódio ufológico)".

No presente Boletim contamos com dois casos típicos para esta indicação terapêutica.

Um dos casos foi o de José Inácio Álvaro, por apresentar-se às 23,30 min, aproximadamente, à residência do ufólogo Luiz do Rosário Real, pronunciando as seguintes palavras: "... o caso que se passou comigo está me deixando muito preocupado e também muito nervoso.... pois eu mesmo não sei bem como foi que aquilo aconteceu...." (SBEDV: o grifo é nosso).

CIPEX e GENA

2004

OBSERVAÇÃO

A testemunha andava muito nervosa e preocupada no emprego e mais, estava transmitindo bastante insegurança. O médico da empresa julgou tratar-se de uma depressão nervosa; este estado emocional melhorou após a regressão em hipnose.

O outro caso foi o de Almiro Martins de Freitas, sendo que o deste foi muito mais típico para essa indicação terapêutica (Bol. da SBEDV nr. 74/79, pág. 17 a 28, Dezembro 1970).

Foi o Dr. Orlando da Fonseca (Cruz Vermelha - RJ) que admitiu a necessidade da hipnose para o caso dessa testemunha. Foi o primeiro caso ufológico brasileiro com indicação de hipnose.

Almiro, depois de ter sido atingido por um feixe de luz forte e de calor intenso, oriundo de um Disco Voador, adquiriu uma cegueira psicogênica.

Tudo aconteceu na represa do Funil, quando Almiro, o guarda noturno, atirou por três vezes com o seu revólver em direção ao Disco.

Tanto a primeira testemunha citada, quanto esta última, pareceram ter-se beneficiado com a regressão em hipnose ao episódio ufológico que haviam vivido.

No passado, também indicamos a hipnose na ufologia como meio de regredir a testemunha ao episódio, quando esta, em estado consciente, não conseguia lembrar-se dos acontecimentos ufológicos e/ou, para recuperar lacunas deixadas na memória da testemunha ("memória lacunar").

Foi esta a indicação para a regressão em hipnose, executada pelo Dr. Sylvio Lago em nossos casos das testemunhas Benedito Miranda (amnésia total); em Onilson Patero (amnésia lacunar) e em Clécia T.R., pelos mesmos motivos.

- Ver Bol. da SBEDV nr. 99/103, pág. 16, 17 e 18, 1975 e Bol. nr. 129/131, pág. 23, ver folha 1, ref. 1979.

Neste Boletim publicamos o resultado da hipnose regressiva, executada pelo Dr. Cid Filgueiras, por indicação do ufólogo, Luiz do Rosário Real.

A testemunha do caso foi o Sr. Assis Antônio Caetano de Ávila, que, em estado consciente, não conseguia lembrar-se de todos os acontecimentos que correspondessem ao período em que esteve no DV. Trata-se, portanto, de um caso suspeito de "amnésia lacunar".

O livre arbítrio da testemunha em estudo

Todos sabemos que a hipnose representa uma intervenção na mente de outra pessoa. Ora com efeitos passageiros, ora com efeitos duradouros. Por isso, deixamos a realização da hipnose - mesmo quando indicada - a critério da testemunha envolvida no episódio ufológico.

Mas, contra-indicamos o método nos casos onde nos pareça desnecessário. Assim, apoiamos, inteiramente, a recusa à hipnose manifestada, pelas testemunhas Paulo Couti

nho, pelo casal Ermínio e Bianca, Antonio Larúbia e pela testemunha Arlindo Gabriel dos Santos. No caso do casal Ermínio foram os próprios extraterrestres que a contraindicaram - enfaticamente.

A face medonha da hipnose

Durante duas dúzias de anos de pesquisas ufológicas, surgiram, à nossa frente, vários números de tentativas de silenciamento da testemunha ufológica por parte de entidades políticas.

Os temores em nossa mente, em relação à aplicação da hipnose em testemunhas ufológicas intensificaram-se quando à possibilidade de os ufólogos políticos conseguirem o silenciamento de uma testemunha, antes que ela pudesse relatar a experiência ufológica à comunidade.

Ficou evidente a possibilidade de a política tirar proveito da mente, de uma determinada testemunha, através da aplicação da hipnose. Assim sendo, parece-nos válido a hipótese, de que um ufólogo político inescrupuloso, durante a hipnose regressiva de uma testemunha, pode dar-lhe ordens pós-hipnóticas. Dentre tantas finalidades possíveis, uma poderia ser a de silenciar (ou modificar) eventuais futuros comentários, desta testemunha, a respeito do seu episódio ufológico.

CIPEX e GENA
2004

OBSERVAÇÃO

Em nosso Boletim nr. 99/103, pág. 16, 1975, já ventilamos essa hipótese.

Das sessões de hipnose que já realizamos, apenas, em um caso, foi dada ordem pós-hipnótica a uma das testemunhas Dna. Clélia T. R. O hipnólogo Prof.: Sylvio Lago procedeu desta forma no sentido de, no futuro, se desejasse, poder hipnotizar, com facilidade, a testemunha, novamente. Isso aconteceu devido ao fato do hipnólogo sentir e empolgar-se, para com a pesquisa.

OBSERVAÇÃO

O nível moral do Prof. Sylvio Lago ficou, claramente, avaliado diante da sua recusa em hipnotizar um detento. Assim, ele não atendeu ao pedido da polícia (segundo "O DIA Rio, 04/05/80) porquanto, sem que "..... o paciente concorde com a hipnose.... tal (submissão à hipnose) seria uma afronta aos direitos do cidadão...."

Também demonstrou estar livre de preconceitos quando, na sessão de hipnose regressiva (Bol. da SBEDV nr. 128/131, pág. 32 e 33), procurou entrar em contato com os ufonautas. Procedeu assim, apesar de achar extremismo a nossa (da SBEDV) concepção de que se trate de ufonautas extraterrestres.

Embora ocupando-se, tardiamente, com a ufologia, o professor Sylvio Lago está fazendo grandes progressos. Talvez isso se dava à sua filiação à APEX.

Os nossos temores em relação ao uso da hipnose na ufologia aos quais fizemos referência, estavam, até então, em estado larvado. É, com a leitura do livro "Operation Mind Control" (Manobras para controle da mente de outros), de autoria de Walter Bowart (Ed. 1978 - Del. Publishing Co-USA e comp. Fontan/Collins-Inglaterra), não só se confirmaram nossos temores, como nos deparamos com uma realidade chocante que ninguém podia prever.

O livro conta com pesquisas próprias e independentes. Mas ao lado dessas suas pesquisas baseia-se, ainda, numa série de artigos de outros autores, de obras colaterais. Assim, recebe esse livro um vasto acervo de confirmações que contribuem para as suas afirmações, as quais, parecem corresponder a uma realidade muito pior do que já havíamos imaginado.

A CIA é citada no livro. A longa data sob o código MKULTRA e MKDELTA fazia trabalhos básicos no sentido de alcançar um controle-hipnótico e pós-hipnótico perfeito das mentes de suas cobaias humanas (pág. 113). Segundo o contexto do livro foram feitos testes para o controle, senão a eliminação da memória destas vítimas (pág. 102).

Essas pessoas que participavam dessas experiências, não sabiam a que estavam sendo submetidas. Também, desconheciam as suas finalidades. Assim, tais pessoas, para facilitar a indução da hipnose, nunca eram abordadas em relação a um eventual acordo.

A hipnose era precedida de choque elétrico (cerebral), quando se desejava abreviação do tempo de indução (pág. 111). Em outros casos, essa indução era facilitada pela administração de substâncias químicas e de drogas (pág. 112). E, como sempre, a testemunha não era cientificada ou consultada sobre os métodos empregados.

OBSERVAÇÃO DA SBEDV I

As drogas sob forma de "coquetel lítico", entre nós, poderiam ser administradas através do cafezinho obrigatório. Seria a finalidade facilitar um ponto de partida para uma indução hipnótica, numa vítima, agora já indefesa.

OBSERVAÇÃO DA SBEDV II

Embora os jornais não denunciem ainda os abusos da hipnose (pela política), fazem a denúncia com relação às drogas, outro meio de interferência na mente. - Não faz muito tempo que os jornais mencionaram o uso de drogas pela política para fins inconfessáveis.

Liddy, um dos causadores do escândalo Watergate, no seu livro "Will" (St. Martin's Press, pág. 384, 13.9 dólares) conta que teve a pretensão de "acidentar" (.....:.) testemunha incômoda, e também com o fim de atingir o jornalista Anderson, planejou, esborrifar o ar com droga (LSD).

Era vontade de Liddy, também, "silenciar", Ellsberg, o dissidente da guerra do Vietnam. Para tal fim, pretendia juntar essa mesma droga (LSD) à sopa que Ellsberg tomaria. Contudo, a aprovação desse esquema foi enviada tarde demais pela CIA.

Ainda, em relação ao uso de drogas, na célebre tentativa de resgatar os reféns em Teerã, houve participação obrigatória de um "psicofarmacêutico... treinado em Artes Negras da Agência (CIA)." A respeito, o leitor poderá ver o Jornal do Brasil datado de 04/05/80: Miles Copeland ("Como a CIA salvaria os reféns").

Agindo dessa maneira inescrupulosa para a testemunha, seria possível a programação de várias sessões de hipnose na mesma pessoa. Na mente desta seriam implantadas, ainda, ordens pós-hipnóticas ligadas a uma chave convencional: o "signo-sinal". Uma palavra. Uma frase. Uma combinação de sons. Com isso, mais tarde, com a pessoa já em seu estado - aparentemente - normal; ouvido o "signo-sinal", seria desencadeada, espontaneamente, a "ordem recebida em sono hipnótica". Ainda, que esta ordem fosse contrária a índole moral da pessoa visada.

Sabemos que tais "ordens pós-hipnóticas", uma vez ancoradas na mente de uma determinada pessoa, podem, ali, permanecer em estado latente - à espera de ouvir ou ver o "signo-sinal" - durante pelo menos, 15 a 20 anos. E assim, prontas a serem executadas a qualquer momento.

O livro cita uma destas vítimas, que após ter sido utilizada numa tarefa de cor-reio, para fins de espionagem, talvez por ter-se tornado incômoda havia sido "programada para o "suicídio".

Por acaso, essa vítima casou-se com um homem conhecedor de hipnose.

O marido desconfiando do estranho comportamento de sua esposa-vítima, colocou-a em estado hipnótico. Lentamente, ele foi desvendando toda a trama, na qual sua esposa havia sido exposta no passado, inclusive o seu suicídio já programado.

O livro de Bowart cita, ainda, um outro livro: "The Mind Manipulations" (manipuladores da mente). Os assassinatos, de J. F. Kennedy, Robert Kennedy e Martin Luther King estariam possivelmente associados a uma programação prévia. Assim, os assassinatos desses homens teriam sido preparados, antecipadamente. Isso por meio de sessões preparatórias intensas de hipnose com as respectivas ordens pós-hipnóticas implantadas nas mentes dos executores. Ordens estas, que seriam por exemplo puxar o gatilho quando aparecesse na mira tal ou qual pessoa, tal ou qual automóvel.

Como em todos os demais casos, as pessoas hipnotizadas eram vítimas; também, pois participavam das tramas, inconscientemente.

CIPEX e GENA
2004

A nossa posição no passado

Já há 5 anos, a SBEDV (BoI. 99/103, pág. 16, item 3), temendo a intromissão da política no assunto hipnose, propôs a constituição de uma "... junta de 3 médicos para assistir as sessões de regressão (em hipnose), quando estas fossem necessárias para fins de tratamento (de saúde)...".

Na mesma ocasião, deixamos dito, que a presença ou não de ufólogo nas sessões, só se justificaria se fosse desejo expresso pelo paciente.

Infelizmente, no decorrer desses 5 anos, o assunto dos extraterrestres não avançou em direção à sua oficialização. Houve sim, uma invasão ainda mais maciça da matéria por parte da política e, em consequência - ignora-se até hoje qualquer idéia de proteger as testemunhas.

Avançou a ufologia? E avançou de maneira desrespeitosa. Haja visto o caso de Casemiro de Abreu e outros, na ONU por exemplo, onde a política fez da ufologia o seu escarneo.

As nossas idéias no presente

Devido à situação do assunto extraterrestre, pela tomada ostensiva e ocupação integral por parte da política, acreditamos ser de bom alvitre o nosso distanciamento do emprego da hipnose, na ufologia, com exceção quando arma terapêutica.

Não pretendemos com a nossa atitude modificar o desenrolar dos acontecimentos. Contudo, pode, esta posição diante do assunto "hipnose", servir de estímulo ou, pelo menos, alerta aos outros.

Um bom exemplo não deixa de ser um bom exemplo. Assim, a SBEDV, representada pelos seus presidentes, José Augusto da Costa Jr, Lulo Duncan de Lima Rodrigues e Paulo Manzo, a alguns anos, também, serviu de exemplo no sentido de propalar com coragem a existência dos extraterrestres. (combatida pela política durante mais de 20 anos).

Hoje, mais do que nunca, a ufologia continua "terra sem dono, terra de ninguém". E sendo assim, sabemos que as nossas sugestões foram passando sem vingar, devido a um combate intensivo a esse assunto em nosso globo terrestre.

Portanto, infelizmente, as nossas palavras de 12 anos atrás, publicadas nos nossos Boletins 62/65, pág. 47/48, 1968 ainda, hoje são válidas. Recordemo-nos: "... as poucas informações adicionais (em relação a amnésia lacunar) extraídas pela aplicação de métodos (hipnose e narco-análise), nem usados (hoje) perante os nossos tribunais criminais.... além.... de terem aspectos inquisitoriais medievais, não servem para fortalecer a opinião pública (em relação ao assunto UFO, extraterrestre).

OBSERVAÇÃO I

De certo, seria esta fortalecida se os governos cessassem de aplicar leis de espionagem e abrissem os seus arquivos cheios de provas, em favor, e de despistamentos contra a existência dos extraterrestres.

OBSERVAÇÃO II

Em nossa Sociedade, em nossos tribunais, a sinceridade de uma pessoa não é testada através de uma hipnose. Mas sim, por meio de um exame minucioso do seu passado, psicológico e familiar.

Uma outra alternativa ainda, uma descoberta recente, seria o exame do tom e timbre de voz que a pessoa tenha usado ao relatar a experiência questionada. Oportunamente, serão publicados neste Boletim, maiores detalhes sobre esse método (ver Manchete nr. 1416, Rio, 8/6/79 - "...um relógio, capaz de detectar a tensão na voz, é a nova arma americana contra vigaristas").

O livro de Bowert, também, deixa claro que a "hipnose de não deixar completamente inocua...". A SBEDV, há 5 anos atrás, já dizia o mesmo a respeito: ela representa um perigo real para a integridade física e psíquica do hipnotizado. E justificava: ela está sendo manipulada pela política, a mesma que já conseguiu cercar a penetrar, em larga escala, há muito, a ufologia.

Deste modo, pretendemos deixar esclarecido, o perigo que a aplicação da hipnose no campo da ufologia pode encerrar. Não queremos condenar. Queremos é alertar aos colegas.

CIPEX e GENA
2004

Conclusões

Em resumo, achamos que a hipnose, mesmo passageiramente, representa uma intervenção na mente humana (e assim também no livre arbítrio de uma pessoa). Com a ufologia oficializada e os contatos com os extraterrestres estabelecidos, em larga base, a hipnose não será mais necessária no campo ufológico.

Se o nosso alerta, no que se refere à hipnose, for acatado por alguns, como uma advertência para a cautela, por outros, nos sentiremos deveras satisfeitos.

Condenamos, sim, o uso (e abuso) por parte da política de drogas e, também, da hipnose. Contudo não excluimos a ciência propriamente dita e a pesquisa em geral. Assim, cabe dizer, que apoiamos a pesquisa quando se trata de usar a hipnose em benefício da saúde da humanidade. Portanto, apoiamos as pesquisas de um Sr. Fernandes Álvaro. Sabemos que ele procura curar os seus pacientes. O mesmo dizemos a respeito do Dr. Eliezer Mendes ("Personalidades incluídas") que tem contribuído para cura de pacientes, até então, tidos como, completamente, incuráveis.

OBSERVAÇÃO

Entretanto, endossamos Coral Lorenzeu, diretora da APRO, quando faz uso da hipnose em tratamento anti-câncer e em substituição da quimio e radioterapia, como relata em "From Friend to Friend".

Costumamos ser coerentes nas nossas posições. Assim, mesmo sabendo, que Coral Lorenzeu pertence a uma organização política, como a APRO, endossamos o seu trabalho nesse sentido.

Sabemos que a quimio e a radioterapia, longe de combater apenas as células cancerosas, também enfraquecem as defesas naturais do nosso corpo. Estas defesas são

constituídas principalmente pela reação imunológica do organismo afetado e talvez reforçadas pela hipnose.

Mas, nossas portas continuam abertas para aqueles que desejarem opinar sobre o assunto, opiniões estas que serão consideradas e publicadas, se necessário, em próximos Boletins.

Ainda neste próximo Boletim, apresentaremos um trabalho pioneiro de grupo jovem. Esse trabalho será capaz de revolucionar não só a pesquisa ufológica, mas talvez o aspecto atual tenebroso da hipnose.

Também aí publicaremos outro caso já investigado por meio de hipnose regressiva.

CIPEX e GENA
2004

5 – GRANDES MANOBRAS EXTRATERRESTRES NA FAZENDA DO SOBRADO, BEAPENDI – MG.

APRESENTAÇÃO DO MATERIAL

- | | |
|--|---|
| 5. 1 - 0 Resumo | 5. 7 - Sondas extraterrestres avistadas no país em outras ocasiões. |
| 5. 2 - Dados sobre o episódio | 5. 8 - Avistamentos anteriores de DV por Arlindo e seus familiares |
| 5. 3 - 0 relato do episódio | 5. 9 - A percepção dos extraterrestres |
| 5. 4 - Seqüência do episódio e das pesquisas | 5.10 - Monitorização por meio de aparelhos extraterrestres |
| 5. 5 - Focalização de uma pesquisa científica | 5.11 - A fala dos extraterrestres |
| 5. 6 - Considerações sobre provas materiais do episódio | 5.12 - Crítica ao comportamento extraterrestre |
| 5. 6-1 - As fotos | 5.13 - Explicação das figuras relativas ao texto. |
| 5. 6-2 - Indício de magnetismo presente nas armas | |
| 5. 6-3 - Impressões e letras ou sinais deixados no embornal | |
| 5. 6-4 - As impressões deixadas no chão pelo trem de aterrissagem da <u>na</u> <u>ve</u> . | |

5.1. RESUMO

O fazendeiro, Arlindo Gabriel dos Santos, durante um passeio pela fazenda, observa a descida vertical de 4 estranhos engenhos. Consegue fotografar três deles - da forma de obus ou torpedo - com a máquina fotográfica Tuca que trazia consigo.

Quando tenta fotografar o quarto - que tinha formato de um DV convencional - é ofuscado por uma luz de grande intensidade. Fica tonto e começa a fugir, mas deixando no local o embornal que trazia consigo. No entanto, sua fuga é impedida por forças desconhecidas. Em seguida, é agarrado por dois ufonautas e levado ao Disco Voador.

No Disco, se estabelece uma troca de opiniões e o fazendeiro é posto em liberdade. Depois vai reunir-se, novamente, aos seus companheiros de passeio, que havia deixado para trás.

Juntamente com os companheiros, procura o embornal, porém não o encontra, no lugar, onde o havia deixado. Mas, no dito local, ainda se podem verificar as impressões, no chão, deixadas pelas quatro estacas de sustentamento do referido Disco Voador.

Semanas depois, quando uma equipe ufológica pesquisa o terreno, encontra o bernal. Neste, acham-se delineados certos dizeres e desenhos - uma mensagem talvez - possivelmente feitos pelos ufonautas.

Verificou-se, também, que o conteúdo do bernal estava faltando: faltavam as duas balas para espingarda, a lata de sardinha, o abridor de lata e o bolo, que Arlindo leva como provisão para o passeio.

5.2. DADOS SOBRE O EPISÓDIO

PROTAGONISTA - um dentre os oitos herdeiros da fazenda Sobrado.

NOME - Arlindo Gabriel dos Santos.

IDADE - 32 anos.

RESIDÊNCIA - Fazenda do Sobrado.

A Fazenda - tem, aproximadamente, área de 130 alqueires, com extensão de 6 km Norte-Sul e um tanto Leste-Oeste.

Local do Episódio - o acesso ao vale é o mesmo da localidade de Arraial. A Fazenda situa-se a uns 33 km da estrada Engenheiro Passos - Caxambú, BR 354, com entrada à direita, um ponto antes do local dos altos fornos de Caxambú, a cerca de 12 km antes de Baependi.

Data do Episódio - 16/05/79, uma quarta-feira.

Datas de Pesquisas pela SBEDV - 01/12/79; 22/12/79 e 17/02/80.

Datas de Pesquisa pela Equipe Varginense - 14/07/79 - 61 dias após o episódio.

Data de Pesquisa ou Visita da "TV GLOBO" - Rio -

- 02/1980 - através do repórter Bob Pratt, do National Inquirer (Miami), acompanhado da pesquisadora carioca Irene Granchi.

5.3. RELATO DO EPISÓDIO

Introdução

Parte da fazenda Sobrado situa-se próximo à nascente do rio Jacu, numa bonita várzea, de cerca de 1 km de largura por 2,5 km de profundidade, ladeada por morros de 300 a 400 m de altura, de formação rochosa, com pedreiras (algumas íngremes) e uma vistosa cachoeira. Do lado sul, além dos morros que cercam o vale, estende-se um pequeno planalto (SBEDV: daí o nome "Sobrado"?), coberto de capim rasteiro, entremeados de tufo altos, de uma variedade de capim da serra. Vêem-se, ainda, pequenos bosques sulcados por grotões, onde se situam as nascentes dos riachos e quedas d'água, e que servem de refúgio à fauna local.

Foi neste planalto, 300 a 400 m acima do nível da casa da fazenda e aproximadamente 2 a 3 km distante da mesma, em linha reta, que se deu a aterrissagem extraterrestre.

Esta parte do terreno não é usada para fins agrícolas, mas sim, para a criação do gado da fazenda.

Era intenção do Sr. Arlindo inspecionar essa parte da sua fazenda. Para isso, acertou, com dois amigos, uma excursão com aquela finalidade, a qual teve lugar no dia 16/05/79. Muniu-se, então, de seu bernal, de sua máquina fotográfica "Tuca", de uma espingarda e de um revólver tendo calibres respectivamente de 28 e de 32 mm.

Relato

Avistamento e Fotos do 1º Objeto

Arlindo e seus companheiros haviam saído por volta das 8 h da manhã. Quando, por volta das 16 horas, estavam num bosque si-

2004

tuado naquele planalto e a uns 3 km em linha reta da fazenda, Arlindo resolveu separar-se dos companheiros. Assim, cobririam mais terreno.

A testemunha então atravessou uma gruta e saiu da mata. Nessa ocasião, viu, à sua frente e a uma distância de uns 500 metros, cair do céu um objeto em velocidade meteórica. Entretanto, devido a uma crista do terreno, Arlindo foi impedido de ver o ponto do impacto do objeto no chão.

Dobrando essa crista - após uma caminhada de uns 300 metros - (veja local a no mapa da fig. 0), Arlindo pôde ver, a 180 m adiante, um objeto, em pé, no chão (ver fig. A). Esta distância foi posteriormente medida pelo grupo varginense de pesquisas.

Dados sobre os Objetos

O 1º Objeto

O 1º objeto estava no chão. Era de forma cilíndrica e de cor amarela. Tinha uma largura aproximada de 50 cm (dois palmas) e quase 1,5 m de altura.

O cilindro estava apoiado, embaixo, numa base escura. Essa base era um terço, aproximadamente, mais larga que a do cilindro. Em cima, o cilindro estava coroado por uma esfera, cujo diâmetro era igual ao do cilindro.

Essa esfera, rapidamente, de meio em meio segundo, mais ou menos, como que acendia nas cores branca e vermelha (Lafrafilme 128 - MG).

O cilindro, na sua extremidade superior, junto à base de apoio da esfera, em cada um dos lados, alargava-se, horizontalmente, em duas "asas" escuras. O contorno dessas "asas" era quase que parabólico. Sendo que a distância, entre si, das extremidades das asas, correspondia aproximadamente ao dobro da base de apoio do cilindro.

Arlindo ficou, por uns 2 a 3 minutos, observando, quando, então, se lembrou da sua máquina fotográfica. Moveu o filme - e bateu duas fotos do objeto, as primeiras deste mesmo filme (ver ampliações em A1 e A2).

Devido à longa distância e ao fundo escuro da paisagem, o objeto é visível, apenas, como uma mancha branca. Isso nos fez deduzir que, parte desse objeto, bem como os objetos seguintes fotografados, irradiavam (de algumas das suas peças) uma forma de luz ou energia que impregnava os sais de prata do celulóide.

Alguns dados, relativos às dimensões dos objetos, o leitor encontrará nas figuras referentes ao texto respectivo.

O 2º Objeto

A testemunha havia deixado de observar o objeto por alguns instantes. Quando, novamente procurou enquadrá-lo, o mesmo havia desaparecido, por meio misterioso, por quanto não o havia visto subir, nem a maneira como desapareceu.

Arlindo resolveu investigar o local. Assim, em mais ou menos meio minuto, havia caminhado uns 50 metros, em direção ao local. (Ver ponto b no mapa da fig. 0). Nessa ocasião, desceu do céu um outro objeto que se fincou no chão, a uma distância de 46 metros da testemunha - a distância foi medida, posteriormente, pela equipe varginense de pesquisa ufológica.

A forma desse objeto era ovóide. Seu diâmetro longitudinal, de aproximadamente 1 metro, estava em posição vertical e apresentava, embaixo, uma haste de uns 20 centímetros. Na ponta dessa haste, havia uma espécie de espada, de cor vermelha - Letra filme 128 - MG - que se fincou na terra, mantendo o corpo ovóide (com a parte mais alargada para cima) fixado ao solo. Na expressão de Arlindo, esse objeto parecia com um pão ("piorra").

Na parte superior do corpo ovóide, achava-se assentado um cilindro curto (uns 5 cm de altura), de 10 a 15 cm de diâmetro. Sobre o cilindro, girava uma hélice (em sentido anti-horário, quando vista por cima), em plano horizontal, lentamente, completando uma rotação em aproximadamente cada segundo.

OBSERVAÇÃO

Arlindo, na figura "B", no seu croquis do objeto em vista lateral, por engano desenhou a hélice em planta baixa. Também, no seu croquis do objeto, não enfatizou graficamente a forma ovóide; o leitor então poderá imaginar que teria sido elipsóide.

A hélice era formada por uma roda, de uns 50 cm de diâmetro, que apresentava 4 hastes eqüidistantes. As hastes achavam-se implantadas num ângulo de, aproximadamente, 45 graus e estavam inclinadas, no sentido da rotação da roda.

Arlindo já havia batido uma foto deste engenho, quando, no momento em que mudava o filme de sua máquina, ouviu um chiado oriundo da direção do objeto. Ficou observando e viu levantar-se, do local, uma nu-

vem branca. Segundo Arlindo, essa nuvem era bem maior que o objeto e o envolvia completamente.

Quando Arlindo procurou fotografar este objeto, pela 2ª vez, a nuvem já estava desvanecendo-se, gradualmente. Assim a testemunha não pôde mais ver nem um traço do objeto, que havia desaparecido. (*Obs. da SBEDV: Subiu? Volatilizou?*).

CIPEX e GENA
2004

O 3º Objeto

Arlindo havia presenciado já dois fenômenos bastante estranhos. Então, resolveu chamar os seus companheiros, para juntos debaterem o assunto. Para tanto, a testemunha mudou o seu rumo, caminhando um pouco mais para a direita. Ainda não havia avançado nem 10 m, quando percebeu a descida do 3º objeto - aproximadamente a 50 m à esquerda do 2º objeto.

O 3º objeto bateu no chão, a uma distância de uns 80 m da testemunha. Possuía a forma de um barril e altura aproximada de 1 m; era listrado em vermelho e branco; o topo e a base mediam cerca de 20 a 30 cm de diâmetro; a base achava-se apoiada em um disco um pouco mais largo e achatado. No meio do topo estava assentado um cilindro escuro, com uns 25 cm de altura e uns 15 cm de diâmetro.

Em cima do cilindro, em posição horizontal, uma hélice girava lentamente, no mesmo sentido e à mesma velocidade conforme observados no objeto número 2. Havia também uma roda com o diâmetro de aproximadamente 1 m, 4 pás laterais, com 30 e 50 cm de comprimento; as pás eram implantadas conforme raías, mas, na sua extremidade, possuíam um entumescimento semicircular, com um diâmetro de uns 20 cm voltado no sentido da rotação da hélice. *Obs. da SBEDV: No croquis do 3º objeto (em vista lateral) - fig. C - Arlindo cometeu o mesmo engano que em B, desenhando a hélice em planta baixa.*

Logo depois do impacto desse objeto, no chão, Arlindo pôde observar os quatro seguintes movimentos do objeto:

- 1) - balançava da esquerda para a direita, sobre a base, como se estivesse na iminência de cair;
- 2) - enquanto fazia o movimento (1), a sua hélice continuava girando lentamente;
- 3) - a hélice começou a diminuir a sua velocidade de rotação, quando o pião, após 3 ou 4 balanços, finalmente conseguiu equilibrar-se, ficando em pé.

- 4) - A peça mais volumosa do objeto parecia "respirar", porquanto, lentamente aumentava e diminuía o seu diâmetro equatorial. Esse movimento cessou juntamente com os da hélice e de balanço.

Num tempo de 2 a 3 minutos a testemunha conseguiu bater três fotos desse objeto (fig. 6, 7, 8). A primeira mostra o objeto nos seus últimos balanços e a segunda e terceira mostram o objeto já imobilizado. O tempo gasto na obtenção das três fotos foi aproximadamente de 1 minuto e meio.

Já se havia escoado mais meio minuto - após as fotos - quando Arlindo reiniciou a marcha em busca de seus companheiros; tinha caminhado uns 10 m, quando avistou no céu um 4º objeto.

O 4º Objeto

O objeto baixou nas proximidades do terceiro (que ainda se encontrava no chão).

A testemunha parou. Ficou observando a descida desse 4º objeto - muito maior que os outros - uma nave que desceu a uns 10 m à direita do 3º objeto, mas que ficou pairando no ar a 1 m e meio do chão, aproximadamente.

A nave tinha cor cinza e forma oval; 10 a 12 m de diâmetro; uma espécie de estabilizador", parecido com uma nadadeira, engastado lateralmente; equidistantes deste, e um de cada lado, havia dois quadrados pretos, cada um com 50 cm de lado, aproximadamente, que Arlindo interpretou como sendo janelas (ver fig. D).

A altura da nave era de uns 8 m, mas uma espécie de espigão, no seu cume, lhe adicionava mais uns 5 m. (Ver fig. D - croquis de Arlindo).

A testemunha, achou que a planta baixa do aparelho devia ser também de contorno oval (veja fig. "D-b"); isto, baseando-se pela ponta do estabilizador do outro lado, que Arlindo viu quando o aparelho desceu. Na descida, a nave produziu um ruído que Arlindo comparou ao de um motor (de automóvel) "afogado": bom...bom...bom...bom...

A Captura de Arlindo

Depois de já haver batido fotos de 3 objetos, Arlindo agora sentia-se tentado a fotografar o 4º objeto, um verdadeiro Disco Voador; mas veio uma luz, da direção da nave e o ofuscou totalmente, deixando-o tonto no momento em que tentou bater esta que seria a 8ª foto.

este aparelho havia tomado contato com uma linha universal e havia queimado a linha de transmissão. Havia desregulado o (seu) motor de montagem e havia assim, descido e estava (atualmente alhures) na Terra. Estamos à procura deste aparelho".

OBSERVAÇÃO

CIPEX e GENA
2004

1. Indagamos de Arlindo a razão de não se ter referido aos dois objetos que havia visto descer e que posteriormente desapareceram. Ele respondeu, então, que não falou nada, por temor à sua segurança. Temeu que quisessem levá-lo, caso os aparelhos fossem novos e secretos.
2. O texto explicativo da palavra "Zurca" dá margem a muitas dúvidas, não constituindo um esclarecimento a contento. Talvez por não ter sido possível a testemunha perceber (e se lembrar de) o al calce do que o ufonauta lhe queria transmitir. Transcrevemos, entretanto, as palavras da testemunha ao nos relatar o fato.

Arlindo arriscou uma pergunta:

- "De onde são Vocês?"
- "Nós somos do lado de uma costa - respondeu essa pessoa e perguntou ainda: - Você tem estudo, tem inteligência?"
- "Não" - respondeu Arlindo.

O tripulante ainda estava na escada, no último degrau (uma lâmina verde tendo aproximadamente 12 por 12 cm); estendeu a mão, o que Arlindo interpretou como um convite para subir os 4 degraus da escada que o levava ao interior da nave. Disse Arlindo que teve uma sensação de frio ao segurar a mão enluvada do ufonauta.

No Interior da Nave

Entraram num salão de contorno circular tendo um diâmetro aproximado de 7 m. A abertura da escada formava um quadrado no piso, na parte central interior deste salão.

Passados alguns instantes, chegaram àquela sala os dois tripulantes que haviam capturado Arlindo. Em seguida, a abertura da escada foi fechada.

OBSERVAÇÃO DA SBEDV

Pressupomos que, eram os degraus da escada, que se dobravam e se adaptavam, fechando o vão de entrada da sala.

A altura do salão era de 7 m aproximadamente, com o teto em forma de cúpula (ve-

ja fig. D-a; G) de onde vinha a iluminação. Esta luz vinha de uma lâmpada forte no centro da cúpula e ainda havia, na parede, lâmpadas pequenas que se acendiam e se apagavam. Havia ainda um grande indicador, do tipo de "medidor de voltagem" (segundo Arlindo), que possuía mostrador.

Na sala em que Arlindo se encontrava, estava posta uma mesa ou máquina. Ali, sentados em cadeiras confortáveis, outros dois tripulantes batiam num teclado (da mesa), fazendo um barulho característico: tec, tec, tec, tec... (veja fig. "G"). Também eles usavam uniforme e capacete.

À entrada de Arlindo o grupo se levantou. Durante uns 2 minutos, eles travaram uma conversa da qual Arlindo nada entendia. Observou, apenas, que se emitiam mais propriamente chiados do que de uma conversa (humana terrestre) convencional.

Nesse momento, surgiu, de um corredor, uma tripulante, sem capacete; ela se juntou ao grupo e tomou parte da conversa dos tripulantes.

O uniforme da moça era igual ao dos outros ufonautas, tendo apenas a cor diferente: branco. O busto saliente, demonstrava tratar-se de mulher.

Terminada a conversa, a moça dirigiu-se ao corredor. Então, um dos rapazes colocou a mão nas costas de Arlindo, aparentemente em sinal para que seguisse a moça. Feito isto, os dois, Arlindo e um tripulante) acompanharam-na ao voltar para o corredor de uns 3 m de extensão, e cujo teto era em forma de cúpula.

Os dois ufonautas e Arlindo entraram em um quarto de dimensões 3 x 3 m aproximadamente; a parede de um dos lados era tomada por uma estante - tipo geladeira (SBEDV: deitada) - tendo cerca de 3 m de comprimento por 1,5 m de altura.

OBSERVAÇÃO DA SBEDV

Não nos foi possível argumentar com Arlindo a respeito da precisão das dimensões que apresentou em seu desenho (fig. K); também não pudemos dialogar mais a fundo sobre interpretações de outros itens e pormenores. Por uma razão puramente acadêmica, informamos ter sido isto motivado principalmente pelo fato de Arlindo possuir um problema de audição, devido a uma supuração (otite média?) que sofreu há 4 ou 5 anos passados; entretanto, frisamos que isto em nada o diminui como figura humana e nem como testemunha ufológica. Não fosse isto e também a distância grande, entre Rio e Baependi, então poderiam ter sido esmiuçados mais outros pormenores importantes.

2004

Na metade superior da estante havia dois ecrans de contorno circular. (ver fig. "K").

O outro ufonauta entrou no quarto e moveu uma certa manivela situada no canto superior à esquerda dos ecrans; com isto, se acendiam e se apagavam pequenos botões coloridos - vermelhos e brancos - distribuídos em linha horizontal a uns 17 cm de interyalo; outros botões, de uns 5 cm de diâmetro e 5 de altura, e de "tipo sanfona", estavam distribuídos em linha vertical, à esquerda na estante, e seriam acionados mais tarde.

Com uma varinha, de uns 30 cm de comprimento, e com uma bolinha na ponta, a moça explicava para Arlindo aquilo que ia sendo projetado nos ecrans.

O ufonauta apertou um dos botões à esquerda e, no ecran da esquerda, encima no centro, apareceu o nosso Sol, circular e prateado; e à esquerda, abaixo, no ecran, nossa Lua, circular e amarela.

Também a nossa Terra foi projetada no ecran, embaixo, à direita. Estava em parte amarela mas sua forma não era circular conforme apareceram o Sol e a Lua; apresentava uma franja escura, periférica (ver fig. K).

Nota-se que a moça dava sempre explicação daquilo que o ecran registrava.

A moça apertou ainda um dos botões pequenos, na fila inferior, à direita, e o ecran à esquerda apagou-se, acendendo-se o ecran à direita; e mais uma vez apareceu o mesmo quadro já descrito (com relação ao ecran à esquerda).

Mas, gradualmente, houve uma transformação: o nosso sol locomoveu-se para a direita e embaixo; a lua que antes, estava à esquerda, foi se deslocando para baixo, diminuindo, até passar para a forma de um casquinho (Lua Minguante). A nossa Terra que estava embaixo, à direita, desapareceu gradualmente e por fim, surgiu à esquerda, no alto, uma forma de "mancha", cor de prata amarelada, de contorno irregular. A moça explicou que a tal figura ("mancha") era o planeta deles.

Arlindo ficou em dúvida quanto às figuras nos ecrans. Não sabe dizer se eram programas de instrução, gravados em "vídeo-tape"; ou se a nave, em viagem pelo espaço, captava imagens "ao vivo".

A Ida para o Planeta dos Ufonautas

"Nós (os ufonautas) voltamos para lá (a Terra deles) em prazo de poucas horas; mas

isso, de acordo com a rotação(?) da Terra entre a sua própria lua e o seu próprio sol" - Teriam sido as explicações da moça, conforme declarou Arlindo.

Arlindo teve a impressão de que a viagem dos ufonautas, até nós, dependeria das posições relativas do nosso planeta (Terra), nossa lua e também o sol.

OBSERVAÇÃO

Para aquilatarmos o grau de percepção e de motivação da testemunha, relativamente ao episódio real, vivido, cumpre-nos de clarar o seguinte: Apesar de ser um homem do campo, Arlindo passou a se interessar pelas fases da lua, tendo, a partir de então, consultado o calendário e comparado as suas indicações, com os aspectos visuais diferentes que ia observando em nosso satélite natural.

A moça deu ainda outras explicações, mas usou expressões muito difíceis para o entendimento de Arlindo (que praticamente nada compreendia).

O Meio de Comunicação

Arlindo estimou que estas explicações tomaram um tempo de uns 5 minutos.

O meio de comunicação com a testemunha, empregado pelos ufonautas, fora ou dentro da nave, foi aparentemente a fala direta. Entretanto, não havia sincronização entre as palavras ouvidas e o movimento labial dos ufonautas; estes apenas entreabrim um pouco a boca, nas suas falas, o que parecia não corresponder aos sons e à intensidade percebidos pela testemunha.

Também, os sons não pareciam provir da cabeça ou do corpo de cada ufonauta; pareciam vir do ambiente todo onde, por acaso, Arlindo estivesse; é como se ficasse anulado o efeito estereofônico natural propiciado pelos ouvidos humanos. A testemunha comparou esse som a "um rádio ouvido em uma sala contígua".

OBSERVAÇÃO DA SBEDV

1º - *Tratar-se-ia de comunicação talvez eletromagnética, produzindo-se entre tanto os sinais acústicos diretamente ao nível das células nervosas do cérebro de Arlindo.*

2º - *Numa segunda hipótese, seria uma comunicação por telepatia, quíça reforçada por meios talvez eletromagnéticos.*

Por exemplo, no caso do casal Ermínio e Bianca, no primeiro contato que disseram ter tido com os ufonautas dentro do Disco

Voador; até Bianca, voluntariamente, subme-
teu-se à determinação de sua onda cerebral,
o que os ufonautas teriam feito por meio
de seus equipamentos especiais. (No caso
de Arlindo, seria esta a função dos 3 obje-
tos aterrissados previamente??) Daí por
diante, cada vez que o DV daqueles ufonau-
tas ficasse nas circunvizinhanças do ca-
sal, Bianca era capaz de ouvir dentro de
sua cabeça a mensagem "falada", dirigida a
ela pelos ufonautas; isto, conforme as de-
clarações feitas pela própria Bianca.

3º - Como terceira hipótese, mais uma vez
citamos o caso do casal em apreço,
que disse ter sustentado longo intercâmbio
de idéias com ufonautas, no seu primeiro
contato. Isso teria sido conseguido por
meio de um tradutor automático e controla-
do por um computador. Havia um certo inter-
valo de tempo entre as (incompreensíveis)
palavras pronunciados pelos ufonautas, e a
tradução portuguesa ouvida através de fo-
nes adaptados aos ouvidos do casal.

No passado, já por diversas vezes tra-
tamos destas comunicações de ufonautas, bem
como de diversas hipóteses a isto ligadas;
isto fizemos nos Boletins da SBEDV nr. 4,
pág. 3; nr. 5, pag. 2; nr. 74/79, pag. 25;
nr. 104/111, pag. 11; nr. 116/120, pag. 15;
nr. 121/125, pag. 41; nr. 126/128, pag. 39;
Boletim Especial 1975, pag. 36 e 67.

Após à conversa com a moça, as 3 pes-
soas (Arlindo, a moça e o rapaz) voltaram
à primeira sala (a circular); ali já esta-
vam reunidos 4 outros ufonautas, de modo
que, ao todo, eram 7 pessoas (Arlindo e
mais 6 tripulantes).

Em seguida, um dos ufonautas retirou o
seu capacete - desconectando primeiro a
sua tubulação - aparentemente para uma de-
monstração de amizade, e depois falou: "Nós
somos de uma só matéria (igual à de Você,
Arlindo), do mesmo sangue, e vivemos do
mesmo trabalho. Daqui a pouco tempo tere-
mos transmissão" (intercâmbio a descober-
to, na opinião de Arlindo).

O Aspecto Morfológico

A morfologia, pelo menos naquilo que
Arlindo pôde observar, era semelhante, mas
não igual à humana terrestre.

Os olhos eram grandes, principalmente
com relação à órbita - estendia-se até à
parte lateral do crânio. A raiz dos cabel-
los, curtos e em pé, começava logo acima
dos olhos. Assim, Arlindo não pôde verifi-
car se tinham ou não sobrancelhas. O nariz
era largo e achatado, conforme podemos com-
preender pelas explicações de Arlindo e pe-
la bela cabeça que ele esculpiu, em massa
de vidraceiro, (ver fig. L1 a L4).

O rosto era de formato arredondado e
a boca, de lábios finos, era grande e cur-
vada para cima lateralmente. Os dentes, Ar-
lindo não pôde ver, já que não abriam a bo-
ca suficientemente. As orelhas eram peque-
nas, mais arredondadas do que as nossas, e
"coladas" à cabeça.

As orelhas da moça não eram visíveis,
porquanto ela usava, nesta região, um tipo
de aparelho auditivo entre os cabelos (que
lhe caíam até os ombros). Esse aparelho es-
tava dirigido para frente, e nele se podia
ver uma espécie de "tímpano" repleto de pe-
quenos furos circulares tendo alguns milí-
metros de diâmetros.

OBSERVAÇÃO DA SBEDV

Esse dispositivo poderia ser talvez des-
tinado a reforçar a transmissão das pala-
vras ou da telepatia.

A Despedida ou Partida

Na ocasião da despedida, ainda no inte-
rior da nave, os ufonautas recomendaram a
Arlindo: "Desça e siga à vista (para fren-
te), porque o aparelho condena (prejudica)
a visão..."

Arlindo, ainda com a sua espingarda a
tiracolo e o seu revólver à direita, se-
guiu à risca a tal recomendação. Andou em
linha reta uns 200 m até o espigão à sua
frente mas caminhou com dificuldade, pois
ainda sentia os membros meio presos; não
procurou olhar o 3º objeto, que devia es-
tar atrás e à sua esquerda; nem olhou para
trás.

Dobrando o espigão, imediatamente, sen-
tiu-se outra vez na perfeita posse dos
seus movimentos; correu uns 300 m, sempre
chamando pelos companheiros; entretanto, só
os viu depois que dobrou outro espigão -
outros 300 m à sua frente (ver mapana fig.
0).

Ao encontrar os companheiros, foi veri-
ficado que ele havia ficado ausente do gru-
po, durante cerca de 1 hora.

Devido a condições psicológicas ou tal-
vez até fisiopatológicas, Arlindo ficou
uns 20 minutos sem fala e com muita sede;
bebeu quase que um litro d'água, num gro-
tão abaixo, na mata.

Posteriormente - como nos foi relatado
por seus familiares -, eles voltaram aos
locais onde haviam descido os estranhos
objetos e o Disco Voador. Contudo, Arlindo
silenciou sobre a sua entrada no Disco e a
respeito do contato que mantivera com os
ufonautas.

OBSERVAÇÃO

Mais adiante, explicaremos a razão desse silêncio da testemunha.

Os companheiros de Arlindo não chegaram a ver o Disco pousado, mas puderam ver as impressões, no chão, deixadas pelas 4 sapatas da nave.

No local onde devia ter desaparecido o 2º objeto numa nuvem branca, no chão, verificou-se um círculo de quase 1,5 m de capim queimado (amarelo escuro). Em vão procuraram o bernal naquele lugar (onde Arlindo o havia deixado) - (ver fig. 0). Depois disso, voltaram à casa da fazenda.

Quando Arlindo chegou à sua casa, a sua esposa, D. Terezinha da Silva Santos, notou que os olhos do marido estavam avermelhados; ele então lhe disse que havia bebido muita água no campo. Durante uns 3 dias após o episódio ufológico, Arlindo teve dor de cabeça e os olhos inchados.

A esposa também disse que, após o episódio, Arlindo ficou desanimado, embora demonstrasse um apetite regular e dormisse bem. Contudo, não abandonou o trabalho, porém, durante uns 3 dias a sua atividade [a] se desenvolveu próximo à sua casa (Arlindo não se afastou muito).

5.4. SEQUÊNCIA DOS FATOS E DA PESQUISA

O irmão mais velho de Arlindo, Jairo Esaú dos Santos de 54 anos, esteve em sua casa, por volta de 22 horas, no dia em que Arlindo teve a experiência com o DV.

Na ocasião, Arlindo se queixou que seus olhos, estavam ardendo muito - e de fato estavam vermelhos - acrescentando: "Ninguém queira passar o que eu passei... passei apertado..."; mas, Arlindo não contou ao irmão que tinha estado no Disco Voador.

Naquela noite Jairo disse ao irmão: "Vamos lá, onde desceu o Disco?" - "Vamos", concordou Arlindo.

Em 28/5/79, isto é, 12 dias após os acontecimentos, Jairo e Arlindo lá voltaram; porém, 6 dias antes, em 22/5/79, Arlindo havia estado sozinho no local onde aterrisou o DV e onde pode ver as marcas quadradas no capim rasteiro e onde se viam ainda furos feitos por pregos, naturalmente existentes na parte inferior das sapatas de sustentação da nave - 16 em cada sapata - o que assegurava a estabilidade da nave aterrisada (ver fig. F).

Em outro local, ponto de localização da aterrisagem do 2º objeto, Arlindo observou mais uma vez o círculo de capim amarelado e queimado, círculo este, provavelmente, causado pela nuvem branca que levantou-se naquele local.

Mais uma vez Arlindo procurou o seu em bernal, em vão.

Voltemos ao dia 25/5/79: conforme haviam combinado, Arlindo e Jairo, voltaram ao local de aterrisagem da nave. No instante, em que acabaram de subir a serra e viam diante de si o planalto e os locais dos acontecimentos ufológicos, Arlindo não se conteve mais e disse:

- "Padrinho... não quis contar nada... mas eu estive dentro do Disco Voador".

- "Por que Você não contou isso antes, Arlindo? Agora vão dizer que é mentira sua..." - disse Jairo.

"Por tudo que aconteceu, eu estava com medo que eles (SBEDV: os pesquisadores políticos?) quisessem me levar para os Estados Unidos... e eu não quero ir !!!", - respondeu Arlindo.

Arlindo e Jairo verificaram naquele dia as marcas deixadas pelo DV no planalto: o círculo de grama amarela deixado pelo objeto nº 2 e os 4 quadrados deixados pelas patas de sustentação do DV. Em vão, procuraram mais uma vez pelo em bernal de Arlindo.

Em 14/7/79 Arlindo e Jairo voltaram mais uma vez a este local acompanhados do irmão mais moço - Arlindo Tadeu - e da equipe Varginense de pesquisa ufológica sob a liderança de Ubirajara Franco Rodrigues.

A revista nº 5 de Dezembro de 1979, pag. 8 a 16, relata a pesquisa de modo perfeito e salienta que, após 67 dias dos acontecimentos, a equipe varginense viu ainda algumas das 4 marcas das sapatas no chão; outras já mostravam vestígios de erosão dimétrica ou de animal (tatu).

Segundo Tadeu, um desses quadrados estava ainda bem conservado, quando foi fotografado e feito um molde em gesso (veja fig. "F" e "V").

Infelizmente, por vários motivos, nas três ocasiões de nossa estada na fazenda, não nos foi possível chegar ao local em que o DV aterrisou.

Tal local fica, muito distante da sede da fazenda. Desta forma, levaríamos umas

três horas de ida e outras 3 de volta. E assim sendo, não teríamos tempo necessário para fazer o molde das impressões das sapatas no chão, medição e fotos, conforme havíamos programado na ocasião.

A própria testemunha, Arlindo, não achou conveniente a nossa ida. Segundo ele, o local das impressões das sapatas do trem de aterrissagem já estava muito corroído pelas intempéries.

OBSERVAÇÃO

Como o leitor pode observar, Arlindo demonstrou perfeito autocontrole, bem diferente dos expansivos cariocas que, talvez por este motivo sejam aqueles da população rural tão apreciados pelos extraterrestres.

Se interpretamos a atitude de Arlindo do ponto de vista psicológico poderemos admitir que seu raciocínio estivesse confuso; mas ele estava vivendo sua primeira experiência ufológica.

Daí ser muito natural que ele necessitasse de tempo para que sua personalidade se ajustasse à nova situação, quer psicológica, quer político-religiosa-social.

É de se observar que Arlindo, mesmo desconhecendo o assunto UFO, por intuição se defendeu da hostilidade de que é vítima a Ufologia através da política.

Recordemos que o casal Hermínio e Bianca tiveram igual reação e nos ocorre perguntar se não seria esta uma qualidade apreciada pelos extraterrestres?

Jairo ajuda em nossa pesquisa

Jairo, o irmão de Arlindo, para melhor explicar, desenhou o mapa do planalto. Aí, assinalou não só a posição dos companheiros de Arlindo como as andanças dele, o local de aterrissagem das sondas e da nave.

Segundo Jairo e Tadeu, devido às chuvas de setembro (1979), o círculo de capim queimado pela sonda nr. 2 começou a esverdear. Hoje, 9 meses após o fato, já existe um novo capim, e não há mais sinal algum, da estada do objeto nr. 2 naquele local.

5.5. UMA PESQUISA CIENTÍFICA

5.5.1. Introdução

Através da leitura da Revista OVNI, Documento nr. 5, pág. 6 a 16, ficamos cientes do episódio ufológico ocorrido na Fazenda do Sobrado, Beapendi, MG.

O artigo reproduz, com sinceridade e fidelidade, o espírito do pesquisador Ubi-rajara e os problemas por ele encontrados.

O problema extraterrestre deveria ser de interesse global. Assim, as equipes deveriam estar sempre interligadas, de modo a formarem apenas uma única equipe, embora de resultados diferentes nas suas pesquisas.

Infelizmente, o que existe até agora, entre as equipes é segredo, cerceamento material no intercâmbio, etc... Acresce que como se a omissão não bastasse, os políticos, sob desculpas infantis, omitem ou modificam trechos importantes de relatos, quando não os sonegam por inteiro.

Opinamos ser benéfico o intercâmbio de material, porque acreditamos que diferentes pesquisadores podem acrescentar idéias variadas sobre um mesmo assunto. Com isso, o resultado final de uma determinada pesquisa, tende a ser fertilizado pela diversificação.

5.5.2. Aspectos interessantes do Caso Arlindo

O caso de Arlindo apresenta grande interesse, por se tratar de um contato amigável - embora forçado - com os extraterrestres. E mais; por que através das várias fotografias, atesta a descida de diversas sondas espaciais.

OBSERVAÇÃO

É por essa razão que iniciamos a série de apresentação das figuras com a ampliação da foto do 3º objeto, batida por Arlindo (ver fig. C-3). Ao lado, expomos o desenho do 4º objeto, também feito por Arlindo (fig. D). Colocamos ainda, um retrato falado, executado por Wilma Romito (fig. E).

A fim de colher mais dados sobre o caso, pusemo-nos em campo. Tivemos um bom acolhimento por parte da família da testemunha e uma grande ajuda nas nossas pesquisas.

Tivemos também, oportunidade de ver os negativos e admirar as ampliações, aqui, reproduzidas.

Como contribuição maior, descobrimos um magnetismo, (bastante aumentado) na extremidade do cano da espingarda, com a qual, Arlindo, a tiracolo, havia entrado na nave extraterrestre.

Este último dado, representa um valioso indício, já que se diz que os extrater-

restres conseguem vencer as enormes distâncias interplanetárias e interestelares, por meio da atração dos seus potentes eletro-ímãs.

OBSERVAÇÃO I

Leia-se: G. Adamski (*Inside the Space ships*) e livro de Artur Berlet (*"Os D.V., da ufologia à realidade"*).

OBSERVAÇÃO II

No caso de Arlindo, os eletro-ímãs, tal vez, estivessem localizados na cúpula da sala circular - no esporão? - daí ter es-
sa afetado mais a parte "superior" da es-
pingarda, a boca (ver fig. G).

CIPEX e GENA
2004

Um reconhecimento

As nossas entrevistas locais positivaram o resultado da pesquisa varginense. Sendo assim, estendemos as nossas felicitações e remetemos ao Presidente do centro Varginense de Pesquisa, Sr. Ubirajara Franco Rodrigues, uma carta da qual publicamos, aqui o seguinte pequeno trecho: "... Desta maneira, foram, observadas na pesquisa (de Ubirajara) os três princípios cardeais:

- 1º - Foi feita uma pesquisa científica, foram publicados todos os dados, o que possibilitou à outra equipe um reexame do caso, quando, foram confirmados, totalmente, os resultados da primeira pesquisa.
- 2º - A pesquisa foi feita "in loco", sendo nisso acompanhada e ajudada pela testemunha, o fazendeiro.
- 3º - Foi feita larga difusão dos resultados da pesquisa, sem que tal resultado fosse omitido, truncado ou modificado e, sem tirar proveito material desta pesquisa, o que teria dificultado a difusão às classes economicamente mais fracas, mas assim mesmo interessadas em informar-se acerca dos contatos, entre testemunhas terrestres e civilizações extraterrestres..."

A publicação das pesquisas ufológicas deveria, sempre, ser feita da forma como a revista OVNI Documento apresentou tal pesquisa e é com prazer que registramos a primazia neste caso.

5.6. CONSIDERAÇÕES SOBRE PROVAS MATERIAIS DO EPISÓDIO

5.6.1. As Fotos (itens I a V)

As fotos de Arlindo, 11 películas de 42 x 42 mm (veja as cópias de "contato" fig. nr. 1 a 11), estão contidas num rolo do filme nr. 127; Isochrom pan 21.

As películas de nr. 5 a 9 nada registram, provavelmente, pelo nervosismo do fotógrafo e/ou ausência ou funcionamento defeituoso do controle de exposição da máquina Tuca. As de nr. 10 e 11, as duas últimas do filme, são fotos de familiares de Arlindo.

O primeiro objeto registrado - películas 1 e 2, veja pequeno círculo na fig. 1 e 2 - foi ampliado aproximadamente 12 vezes em A.1 e A.2 - veja círculo maior --; igual procedimento foi adotado com o segundo objeto - figs. 3 e 4, respectivamente B.1 e B.2 - e também com o terceiro objeto - figs. 6, 7 e 8, respectivamente C.1, C.2 e C.3. Somente a película C.2 teve aumento maior que o resto.

Com relação às fotos e ao fotógrafo poderão ser feitas as seguintes considerações:

I - Honestidade do fotógrafo

É frequente os "experts" ufológicos governamentais suspeitarem da honorabilidade do fotógrafo de DV especialmente quando se trata de contato amistoso. No passado isto aconteceu com George Adamski (leia-se o Boletim Especial da SBEDV pág. 9, 1975, em referência ao expert Dr. Allan Hynek). Desse modo, a reação destas pessoas no caso Arlindo constituirá uma forma de avaliar a reação da política ufológica terrestre no presente.

II - Qualidade da lente da máquina Tuca

Parece que a lente precisava de uma rigorosa limpeza e/ou que ela é demasiadamente simples e fraca para permitir uma ampliação 12 vezes maior de detalhes fotografados (a falta de sofisticação da lente produz uma falha no "power of resolution").

Lembramo-nos de ter lido artigos que explicavam a possibilidade científica de serem corrigidas deficiências de fotos feitas, tanto por lente de qualidade inferior quando por uma focalização incorreta (da distância do objeto). Para tal seriam levados em consideração a distância focal da lente, a constituição da lente propriamen-

te dita e a distância do objeto fotografado. A correção seria feita através de cálculo matemático, em computador acoplado a recursos de aparelhos óticos complementares. Estes recursos são possíveis nos laboratórios multinacionais ou governamentais, hostis à ufologia e, portanto, à publicação de resultados de confirmação e prova de existência extraterrestres.

III - Complementação dos desenhos pelas fotos

Pelas ampliações do objeto nr. 3 (C.1, C.2 e principalmente C.3), podemos complementar o desenho deste objeto, colocando, no plano horizontal, uma hélice com os braços levantados obliquamente e ainda uma cúpula central como se vê nas ampliações onde se vê, ainda, que o objeto irradiava luz ou forma de energia capaz de sensibilizar os sais de prata da película (ver fig. "C").

IV - Cálculo das dimensões dos objetos

Comparando os triângulos semelhantes vistos na figura "N", o tamanho do objeto poderá ser calculado tomando por base os valores da imagem na película (vista nas cópias de "contato") e a distância focal da máquina de um lado e o tamanho real do objeto e sua distância do fotógrafo de outro.

Conhecendo-se apenas três destes dados, inclusive a distância focal da máquina fotográfica poderemos calcular a 4ª grandeza (procurada) - o tamanho do objeto fotografado. Para maior precisão, o cálculo deverá, considerar o tamanho do objeto nas ampliações e este valor será dividido por 12 (fator da ampliação).

OBSERVAÇÃO

Tentamos em vão adquirir no mercado (cessou a fabricação?) uma máquina fotográfica Tuca. Arlindo doou a sua à Ubirajara, o qual não nos informou ainda sobre a distância entre a lente e a chapa (distância focal).

V - Consideração sobre movimento dos objetos resp. do fotógrafo, durante a tomada de fotos.

Poderá ser considerada a movimentação do fotógrafo ou do objeto - DV - entre uma foto e outra como, por exemplo, entre a C.2 e C.3 pois, enquanto numa se vê o céu como fundo, na outra se vê a serra, à direita.

Possivelmente, entre uma e outra o fotógrafo se moveu para a esquerda.

5.6.2. Índice de Magnetismo nas armas

O magnetismo, evidenciado pelo aço das armas, uma espingarda americana CO 28 GA - Choki, de 28 mm e um revólver brasileiro, Castelo, 32 mm, cano curto, foi por nós pesquisado, durante a nossa primeira estada, na casa de Arlindo, e registrava índice muito baixo: 1/4 a 1/2 Gauss, no revólver e 1/4 de Gauss, na região do gatilho da espingarda (usado o magnetímetro Perrin Jaquet, Suíça).

Por ocasião da nossa segunda visita ao local, Tadeu, irmão de Arlindo, nos sugeriu a pesquisa do magnetismo, ao longo de todo o cano da espingarda. A surpresa foi grande, quando constatamos, que em direção à boca do cano, tal índice era muito maior; chegando a alcançar uma intensidade, relativamente alta, de quase 2 gauss.

É válido lembrar que a testemunha do caso, Arlindo, entrou, no Disco, segurando a sua máquina fotográfica com as mãos; o revólver preso ao cinto, à direita; e à esquerda, a espingarda erecta, a tiracolo. Daí, o nosso argumento em relação à boca da arma, ter ficado mais próxima de fontes energéticas; possivelmente, de ordem magnéticas, alojadas no alto da sala circular, no Disco Voador (ver fig. "G").

CIPEX e GENA 2004

5.6.3. A impressão de letras ou sinais deixados no embornal de Arlindo, posteriormente, devolvido pelos extraterrestres.

A nossa opinião, a respeito do embornal, é muito limitada. Afinal, não nos foi possível estudá-lo de perto. Apenas fortuitamente, Jairo, irmão de Arlindo, nos forneceu uma cópia do dito embornal, feita por xerox, antes de entregá-lo ao Centro Varginense o qual, conforme havia combinado com Arlindo, deveria devolvê-lo logo depois.

Reproduzimos, aqui, essa xerox do embornal (fig. "R"). Aproveitamos, para lembrar o caso de 1958, quando ufonautas entregaram em São Paulo (capital) a testemunha Luis Henrique, mensagem com caracteres semelhantes, senão iguais, àqueles vistos no embornal de Arlindo (fig. "S"). Em São Paulo, na ocasião, foram pronunciadas pelo ufonauta as palavras abaixo ao entregar a mensagem à testemunha (L. H.): "Um homem da Terra deverá decifrá-la e quando isto for conseguido, saberão (os ufonautas) o que fazer..." (Bol. da SBEDV nr. 10, pág. 5, 1958).

Comparamos os sinais da mensagem escrita no embornal - caso Arlindo - com os da mensagem escrita e entregue a Luiz Henrique. Por considerarmos as duas muito semelhantes; transcrevemos, aqui, a do caso Luiz Henrique do Bol. já mencionado.

Foram 7 as considerações feitas na época (da pesquisa e publicação) pelo gráfico presente à reunião da SBEDV em 1958. Uma delas a sétima diz o seguinte:

Item 7 - "Na média são os caracteres agrupados em 3 e é de se presumir que não significam letra, porque seria improvável que as palavras se constituíssem de 3 (letras). É, pois, mais provável que os sinais signifiquem sílabas e existiriam, então, aproximadamente 150 tipos de sinais que, formando 16 grupos em cada linha (e existem 3 linhas), formariam, 3X16 ou, aproximadamente, 50 palavras..."

O embornal, cabe lembrar, foi encontrado pela equipe varginense, em local, onde, anteriormente, já havia sido devidamente procurado.

Lembramos ainda ao leitor que o embornal não foi procurado no local apenas uma vez. Mas sim, por 3 vezes, e, em algumas destas vezes, por várias pessoas ao mesmo tempo.

Se, realmente, o embornal foi apanhado pelo tripulante, o foi na data do episódio. No entanto, deve ter sido recolocado no local, pelos ufonautas entre as datas de 28/05 a 14/07/80. Sendo que, esta última data foi a de ida da equipe varginense ao local.

Devido à exposição do embornal às chuvas, ventos, estrumes das vacas e outras coisas mais, é possível que os desenhos e sinais vistos nele - e implantados, lá pelos extraterrestres - tenham sofrido alterações.

5.6.4. As impressões deixadas no chão pelas patas de sustentação do trem de aterrissagem do DV.

Esta parte já foi tratada no capítulo da "Seqüência do Episódio e da Pesquisa". Ver também figuras "F" e "V".

5.7. SONDAS ESPACIAIS EXTRATERRESTRES:

Para os ofôlogos que não tiveram oportunidade de tomar conhecimento destes feitos em nossos Boletins anteriores vamos transcrever sucintamente quatro relatos referentes à incursão de sondas espaciais em nosso país.

1º) Sob o título "Cilindro interplanetário de Caconde" (Bol. da SBEDV nº 66/88, de 1 de maio de 1969) foi descrito que um pequeno mas pesadíssimo cilindro aparentemente metálico, foi encontrado de madrugada, na soleira de uma casa; cada base do cilindro tinha um mostrador, com cinco divisões. Na noite seguinte, uma luz fortíssima que irradiava supostamente do cilindro esquentou a casa, de construção simples e sem forro, o que obrigou a família que lá residia a abandoná-la, por momentos.

Tal cilindro levantou vôo, sob forte estrondo e posteriormente verificou-se que o telhado ficou perfurado em local correspondente acima daquele em que o cilindro havia sido guardado.

2º) No Boletim da SBEDV nº 26/27, pág. 9, fig. 2, foi registrado que um artefato luminoso, fusiforme, de 40 a 50 cm de comprimento entrou pela janela de um apartamento, no 5º andar, na Urca-Rio de Janeiro; passou de uma sala onde havia uma pessoa de frente para outra onde de uma outra senhora estava telefonando, e que, assustada, desligou o telefone. Com isto, a interlocutora tomou conhecimento que algo estranho acontecera, vindo a saber dos fatos mais tarde.

Na seqüência dos fatos, ouviu-se um click e o artefato retrocedeu para desaparecer em seguida. Nessa movimentação de 5 segundos, o artefato percorreu uns 17 m no apartamento, tendo sido visto por uma terceira pessoa.

Foi observado que uma lâmpada de 40 velas (110 volts) que estava acesa ficou queimada e ainda foi observado que embora a lâmpada fosse fosca, parte dela se tornou transparente numa extensão de 4 por 10 milímetros.

Nas semanas que se seguiram, o bulbo da lâmpada partiu-se espontaneamente e, nos meses e anos que se seguiram, o vidro foi-se esfacelando lenta e espontaneamente.

3º) O terceiro caso (Bol. da SBEDV nº 45/47, pág. 9, fig. 32) se refere, também, a um objeto voador que visitou um apartamento no Largo do Machado, Rio de Janeiro: parecia um pequeno avião de 40 cm de comprimento que deixava cair faíscas e escapar fumaça de seu corpo. Foi visto por uma senhora e dois menores: entrou pela janela e rapidamente voltou, quando um dos menores começou a perseguí-lo, querendo segurá-lo. Então, fumaça e faísca desapareceram sem deixar vestígios no apartamento.

2004

4º) No Boletim da SBEDV nr. 48/50, pág. 9, fig. 32, foi publicado relato do ufólogo Jader Pereira, de Porto-Alegre - RS - da OES, acerca do aparecimento de de uma sonda em Lagoa Vermelha - RS. Tal sonda, de 7 m de comprimento, luminosa, com asas de ponta, em vertical, parecia uma gigantesca seta dirigida obliquamente para a frente, de encontro ao solo; movia-se a uma altura de 50 cm do solo, como se farejando alguma coisa.

Na ocasião foram interrogadas cerca de 50 testemunhas entre elas Orestes Duarte, vaqueiro, que, galopando em busca do objeto, pretendia laçá-lo.

A SBEDV investigou a ocorrência e entrevistou o padre Humberto Flores da Cunha que pode observar a sonda de perto, quando cruzou a rua, em frente ao carro que dirigia na ocasião.

5º) Pela semelhança com a sonda nº 2, resp. nº 3 de Arlindo, transcrevemos um artigo de Desmond Leslie, publicado na revista "Flying Saucer Review" Set/Out. de 1956, Vol. 2, nº 5, pág. 2, e no Boletim da SBEDV nº 18, pág. 31, de 3/11/60, sob o título: "MICRODISCOS VOADORES TELEGUIADOS":

"Numa fazenda na Irlanda, um casal notou um objeto que descia rapidamente, a uma distância de 250 jardas (mais ou menos, 220 metros) e, que passou, em seguida, à margem de um riacho, junto a uma cerca, em pequeno local seco, no meio de um terreno lamacento. Eram 12 horas de um dia muito chuvoso. O fazendeiro dirigiu-se ao local onde descera o objeto e conseguiu dele se aproximar e assim o descreveu: 3 pés e 6 polegadas (1 metro) no seu eixo maior e 2 pés (60 cm.) no menor; cor vermelha e, aparentemente, como se fora de borracha. Um pequeno botão vermelho, nas partes superior e inferior, dava a impressão da boca de um saco quando amarrado, mas o franzido assim formado era regular. Quatro listas estreitas, regulares e de cor que variava gradativamente do vermelho ao branco, contornavam a parte central do objeto. O fazendeiro segurou-o sem dificuldade, mas ele logo escapou-se de sua mão e a parte superior começou a rodopiar ora num ora noutro sentido, o que o levou a pensar que alguma corda se havia desconcertado no seu interior. Parou, em seguida. Ao contato, pareceu ao observador que o objeto era feito de lona exteriormente e de borracha, no interior. Pensou em segurá-lo novamente e em levá-lo para casa, como lembrança. Transpondo a cerca, conseguiu retê-lo mais uma vez. Para seu espanto, entre-

tanto, o objeto escapou de novo e subiu tão rapidamente que em poucos segundos desapareceu entre as pesadas nuvens daquele dia chuvoso".

É de observar-se que, apesar de chuva contínua, o objeto permaneceu sempre seco e que não havia possibilidade de se tratar de balão comum e nem de qualquer tipo novo lançado pelo Ministério do Ar, pois que não há notícia de nenhum aparelho com aquelas características".

5.8. AVISTAMENTO DE DISCOS VOADORES POR ARLINDO E SEUS FAMILIARES

5.8.1. Um testemunho de Arlindo

Arlindo contava trinta e dois anos. Seu pai ainda era vivo. Uma tarde, saiu, a cavalo, em direção à povoação do Arraial em cujo percurso levou, aproximadamente, 20 min.

Quando Arlindo estava de volta, lá pelas 21,00 h, notou que o seu cavalo parecia assustar-se com alguma coisa e, então, verificou que, no chão, em redor do seu cavalo, havia um círculo de luz que o acompanhava em sua caminhada.

Arlindo seguiu, fazendo as suas observações. Olhou para cima e constatou que aquela iluminação, provinha de um foco de luz. Esse foco estava a uns 50 m acima de sua cabeça; ele não conseguiu visualizar nenhuma forma a que estivesse ligado o foco de luz, e isso talvez por achar-se ofuscado pela luz e assim não poder acomodar a vista à noite escura.

O "foco de luz" seguiu Arlindo durante toda a sua caminhada, fazendo uma espécie de brincadeira; um jogo de "esconde-esconde": aparecia, desaparecia, reaparecia, atrás dos picos dos morros de meio km a 2 km de distância ...- isso numa velocidade meteórica.

Passados os momentos de brincadeira, "o foco" veio, novamente, fixar-se a uns 50 metros, acima da cabeça de Arlindo, iluminando tudo ao redor. Nessa ocasião, o cavalo ficou deveras assustado.

Arlindo seguiu sua caminhada e "o foco" também. Quando chegou à casa da fazenda, chamou pelo pai. Este, junto com Arlindo e com a sua esposa - madrasta de Arlindo - observou o mesmo fenômeno. Nessa ocasião, "o foco" fez aquele mesmo joguinho que antes fizera com Arlindo: ora corria... até às vertentes dos morros

(2 a 3 km de distância) para se esconder atrás destes; ora reaparecia em cima da casa da fazenda, e assim seguiu, fazendo um verdadeiro show de idas e voltas.

Quando eram, aproximadamente, 22,00 hs, a luz escondeu-se, de vez, atrás dos morros e todos, na fazenda, foram dormir.

Ainda hoje, passados muitos anos, a madrastra de Arlindo se recorda do excepcional fato que todos presenciaram.

5.8.2. Avistamento de Discos Voadores e de Ufonautas por outros membros da família de Arlindo

Américo Esaú dos Santos, cinquenta e cinco anos, primo em 2º grau de Arlindo, tratorista na cidade vizinha de Beapendi, Caxambú, no dia 8 de novembro de 1978, por volta das 16,00 hs, quando estava trabalhando com o seu trator - 3 toneladas - e, portando ainda uma trava de quase uma tonelada, o terreno alagadiço em que trabalhava, fez com que o trator atolasse.

Américo tentou várias vezes, com a força do próprio motor, tirar o trator do atoleiro, mas, tudo em vão. De repente, o trator avançou uns 5 metros; saiu do atoleiro e deste modo, do próprio terreno pantanoso.

Em seguida, a testemunha avançou com o trator, em terreno seco, mais uns 30 metros, normalmente.

Espantado, com o avanço dos primeiros 5 metros em terreno pantanoso, Américo apeou do trator. Observando, pôde ver que as lagartas da máquina não haviam deixado - nos cinco metros de chão - nenhum traço, na saída do atoleiro. Nada compreendia do que se passava, até que, descobriu, em cima de si, a uns 50 metros de altura um Disco Voador.

Esse Disco era formado por duas cúpulas - como dois pratos fundos - justapostas. (Veja fig. W). Na linha de justaposição, isto é, na equatorial, apresentava uma borda circular que excedia, em quase 1 metro, o bojo do Disco.

O diâmetro desse Disco era de uns 5 metros; de altura tinha quase 3 metros e tinha um brilho, ao sol, parecido com cor de aço. Repentinamente, foi baixando em direção ao chão e foi ficar suspenso no ar a uma distância de 0,6 m do chão, a uns 5 metros de distância da testemunha.

Nessa ocasião, Américo sentiu-se imobilizado, não pôde dar mais um passo sequer;

mesmo sendo um homem robusto - 1,75 m de altura, 72 kg - e destemido.

Por deslize lateral, de duas partes, abriu-se no Disco Voador, uma porta de uns 80 cm de largura.

Uma pessoa, de aproximadamente 1,70 m, apareceu, no vão dessa porta. Usava uniforme marron escuro que lhe cobria todo o corpo - inclusive as mãos, como luvas -, deixando aparecer, apenas o rosto.

Segundo Américo, essa pessoa, num tom de voz baixo e entrecortado, como se fosse fala de índio, disse-lhe:

- "Nós estamos aqui em missão de paz".

Observou, então, a testemunha que não havia uma sincronização entre os movimentos labiais do ufonauta e as palavras que ouvia. Pôde observar, ainda, que, essas palavras pareciam originar-se mais ao lado do tripulante; e não diretamente dele.

- "Vocês são de onde?" - indagou Américo.

- "Não faça pergunta!" - respondeu o tripulante.

- "Qual (é) o material e combustível que vocês usam? Vocês são de outro planeta?" - insistiu Américo, desinibido.

- "Não faça pergunta!" - respondeu, mais uma vez, o tripulante.

Em seguida, o tripulante descreveu para Américo um material ou objeto e perguntou se ele era capaz de providenciar. O tripulante pediu a Américo que usasse de descrição, com referência, ao pedido e disse-lhe que, posteriormente, viria apanhar tal objeto. Américo concordou e, também, obedeceu, até hoje, às recomendações do tripulante.

Entretanto, à data de nossa pesquisa (SBEDV) o tripulante ainda não havia voltado para apanhar o dito objeto.

Américo viu ainda, atrás da porta, nos fundos do interior do Disco Voador, mais tripulantes com vestimentas idênticas às daquele primeiro.

Entretanto, devido ao brilho dos reflexos de luz, que vinha da porta do Disco, Américo não pôde observar outros detalhes.

O episódio todo havia levado uns 3 minutos. De repente, Américo recuperou os seus movimentos; a seguir, viu-se forçado a fechar os olhos, por uns 5 segundos, pois

ficou como cego devido ao intenso fulgor de luz que, subitamente, surgiu à sua frente.

Quando a testemunha reabriu os olhos, nada mais havia à sua frente; disse, somente, que sentiu, ainda, no ar "um cheirinho parecido com álcool (SBEDV: ozona?)".

A testemunha chegou à casa e contou à esposa, Estela (Maria Santos):

- "Você não sabe o que aconteceu, hoje! Vi um Disco Voador..., o aparelho!"

OBSERVAÇÃO

A Sra. Estela presente à pesquisa, fez a sua confirmação de tudo.

Diversas pessoas em Caxambu, à época do mês de novembro, e dois dias que antecederam a esse episódio, haviam visto, por volta das 21 horas, luzes sobrevoando a cidade: às vezes, à uma altura baixa; outras vezes, parando, instantaneamente, no ar.

Algumas hipóteses (de trabalho) sobre os Extraterrestres vistos por Arlindo

5.9. A PERCEPÇÃO DOS EXTRATERRESTRES

Arlindo viveu duas experiências ufológicas: uma em 1979 e outra há apenas 4 anos antes; os seus familiares confirmaram tudo; um parente, seu consanguíneo - Américo -, também testemunhou um caso ufológico, um contato com ufonauta.

Esse "quadro" de acontecimentos reforça a hipótese de que haveria uma seleção prévia, por parte dos extraterrestres, para o contato.

Sabemos que nós, humanos, dentro dos nossos valores (dos extraterrestres, também?), possuímos "qualidades" e "defeitos"; e que, em alguns de nós, essas "qualidades" são mais acentuadas. Aí, talvez, estaria o ponto de partida para a escolha dos extraterrestres?

Estaria essas "qualidades" ligadas aqui lo que muitos denominam de "Aura" (de Kirlian?) e de "carma", ou à nossa descendência e ascendência extraterrestre? Podemos ou não perceber isto? Os extraterrestres podem?

Ainda que teoricamente, uma terceira modalidade de percepção extraterrestre se oferece, considerando-se a frequência com que se processam os seus contatos em alguns dos países de nossa Terra. Referimo-

-nos especialmente ao Brasil. Por exemplo na fig. "H" podemos ver Arlindo com os familiares numa demonstração da facilidade de convívio interracial no Brasil. Assim, deixamos ao leitor a indagação: não seria essa facilidade a causa da preferência dos extraterrestres nas suas aterrisagens e nos seus contatos, aqui, no Brasil?

5.10. A MONITORIZAÇÃO POR MEIO DE APARELHO

A descida, em seqüência, de 3 sondas nas proximidades, pode indicar que cada uma delas tivesse chegado dirigida até ali.

Talvez, até mesmo a "missão" de cada sonda, também, já estivesse definida através de uma monitorização. E quem sabe, até mesmo, a própria testemunha, Arlindo, estivesse sendo "testado" por essa monitorização.

Em capítulo anterior já citamos casos de monitorizações extraterrestres publicadas em nossos Boletins, uma na cidade de Caconde (S.P.), outra em Lagoa Vermelha (R.S.) e duas no Rio de Janeiro (R.J.).

5.11. A FALA DOS EXTRATERRESTRES

Arlindo declarou que os ufonautas, quando se comunicavam, entre si, emitiam um som chiado que não era, propriamente, uma língua falada, como a que conhecemos.

Chamamos a atenção do leitor para o fato de que a testemunha Antônio Vilas Boas, num outro caso, observou que os ufonautas se comunicavam através de uma espécie de uivos. (ler Bol. da SBEDV nº 26/27 pg. 8; nº 90/93 pg. 13 e Bol. Especial 1975 pg. 47).

Entretanto, a perfeita comunicação (em língua portuguesa) entre os ufonautas e Arlindo - que sofre de surdez aguda - deixa muitas indagações.

Segundo Arlindo, a voz dos ufonautas não vinha diretamente deles, mas de alhures da sala "como se fosse de um rádio".

Em outro local já falamos sobre as hipóteses de como se teria realizado esta comunicação: telepatia ou impregnação direta das células nervosas ao nível do cérebro por feixe monitorizado - ou ainda fosse o português falado por meio do alto falante de tradutor computadorizado (em semelhança ao primeiro contato do casal Ermírio e Bianca)?

Tudo fala em favor de Arlindo não ter "ouvido" a conversa dos ufonautas pelo seu próprio ouvido. Este lhe teria dado "condição esterofônica", permitindo-lhe focalizar a direção de onde vinha o som.

5.12. CRÍTICA AO COMPORTAMENTO EXTRATERRESTRE

Não cabe a uma civilização menos evoluída intelectual e materialmente, a terrestre, criticar outra mais favorecida, no caso - a extraterrestre.

Isto, entre nós, é privilégio dos experts políticos.

Ufologistas inteligentes como R. Leo Sprinkle, Ph. D. da Universidade de Wyoming, cautelosamente expõem suas teorias com relação à pretensão dos extraterrestres e seus intermediários aqui na Terra - as testemunhas de contatos (com os extraterrestres).

Assim no "APRO Bulletin", maio 1979, pag. 7, quando analisa o contato entre ufonautas e testemunhas terrestres Sprinkle diz que sendo estas testemunhas escolhidas pelos extraterrestres serviriam como pontos de intercâmbio para compreensão da perspectiva extraterrestre em relação à nossa - da Terra.

Os contatos seriam mantidos a longo prazo através de comunicação por feixes de monitorização à distância, telepatia, tranze, seqüestros repetidos (da testemunha) e/ou por encontros face a face da testemunha com os extraterrestres, eventualmente vivendo aqui (entre nós) na Terra.....

OBSERVAÇÃO

Ocorrem-nos ainda as palavras do professor de arqueologia, o americano George Hunt Williamson, por ocasião de uma palestra proferida na SBEDV, em 1958, (Boletim da SBEDV nº 5, pag. 3) quando procurou demonstrar "que os homens do espaço dispunham de aparelhos eletrônicos muito superiores aos nossos, que lhes permitiam captar os nossos pensamentos e palavras..."

Williamson finalizou, afirmando: "mesmo que algum relato referente ao Disco Voador não corresponda exatamente à verdade, ela surgirá, mais cedo ou mais tarde, de qualquer maneira."

(CRÍTICA)

Se admitirmos que os ufonautas de Arlindo "dentro em breve" se comunicarão conosco na base mais larga" conforme se de-

duz de seu relato, lembraremos que a expressão "dentro em breve", reflete uma terminologia terrestre, ligada à nossa medida de tempo, medida da nossa vida (a vida extraterrestre pode ter duração maior que a terrestre) termo este que talvez tenha outro significado entre os extraterrestres que jogam com espaço de tempo de várias gerações (terrestres) em vez de intervalos mais curtos, de uma só geração como é o caso terrestre.

Com relação à expressão "dentro em breve" usada por ufonautas é a testemunha Wilson Gusmão (caso de Alexânia) que se desapontou com a interpretação por ele mesmo dada à expressão, dentro de conceito terrestre.

OBSERVAÇÃO I

Cita o MUFON (Ufo Journal Set. 1979, pag. 3) o caso de Ronnie Patrick ouvindo do um Ufo uma voz "feita máquina tradutora" dizendo (em inglês): "... vamos voltar..... estamos aqui para ajudar não queremos fazer mal"

OBSERVAÇÃO II

O Sr. Adilson Barbosa não atentou para o fato de que os encontros com os extraterrestres, não deveriam, no momento, acontecer de maneira sensacionalista; nem através dos veículos de comunicação das massas (rádio, TV, Jornal) e nem com programada antecedência (ver Última Hora, Rio, 08/2/80).

CIPEX e GENA
2004

Os encontros com os extraterrestres, pelo menos até então, têm sido organizado (por eles) da maneira discreta e não vemos razão, para que se processem de forma diferente, ... pelo menos enquanto nossos governos terrestres continuem hostis aos extraterrestres.....

Explicação das figuras relativas ao Texto.

Fig. C.3 - Foto, ampliada do 3º objeto extraterrestre fotografado pelo Arlindo. Setas brancas apontam detalhes da "hélice" (veja também fig. 6, 7, 8).

Fig. D - O 4º objeto, em desenho de Arlindo. Também complementos da SBEDV: planta baixa (em "b"); vista lateral (em "a"); suportes do aparelho, em pontilhado e conforme informação de Arlindo. Ver também fig. E, F, G, V.

- Fig. E - Chegada de Arlindo ao Disco Voador aterrissado. Retrato "falado", de Wilma Romito.
- Fig. F - Impressões deixadas no chão, pelos suportes do DV. Desenho de Tadeu, irmão de Arlindo. Ver também fig. "V".
- Fig. G - Combinação de planta baixa e corte, do interior do DV. Desenho feito por Jairo, conforme explicação de Arlindo.
- Fig. H - Foto de grupo de familiares de Arlindo.
- Fig. I - O "vídeo", segundo um desenho de Arlindo. Em "s", botões tipo sanfona; em "b", os botões menores.
- Fig. K - Demonstração no "vídeo", feita pela Ufonauta. Desenho "falado", de Wilma Romito.
- Figs. L.1, L.2, L.3, L.4 - Reprodução dos ufonautas. Em L.1 a L.3, Esculturas feitas pelo Arlindo, em massa de vidraceiro. Em L.4, retratos falados, de Wilma Romito.
- Fig. M - Foto de Arlindo.
- Fig. 1 a 4 - Cópias de contato das fotos de dois objetos, estando estes dentro dos círculos marcados. Em 1 e 2, o primeiro objeto. Em "A", desenhado pelo Arlindo. Em 3 e 4, o segundo objeto. Em "B", desenhado pelo Arlindo. Em A.1, A.2, B.1, B.2, nos círculos, aplicações (12 vezes) respectivamente das fotos 1, 2, 3, 4. Na fig. 4, no local do 2º objeto, apareceu como que uma nuvem branca (ampliada em B.2).
- Fig. 5 - Não houve exposição da chapa.
- Fig. 6 a 8 - Cópias de contato das fotos do 3º objeto (indicado em círculos marcados). Em C.1, C.2, C.3, ampliações respectivamente das fotos 6, 7, 8. Em C.1, C.3, aumento de 12 vezes; em C.2, aumento maior que 12 vezes.
- Fig. C - O 3º objeto, conforme desenho de Arlindo. Ao lado, concepção da "hélice", pela SBEDV, como se desprende das ampliações das fotos.
- Fig. 9 - Não houve exposição da chapa.
- Fig. 10 e 11 - Últimas fotos do filme de familiares de Arlindo. A cabeça (largura de aproximadamente 2 mm) da fig. 10 foi ampliada cerca de 12 vezes (no círculo maior medindo aproximadamente 24 mm).
- Fig. N - Reprodução de figura do Bol. da SBEDV nr. 112/115, servindo para explicar o cálculo do tamanho de um objeto aéreo, quando fotografado.
- Fig. O - Desenho de Jairo. Mapa da região, com os dados referentes ao episódio, assinalando os locais de onde foram batidas as fotos das fig. P. Q.
- Fig. P e Q - Fotos realizadas durante a pesquisa do grupo varginense. Foto em "Q" feita em direção nordeste; em "P" na direção a Leste do local de aterrissagem do DV, segundo explicações de Jairo. A equipe varginense incluía Ubirajara Franco Rodrigues, Málius de Figueiredo (que achou o embornal), Ruth Cordeiro Fernandes Ensã e Francisco Antônio Romanelli.
- Fig. R e S - Escritas de extraterrestres. Em "R", embornal de Arlindo. Em "S", caracteres semelhantes (ou talvez iguais) aos de "R", em reprodução do papel com escrita entregue por ufonauta a Luiz Henrique, em São Paulo, capital, em 26/4/59 (leia Bol. da SBEDV nr. 10, pag. 4, e também FSR Maio/Junho 1967, pag. 5)
- Fig. T - Foto de Arlindo e Jairo (à direita).
- Fig. U - Foto de ufólogo varginense Ubirajara Franco Rodrigues.
- Fig. "V" - Facsimile do "Diário do Grande ABC" - Santo André, S.P. - 25/5/80. Molde em gesso feito pelo grupo varginense. Mostra as impressões deixadas no chão pelo trem de aterrissagem do DV.
- Fig. W - DV visto por Américo Esau dos Santos - (Desenho falado feito pela equipe da SBEDV).

DOIS SEQUESTROS POR UFONAUTAS EM PELOTAS (RS).

6 - O SEQUESTRO DE UM OPERÁRIO POR UM DISCO VOADOR

Pesquisa realizada por Luiz do Rosário Real (do centro ufológico pelotense SPIPDV, na Rua Marcílio Dias, 1.566, Pelotas, RS, Brasil e já foi publicada pela Revista Ufo - Documento nº 6, Janeiro/Março 1980 - "Caso do bairro COHAB - Pelotas"), condensada em alguns dos seus aspectos e ampliada em outros pela SBEDV.

6.1. RESUMO

Jovem e simplório operário se diz sequestrado por ufonautas. O relato da testemunha, em estado consciente, parece confirmado pela evidência de marcas no chão, deixadas pelo veículo e também pela regressão ao episódio ufológico, feita em sono hipnótico. A testemunha, pela falta de instrução e de imaginação, seria extremamente improvável inventar a história: Disse que foi levada ao interior do Disco, recusou viajar, a convite dos ufonautas e foi por estes liberada em seguida, tendo sido deixada no mesmo local do seqüestro.

A Testemunha

Assis Antônio de Ávila, brasileiro, solteiro, operário, de 28 anos de idade, filho de Santa Justa Caetano de Ávila e Assis de Ávila.

CIPEX e GENA
2004

Local do Seqüestro

Um campo situado defronte à Av. Cristóvão José dos Santos, bairro Cohab, Pelotas, RS, distante aproximadamente 4 km do centro da cidade.

Residência da Testemunha

Rua Leopoldo Miguens, 632, Vila Santos Dumont, ao lado do bairro Cohab, Pelotas, RS.

Datas

do seqüestro - 10/5/78, quarta-feira, aproximadamente das 22h 50min até 0h 15min, num intervalo; portanto de 1 hora e 25 minutos.

do depoimento da testemunha à SPIPDV - 12/5/78, sexta-feira, às 16h, 2 dias portanto após o episódio; à SBEDV no Rio de Janeiro, dia 20 a 21 de setembro de 1979.

6.2. O EPISÓDIO

Antecedentes

Na noite de 10/5/78, Assis Antônio Caetano de Ávila retornava para sua casa na camionete de uns amigos que lhe haviam dado carona. Pouco antes de descer na esquina da Av. Cristóvão José dos Santos com a Av. Salgado Filho, Assis teve a atenção despertada para uma estranha luz aérea, semelhante a um farol. Falou a seus companheiros que olhassem naquela direção, mas eles nada observaram de anormal.

OBSERVAÇÃO

O ufólogo Luiz do Rosário acha que somente Assis enxergou tal luz porque poderia já estar sob controle mental dos ufonautas.

Por volta das 22h 50min, Assis desceu da camionete e dirigiu-se a pé para casa, seguindo tranquilamente pela Av. Cristóvão José dos Santos. Ao passar defronte ao campo existente antes do Presídio Municipal - a uns 150m da esquina - ele observou no céu, a mais ou menos 30° de altitude e na direção NE, algo semelhante a uma estrela muito brilhante. Essa "estrela" começou a aumentar de tamanho e veio rapidamente descendo em direção ao campo. Quando a "estrela" aproximou-se mais do campo, a poucos metros da cerca de arame, pelo lado de dentro, Assis percebeu que se tratava de uma estranha nave luminosa: "arredondada", com aspecto metálico e com forma aparente de um "chapêu de explorador". Ao descer, o objeto projetou sobre o solo dois faróis de luz branca muito intensa e se apoiou sobre quatro patas ou hastes de metal. No momento exato da descida do aparelho, Assis teve a impressão de que as luzes do bairro se apagaram, pois "escureceu tudo à sua volta".

OBSERVAÇÃO DA SBEDV

Geralmente, o apagar de luzes de uma cidade (ou de um bairro), com a aproximação de um disco voador, é explicada pela influência do campo eletro-magnético deste,

provocando talvez uma ionização condutora do ar e, assim, fuga da energia elétrica dos fios da rede e suas chaves. Também se poderá admitir a ação inibidora desse "campo", diretamente sobre os dispositivos geradores de energia elétrica (mas isto, somente no caso de a cidade possuir os seus geradores próprios e exclusivos).

Já que os habitantes do bairro não perceberam falta de energia elétrica no horário do seqüestro de Assis, outra explicação para o fenômeno seria a manipulação seletiva dos sentidos e nervos da testemunha. Assim, os sentidos e os nervos de determinada pessoa poderiam supostamente estar sendo influenciados pelos campos energéticos dos discos voadores e estes eliminariam à sua volta, seletivamente, os sons (Antônio La Rúa - Bol. SBEDV n.º 121/125, pág. 23; o Caso dos Caçadores de Jacarés - Boletim SBEDV n.º 51/53, pág. 12-13), ou a luz, como no presente episódio e em um caso acontecido no Rio Grande do Sul (Bol. SBEDV n.º 55/59, pág. 16).

O céu estava estrelado, sem lua e sem nuvens; uma noite límpida. Mas, um nevoeiro denso formou-se rapidamente logo após a descida do objeto, no local (uma camuflagem da área, realizada por "eles"?).

Seqüestrado por "Dois Homenzinhos"

Logo após o escurecimento do local, Assis sentiu-se tonto e, ao mesmo tempo, induzido a caminhar em direção à cerca de arame. Em seguida, viu-se agarrado pelos braços de dois estranhos "homenzinhos" de aproximadamente 1,10m de altura. Estes encontravam-se vestidos com uma roupa justa no corpo, de cor branco-prateada, e tinham capacetes com viseira, semelhantes aos dos motoqueiros, mas, com duas pequenas antenas ou hastes voltadas para cima tendo nas pontas esferas, ou bolotas.

Os estranhos seres falaram com Assis em nossa língua, convidando-o para acompanhá-los até ao aparelho, pois queriam dar volta com ele no espaço e mostrar-lhe o planeta de onde vieram.

Assustado, Assis tentou em vão desencilhar-se deles à força e pediu-lhes que o deixassem ir para casa. Apesar da resistência, os ufonautas seguraram o rapaz com firmeza, levando-o para o aparelho pousado logo adiante. Diz a testemunha: "Eu não sei como foi, se passamos pelo meio do aramado, por baixo ou por cima do mesmo. A verdade é que quando me dei conta, nós já estávamos defronte do aparelho".

No Interior da Nave

No aparelho, uma porta larga abriu-se de dentro para fora, como nos grandes aviões comerciais; em sua extremidade inferior havia uma escada, por onde os três subiram para bordo da nave - um de cada lado de Assis. Ao entrarem, Assis viu-se solto e lembrou-se de haver dado dois passos para a direita, parando aí. Dentro do objeto, ele sentia grande dificuldade para respirar - "Parecia que algo apertava minha garganta. O ar era diferente, mais morno que o nosso".

A peça onde se achava era toda iluminada, com uma luz que não prejudicava a visão, semelhante à luz do dia. Ele notou então a presença de mais dois tripulantes, sentados diante de aparelhos como os de televisão. Nas telas, via-se a imagem como quando a "transmissão está fora do ar". Ao enxergarem Assis, esses dois tripulantes levantaram-se e vieram para perto dele. A testemunha teve então uma grande surpresa - tratava-se de duas "mulheres", vestidas com uma roupa branco-prateada: por cima dessa roupa, traziam uma bonita capa, do mesmo tecido e da mesma cor. A exemplo dos "homenzinhos", elas possuíam também capacetes com pequenas antenas, mas sem esferas ou bolotas nas pontas. O cabelo comprido a sobressair sob os capacetes e caindo sobre os ombros, aliado ao aspecto físico, deixava transparecer claramente que eram mulheres. Eram um pouco mais altas que os "homenzinhos", com cerca de 1,30m, e um pouco mais "cheias de corpo".

Uma dessas tripulantes - morena de cabelos escuros - acercou-se de Assis em atitude amistosa, falando-lhe em nossa língua, disse-lhe que não tivesse medo, pois queriam levá-lo para conhecer um outro mundo, o planeta deles.

Assis não concordou com o convite. Respondeu que sua mãe encontrava-se doente e sozinha, esperando-o em casa. Pediu mais uma vez que o soltassem, implorando pelo amor de Deus que o deixassem ir embora.

Nesse meio tempo, a outra tripulante - loura - que se levantara por último, falou: "Deixem o rapaz ir embora. Noutra vez, nós viremos para levá-lo". Esta parecia ser a chefe, pois foi logo obedecida pelos demais tripulantes. A partir daí, não mais molestaram Assis com a insistência em querer levá-lo para a tal viagem. A porta da nave se abriu e o rapaz caminhou em direção a ela. Desceu a escada até ao chão. Já em terra firme, ele olhou para trás e viu a porta fechar-se. Logo após o disco subiu e partiu sumindo de vista.

Assis permaneceu algum tempo sentado no chão, cerca de 10 minutos, para refazer as forças. Depois, aproveitou a claridade, proveniente de luzes próximas, para olhar as horas em seu relógio de pulso. Verificou então que o relógio marcava 0h 15 min. Diante disso, o rapaz ficou bastante intrigado. Pela sua estimativa, desde o seu sequestro até o final do diálogo com os tripulantes da nave deveriam ter passado no máximo uns 10 minutos. No entanto, pelo seu relógio o tempo totalizou 1h 15min, até ver-se fora da nave. Que teria havido após o diálogo, ou seja, no intervalo de 1h 15

OBSERVAÇÃO DA SBEDV

A discordância entre o tempo medido (1h 25min) e o do diálogo curto aproximadamente 10 min) com os tripulantes fez o ufólogo gaúcho Luiz do Rosário Real providenciar uma regressão ao episódio, com o paciente em estado hipnótico. Essa regressão hipnótica foi feita em 20/9/79, no Rio de Janeiro, pelo hipnólogo Dr. Cid Filgueiras (Rua Conde do Bonfim, 214), e vai transcrita logo adiante.

Uma possível explicação para essa diferença dos tempos (medido e vivido) seria a "contração do tempo" causada pela grande velocidade a que teria viajado o Disco Voador e de acordo com o que postula a "Teoria da Relatividade", de Einstein. Isto pode também ter acontecido nos casos do soldado de Bebedouro (Bol. SBEDV nº 94/98, pág. 21) e de Paulo Coutinho (Bol. SBEDV nº 116/120, pág. 8).

Características do Aparelho

O aparelho tinha aspecto metálico, "arredondado", com a forma aparente de um "chapéu de explorador"; na parte central da cúpula possuía várias janelas ou vigias, de formato quadrangular; apresentava uma porta larga, que se abria para fora; com uma escada na extremidade dessa porta, o aparelho se apoiou sobre quatro patas ou suportes metálicos.

OBSERVAÇÃO DA SBEDV

Recebemos ainda carta do Sr. Luiz do Rosário Real e de Assis, de 11/10/79, explicando mais detalhes de Assis a respeito dessa escada. Ela possuía degraus finos e bem lisos, cor de alumínio, do mesmo material das paredes internas do disco voador. A profundidade dos quatro degraus era de cerca de 30cm, distantes uns dos outros aproximadamente 15cm. A inclinação da escada era de mais ou menos 20° (SBEDV: com a vertical?).

As paredes internas da nave pareciam feitas de um tipo compensado, bem liso e cor de alumínio.

O piso do aparelho parecia constituir-se de uma espécie de tapete muito macio, marrom. Assis lembra-se de que "ao pisar, sentia-o bem fofo; era como se caminhasse sobre uma esponja".

Havia uma espécie de mesa circular no interior do aparelho (painel de controle?); acima dessa mesa, na parede, viam-se dois aparelhos como os de televisão, diante dos quais as "moças" estavam sentadas; a tela desses aparelhos assemelhava-se à dos televisores terrestres quando a imagem "está fora do ar".

Sob o teto, viam-se quatro focos de luz branca e conforme a de vapor de mercúrio, de forma quadrangular, que iluminavam todo o interior da nave; era como a "luz do dia"; não ofuscava a vista. No lado esquerdo havia uma porta e uma janela. No lado direito, existia outra janela e, no fundo de um corredor, via-se uma porta.

OBSERVAÇÃO DA SBEDV

No Rio de Janeiro, Da. Wilma Romito esteve com Assis, ocupada em fazer o retrato-falado da sala do disco voador onde ele estivera. Seguindo as indicações das dimensões dadas pela testemunha, ela concluiu que lá não havia lugar para outra sala e nem para um "corredor".

O que ficou claro pela planta-baixa e pela perspectiva, feitas por Da. Wilma, é que, em razão da largura da mesa (aproximadamente 2m) naquela sala (de mais ou menos 4m de diâmetro), restou espaço estreito para as 5 pessoas - 4 ufonautas e Assis - se locomoverem naquele ambiente. Quer nos parecer que esse espaço estreito foi chamado de "corredor", pelo Assis.

A respeito das duas portas na sala, uma era aquela pela qual a testemunha havia entrado; ao nosso ver, a segunda porta devia também conduzir para fora da nave.

Conforme pudemos observar, às vezes os gaúchos usam expressões próprias. Mas, no caso de Assis, parece tratar-se da dificuldade de uma pessoa de origem humilde usar expressões de pouco uso seu, no lugar e no sentido corretos.

Os únicos móveis existentes nessa peça central seriam a mesa circular e os dois bancos com recosto, semelhantes aos que se vêem nos bares ou lanchonetes.

O ar respirável no interior da nave era diferente do nosso; haja vista que Assis logo de início sentiu muita dificuldade para respirar, ficando com um "aperto na garganta e sufocação".

As dimensões do aparelho são aproximadamente as seguintes: por fora, incluindo a aba horizontal, cerca de 8m de diâmetro; na parte interna, 4m de diâmetro por 2,5m de altura; e altura de mais ou menos 3m.

Comentários da SBEDV

Tanto os "homenzinhos" quanto as "moças" ao falarem mexiam com a boca e com os olhos e sua voz era audível, segundo Assis. As tripulantes tinham voz fina, feminina; os tripulantes masculinos tinham voz de homem, em tom meio grave.

No Rio de Janeiro, estivemos conversando com Assis, antes de ser submetido à hipnose, para esmiuçar alguns dos aspectos do episódio e da própria personalidade da testemunha.

Tivemos especial cuidado em investigar o meio de comunicação utilizado entre Assis e os extraterrestres. Segundo Assis, os ufonautas falavam português com sotaque espanhol e movimentavam os lábios. Imaginamos que a testemunha tenha percebido perfeita sincronização entre as palavras pronunciadas e os movimentos labiais.

Ao ser levado para dentro do DV, Assis foi solto e, readquirido os movimentos próprios, andou dois passos, da porta para dentro do salão circular de mais ou menos 4m de diâmetro; sentiu o ar frio como ar condicionado e teve gás escapando pela boca, em forma de arroteo.

No diálogo, o extraterrestre à esquerda perguntou se poderiam levar Assis. Este respondeu que não, pois tinha mãe.

Assis arriscou a pergunta: "Qual é o lugar que vocês são?", (sic). O tripulante à sua esquerda, aparentemente porta-voz do grupo, respondeu: "Não posso dizer nem vamos dizer, porque você poderia falar para os seus companheiros".

Nesse instante, o extraterrestre da direita repetiu a pergunta: "Por que motivo não pode ir?". Assis respondeu que tinha dois irmãos também.

A tripulante loura, sentada à mesa diante do "tela" da direita, levantou-se e adiantando-se para Assis, perguntou-lhe de onde ele havia vindo àquela hora. Ele respondeu que havia estado no centro da cidade e viera até por perto, no carro de alguns colegas.

A outra extraterrestre, morena, perguntou-lhe então por que motivo ele não queria ir. Assis respondeu que não podia.

Nesse instante, o tripulante da direita, que estava encostado na porta, dirigiu-se ao outro extraterrestre, perguntando ou falando alguma coisa, em língua que Assis não entendeu. Em seguida indagou mais uma vez a Assis por que ele não queria ir. Assis respondeu que não ia, embora eles continuassem a insistir nisso.

A mesma personagem voltou à carga, querendo saber por que eles não deveriam continuar a insistir naquilo.

OBSERVAÇÃO DA SBEDV

Assis estava completamente à mercê dos ufonautas. Mesmo assim, admiramo-nos de terem ficado nesse "chove-não-molha", pedindo a aquiescência da testemunha para levá-la com eles. Concluiu-se então, que esses ufonautas não são de índole beligerante.

Então Assis calou-se. Estava sentindo acentuar-se forte ansia, que antes começara a sentir no estômago, desde que entrou no disco voador.

A extraterrestre loura virou-se nesse momento para Assis, dizendo-lhe que ele podia ir embora.

Nesse instante a porta abriu-se. Assis ignora se isso tinha algo a ver com o tripulante da direita, encostado na porta, que ficara com a mão nas costas e assim perto da porta. Assis andou em direção à passagem. Com a mão, segurou o portal da direita e deu dois passos sobre a porta, que estava agora deitada, arriada no piso horizontal da nave. A testemunha desceu os quatro degraus da escada. Nessa hora, sentia perfeitamente que pisava nos degraus (na subida, agarrado pelos dois "homenzinhos" de cada lado, sentia o pisar de seus pés só muito de leve, como se caminhasse sobre espuma).

No chão, Assis deu quatro passos para a frente e olhou para trás. Nesse momento, viu a porta fechar-se (de baixo para cima) e, incontinenti, o disco subiu para perder-se de vista em aproximadamente 5 segundos. O rapaz ficou sentado no chão cerca de uns 10 minutos para recuperar as forças. Depois, foi para casa, num trajeto em que levou aproximadamente outros 10 minutos.

A aterrissagem do DV tinha se dado no campo de "Mário Bonito", em frente ao supermercado Bonow, no bairro Cohab, a cerca de 20 minutos do centro de Pelotas. Nesse

bairro, existem aproximadamente 680 casas entre as quais há muitos gramados onde cavalos costumam pastar.

Com relação à personalidade de Assis, Luis do Rosário Real diz: "Através de informação que nos foi prestada por um seu amigo, ficamos sabendo que o Assis não costuma ler, nem mesmo jornais. A sua instrução primária é bastante deficiente. Além do mais, trata-se de um cidadão de origem humilde, um tanto simplório, pessoa de índole pacífica e que não é dado à prática de vício algum. Possui mente sã e também ótima saúde física.

Ainda com relação à personalidade de Assis, ele não possui o treinamento intelectual de um Paulo Coutinho (Bol. SBEDV nº 116/120, pág. 13), testemunha com larga vivência na vida escolar e agora acadêmica. Assis é tímido; pelo menos o era aqui na sua estada no Rio de Janeiro - não domina o seu ambiente, onde tem dificuldade de arranjar trabalho como operário não especializado e, na luta diária, sente-se inferiorizado na estratificação da atual sociedade humana. Assim, talvez se possam explicar certas declarações suas um tanto vacilantes. Por exemplo, em relação à conversa dos tripulantes entre si, Assis ora dizia entendê-la, ora dizia não entendê-la, conforme o posicionamento mais ou menos enérgico da pergunta posta pelo ufólogo. Também, em relação à pessoa encarregada do comando da nave, Assis não soube dizer com clareza se o chefe da tripulação era o extraterrestre que abriu a porta ou se era uma das mulheres.

Felizmente, a sessão de hipnose regressiva feita pelo Dr. Cid Filgueiras, transcrita adiante, compensou, pelo menos em parte, essa falta de firmeza e de impor-se, por parte da testemunha, em alguns dos pontos. Com a regressão, alguns desses aspectos receberam então singela e satisfatória explicação.

Além disso, o "namoro" de Assis com a tripulante loura, que só veio à tona durante a regressão em hipnose aqui no Rio de Janeiro, poderia explicar satisfatoriamente o tempo cronometricamente longo de 1h 25min, conforme já havia sido focalizado pelo perspicaz ufologista gaúcho Luiz do Rosário Real.

O Desaparecimento da Nave

Quando se deu conta de sua situação, conscientemente, Assis viu-se no campo, sozinho, no mesmo lugar de antes, porém, bastante tonto. Observou então o estranho aparelho elevar-se no ar, em direção vertical,

sem ruído algum. Ao atingir uns 10m de altura, a nave recolheu as quatro hastes de metal em que se apoiara e, em velocidade impressionante, desapareceu no céu, na mesma direção de onde viera.

Logo após o desaparecimento do objeto, Assis ainda meio estonteado percebeu novamente as luzes do bairro e consultou seu relógio, constatando que decorrera um intervalo de 1h 25 min desde o seu seqüestro até aquele instante.

Sentiu-se insone e com muita sede

Ao chegar a casa, já fora do horário habitual, Assis deitou-se mas não conseguiu dormir normalmente. Sentia muita sede e uma ardência na garganta. Passou quase todo o tempo a se revirar na cama, tendo bebido mais de um litro d'água durante aquela noite.

Entrevistada pelo pesquisador Luiz do Rosário Real em 13/5/78, a mãe de Assis, Da. Santa Justa Caetano de Ávila, informou que realmente seu filho chegara fora do horário habitual naquela noite. Ainda acordada quando Assis chegou, ela notou que por várias vezes ele fora à cozinha (beber água?) além de mostrar-se bastante agitado e com a respiração muito forte. Pela manhã Da. Santa procurou saber o que havia acontecido com seu filho, sendo então informada de tudo. Preocupada, aconselhou Assis a não passar mais pelo local do seqüestro e a não voltar para casa tarde.

6.3. A PESQUISA IN LOCO

Os Vestígios no Campo

Após ter ouvido o relato de Assis, acerca do episódio, Luiz do Rosário Real dirigiu-se ao local do seqüestro, no dia 12/5/78. Lá chegando, o pesquisador e a testemunha puderam verificar a existência de quatro marcas sobre o chão duro: quatro furos circulares de uns 10cm de diâmetro e uns 2cm de profundidade. Esses furos estavam dispostos nos vértices de um retângulo tendo aproximadamente 1,5m de largura e 3m de comprimento. Na oportunidade, os buracos foram assinalados com estacas para serem posteriormente fotografados.

Decorridos uns 15 dias após esse fato, Luiz do Rosário Real e Assis retornaram ao local, depois de se tentar, em vão, achar um hipnólogo para fazer uma regressão mental da testemunha, ao episódio, em transe hipnótico. A intenção era fotografar as mar

cas deixadas no solo, pela nave, e verificar se havia alguma simetria nelas. Porém, tiveram uma grande surpresa ao chegarem ao local: o campo, até então virgem, fora todo lavrado! O pesquisador Luiz do Rosário admitiu que teria sido obra de algum interessado em apagar os vestígios nítidos que o disco voador deixara. Curiosamente, a terra lavrada não foi cultivada posteriormente e o capim voltou a crescer, ficando o campo como o mesmo aspecto de sempre. Apesar de não procurar saber os motivos desse fato, o pesquisador não tem dúvida de que se trata de estranha coincidência.

6.4. ELES VOLTARAM

Em seu depoimento a Luiz do Rosário Real, Assis afirmou que ouvira dos tripulantes do disco voador a declaração de que voltariam na quarta-feira próxima, 17/5/78. Assim quatro pessoas, incluindo Assis e o pesquisador, esteve no local nessa noite, na expectativa de um possível retorno dos extraterrestres. Coincidência ou não, por volta de meia-noite, o grupo avistou, exatamente sobre o local do seqüestro, no céu, uma estranha luz deslocando-se muito rapidamente, em linha horizontal, sumindo logo. Essa luz surgiu da mesma direção de onde aparecera a nave que seqüestrou Assis. Conforme disse o ufologista gaúcho, o disco voador não desceu porque Assis estava acompanhando de outras pessoas.

OBSERVAÇÃO DA SBEDV

Sobre este fato interessante, pedimos que seja lido com atenção o trecho referido na regressão sob hipnose.

6.5. OS PREPARATIVOS PARA REGRESSÃO EM HIPNOSE

Havíamos sugerido ao ufólogo gaúcho, Luiz do Rosário, que nos encaminhasse Assis, a testemunha, a fim de que se organizasse aqui uma sessão de hipnose.

Chegou-nos um aviso do embarque prêvio, da dita testemunha, para o Rio. Essa sua chegada antecipada nos deixou com pouco tempo para o preparo da sessão, porquanto já havíamos assumido outros compromissos. Contudo as dificuldades encontradas foram todas superadas.

O Dr. Cid Filgueiras, hipnólogo, parapsicológico e dentista, grandemente interessado em ufologia, ofereceu-se para rea-

lizar a sessão, à noite, na sua residência, à rua Conde de Bonfim, nº 214, ap. 204, - Rio de Janeiro. Esse endereço fica situado, por uma coincidência, próximo ao nosso local de trabalho.

O referido hipnólogo exerceu anteriormente a profissão de comandante da aviação civil. Nesta qualidade, certa ocasião, quando pilotava um avião de São Paulo para o Rio, juntamente com a tripulação e passageiros, teve a oportunidade de avistar um Disco Voador à altura da Ilha de São Sebastião. O Disco acompanhou o avião por um trecho apreciável.

Esse episódio foi relatado, recentemente, pelo próprio Dr. Cid aos telespectadores do canal 6 de televisão, domingo, dia 18/11/79, no programa Flávio Cavalcante.

O gaúcho retro-aludido permaneceu no Rio durante dois dias e meio, mas teve pouco tempo para descansar e conhecer a Cidade. Isto porque, à noite, Assis ficou ocupado, por longo tempo, com a regressão em hipnose e durante as tardes em ajudar a desenhista Wilma Romito na confecção dos retratos falados. Nesta ocasião pudemos avaliar o grau simples de instrução da testemunha Assis, devido a sua dificuldade em usar termos para descrever tudo que havia visto no interior da navezinha e explicar todos os seus passos pormenorizadamente.

6.5.1. OBSERVAÇÃO EM RELAÇÃO À SESSÃO

O nosso gravador de som apresentou defeito, razão pela qual utilizamos a gravação feita pelo Dr. Cid, a qual era de muito boa qualidade. A testemunha falava certos trechos em voz muito baixa, o que dificultou a compreensão e captação das suas palavras na fita gravada, além do fato de que alguns trechos, eram pronunciados no jargon sulista. Entretanto, esses problemas foram resolvidos: pelo Dr. Cid, com a sua apurada audição, e pelo gaúcho Luiz do Rosário que elucidou para nós as expressões gaúchas "sui generis".

Deixamos de transcrever tanto a indução quanto o final da sessão. Apresentamos ao leitor apenas a parte essencial da regressão hipnótica, para que julgue alguns aspectos da personalidade da testemunha, de sua sinceridade e da veracidade do relato, uma vez que aquilo que ela declarou em consciência coincidiu aproximadamente em 99% com o seu relato em estado hipnótico.

O Dr. Cid insistiu num relaxe total da testemunha. O transe foi profundo, tornando-se possível serem vencidas certas bar-

reiras de sua mente, de modo a fazer a testemunha relatar trecho importante do diálogo, uma espécie de namoro, mantido com as ufonautas, trecho este que talvez se possa justificar por meio de uma das duas seguintes hipóteses:

- a) Pela demora real (tempo terrestre) da testemunha, no DV, durante 1h e 15 min aproximadamente; a testemunha não teria percebido isto, pelo fato de ter desenvolvido uma conversa agradável, com os tripulantes.
- b) Pela demora como "contração do tempo", de acordo com a Teoria da Relatividade (de Einsteins), tendo em vista a velocidade vertiginosa, eventualmente empregada pelo DV em seu vôo com a testemunha no seu bojo. Segundo a Relatividade, o tempo se passa diferentemente, para um viajante em altas velocidades, em relação aos que estão "parados" (na Terra). Para nós, o tempo "real", medido no relógio, foi o intervalo de aproximadamente 1 h 15 min; entretanto, para a testemunha, o tempo foi "contraído" para cerca de uns 10min, como consequência da alta velocidade em que teria viajado no DV.

Creemos que a nossa falta de habilidade específica tenha talvez prejudicado a regressão em algumas das perguntas por nós formuladas à testemunha: ora usando um tom sugestivo em demasia, ora de maneira precipitada. Porém, isto em absoluto não chegou a comprometer o resultado global da experiência.

Contudo, achamos explêndido o resultado produzido pelo hipnólogo Dr. Cid Filgueiras, cabendo mesmo assim, ao leitor, tirar as suas próprias conclusões.

6.5.2. TRANSCRIÇÃO DA SESSÃO DE HIPNÓSE

OBS.: 1 - Para não prejudicarmos a fidelidade da testemunha, conforme nosso costume, evitamos alterá-las, colocando, apenas, sinais de pontuação nos trechos em que ela cessava de falar ou quando a voz se tornava inaudível. Colocamos, algumas vezes, entre parênteses (), vocábulos, sílabas ou letras suprimidas pela testemunha mas necessárias para melhor compreensão do sentido do texto.

OBS.: 2 - Siglas ou abreviaturas

Dr. CID = Dr. Cid Filgueiras
DR. W.B. = Dr. Walter Bühler
Assis = Protagonista
DV = Disco Voador

A Sessão de Hipnose

1. ASSIS - ...mostrei ao(s) colega(s)...
disse(ram) que não (viam).....
continuei perguntando para ele(s)...
ele(s) (continuaram) dizendo que não
(viam)... quanto mais vi (o objeto, mais)
ele ia se aproximando para o meu lado..
Sô vi quando aquele negócio pousou no
chão. Quando cheguei à esquina, não pu-
de mais pegar... caminhar (incompreensí-
vel). Quando olhei de lado... pensei que
as luzes tivessem apagado... acho que
foi impressão minha... naquela hora eu
fiquei paralisado... nas próximas duas-
quadras... e dali não mais caminhei....
Olhei para trás. Não enxerguei ninguém.
Sô vi de lado quando tinha(m) 2 homens..
estavam me agarrando o braço... Não sei
se foi impressão (minha) que (os homens)
passaram (comigo) por cima do arame (da
cerca que corria ao lado da estrada)...
porque foi sô vi (pois sô vi) que eles..
não mais vi nada... sô vi quando aquele
objeto (já) estava pousado (à minha fren-
te) no campo. Eu não sabia (o) que fa-
zer, quando eles perguntaram para mim
se (eu) queria conhecer outros planetas.
Aí quando abriu a porta eu fiquei com
eles (os 2 homens) ali e dali entrei (no
DV)... dei dois passos (para dentro) do
próprio DV... Eu percebi que tinha den-
tro do DV uma loira e uma morena. A loi-
ra se levantou (e veio) na direção mi-
nha. Eu dali olhei (e) vi que dentro da
quele disco tinha(m) dois tipos de tele-
visão: (uma) comum que estava fora do
ar e outra apagada... E os homens fica-
ram do meu lado. Eu perguntava para eles
cada vez (com) mais (insistência) para
ver se eles me soltavam e eles vada vez
(mais) me diziam que iam me levar... Eu
fiquei completamente nervoso. A loira
então me disse (para que eu) não ficasse
nervoso... que não iam fazer nada co-
migo. Eu fiquei cada vez mais nervoso e
não pude mais perguntar por que motivo
queriam me levar. O próprio (tripulante)
ao meu lado dizia: "Por que você não
quer conhecer novos planetas?". E eu en-
tão (disse): "não vou... sem pedir (e
pedi para ele) em (me deixar, soltar)".
"Por que Você não quer" (ir? disse ele).
E eu cada vez mais (pedia para não ir)

exigia (de não ir...). A loura disse (então): "não fique nervoso, porque ninguém vai fazer nada com Você. Fui eu (que) então disse que tinha (de) ir embora... que minha mãe, os meus pais". Aí eu comecei cada vez mais a, exigir (para não ir com eles). E fiz... investida... até de chorar... E eles pediram para (eu) não ficar nervoso. Aí perguntaram se eu tinha irmão. Eu disse que sim e dali eu cada vez mais nervoso estava... (ficava mais nervoso...) não aguentava e começava a pedir para eles me soltarem. Eu queria que eles (me) soltassem... Aí veio a morena e disse (para tripulante): "peça (ao terrestre) para (que) ele volte... vir junto "com nós" (que) venha conhecer nosso... planeta. planeta." E eu comecei a exigir mais e eu (dizia que) nada queria com eles... pedi para me soltar(em). Aí veio a loura para (que) eles (fossem) entrar em acordo (entre eles) para me soltar(em). Aí quando eu vi..... quando um deles fez uma pergunta para mim: "Por que Você não quer ir junto "com nós" e conhecer nosso planeta?" E eu pedi para (não ir) eu nada de (querer) ir e foi (aí) que a loira então começou pedir para eles... Sei que um deles (se) aproximou (do outro) e falou numa voz (numa língua) que não entendi. Aí eles novamente (vieram) para ver se (eu) queria ir com eles.... Eu disse que não podia... (que) tinha minha mãe... novamente (eu disse). Aí a loura então entrou em acordo... (e) pediu para (que eles) nós entrarem (entrassem) novamente em acordo... Quando entraram em acordo ela falou: "Você pode (ir embora) porque Você está libertado... Quando eu olhei, aí o homem (que) estava com (uma) mão para trás... não sei se estava com a mão na porta do Disco ou que que... que era (por) que ele estava ao lado da porta. Aí eu então só vi quando a porta se desceu para o trajeto do chão... daí (me) senti meio tonto... só senti depois então... eu estava botando (os meus pés) nos degraus da própria escada... Quando olhei (de novo) estava pisando já no chão. (Agora) já sentia que não estava (mais) pisando num lugar tão fofo (como antes havia acontecido quando entrava no disco, acompanhado pelos dois tripulantes... (Obs.: Conforme a testemunha declarou antes, em estado consciente). Aí olhei para trás e vi (quando) eles fecharam a porta, quando eu me virei de frente para o próprio Disco... Quando eles se levantaram (o Disco) foi para o rumo onde levanta o sol e daí fez aquele chilipe (sentido de velocidade

instantânea - "ZZZI") e se sumiu e (eu) não fiz mais nada. Só vi (o) quanto (eu) estava tonto, não sei para que lado eu vou... Olhei no relógio. Estava marcando meia noite e quinze. Assentei no chão para ver se estava ainda tonto. Quando passou a tontura só vi quando já estava enxergando as luzes (das casas e ruas) (Obs.: Nota-se aqui uma discordância: em estado consciente a testemunha declarou que não havia visto as luzes da rua, no momento em que deixou o DV) -, e dali me dirigi para o lado do arame (da cerca). Assim passei por baixo do arame e "fui me" embora... Quando cheguei em casa, (eu) estava mesmo ainda tonto. Não sei se o ... que (é) que eles faziam... se me deram uma coisa para mim,.. Cheguei em casa sempre tonto e bebendo água toda a noite e quando foi de manhã, (a) minha mãe perguntou por que tanto eu levantava para beber água (durante a noite)? Eu contei o que tinha acontecido comigo. Minha mãe não quis acreditar. Ainda tinha vizinha que morava ao lado (e que) disse que foi (tudo) um sonho. E dali eu fui que disse: "não foi sonho! Eu vi naturalmente aquilo (aquele objeto) que tinha pousado no campo ali perto do próprio supermercado Bonuw. E dali, ainda ficou no brinquedo comigo. E eu não quis levar no brinquedo. Quis levar (a coisa) a sério. Ainda fui na Rádio Pelotense no outro (seguinte) dia. (Lã) contei completamente (tudo) que tinha acontecido. E (mesmo assim) ainda levaram (o relato) na troça comigo... Todos eles faziam troça de mim e eu não achava brinquedo (nisso por) que aquilo foi uma coisa que tinha sido real comigo. Assim mesmo o Sr. Luís do Rosário Real, rua Marcílio Dias, 1566 - Pelotas -RS-Brasil) entrou em contato comigo pelo telefone (da Rádio Pelotense). Fui (depois) na casa dele (e ali) contei tudo, tudo, tudo o que tinha acontecido. Aí ele achou que aquilo tinha sido uma coisa fora do comum. Aí mandou chamar um (a Radialista Tibiriçã Freitas) da Rádio Universidade e dali eu fiquei completamente (à vontade) falando com eles numa entrevista que todo mundo da Rádio achou séria, que tinha de ser aquilo (e então) outros conheciam como eu (havia chegado a conhecer) conhecia. 11

2. DR.W.B. - Aí Assis, posso fazer uma pergunta, Assis?

ASSIS - Sim

3. DR.W.B. - Você tem certeza que não foi (tudo um) sonho, não??

ASSIS - Não!

4. DR.W.B. - Você nunca teve um sonho assim, não?

ASSIS - Não!

5. DR.W.B. - E em que língua falaram para Você?

ASSIS - Falaram a língua portuguesa.

6. DR.W.B. - E quando falaram entre eles mesmos, o que Você achou? Que língua que era? Você não entendeu quando falaram entre eles, ou Você entendia? *(Obs.: Reconhecemos a nossa falta de habilidade, neste caso, por não termos esperado a resposta de Assis, logo após a nossa primeira frase. A regressão ficou um pouco prejudicada, em algumas situações deste tipo, o que deveria ter sido evitado a todo custo).*

ASSIS - Não.

7. DR.W.B. - E você pode(ria) imitar a língua deles para nós? Pode imitar? Pode imitar? Assim igualzinho - pode imitar?

ASSIS - Até eu... não!

8. DR.W.B. - Não pode imitar?

ASSIS - Não

9. DR.W.B. - Pode imitar! Você vai ter o poder de imitar! Você vai falar, falar a língua deles. Pense bem!

ASSIS -

10. DR.CID - Procure falar a língua deles!

ASSIS - Não é possível! Não consigo!

11. DR.W.B. - Combinaram uma coisa para Você?

ASSIS - Combinaram para outro (encontro). Daí uma semana vir me buscar e eu... então fui... esperei no outro (combinado) dia... esperei uma semana. Quando fez uma semana estava (eu) junto com o Sr. Luiz (do Rosário Real). Atravessei para o outro lado (do arame da cerca) e parei no campo. Quando (quanto ao) Sr. Luiz, (este) ficou numa distância... na esquina da casa... onde ia (o caminho?) para casa (minha) ... Ele seu Luiz contou que viu um estranho objeto luminoso - como um meteoro - que passou muito rápido no céu

sobre o campo e eu (porquanto) estava acompanhado e (assim o objeto) não quis descer... Sô(mente) porque ele(s) disse(ram) que eu tinha de estar sozinho (neste 2º encontro).

12. DR.W.B. - Falaram isso?

ASSIS - Falaram! E dali eu notei também que aquilo estava se aproximando... mas, assim mesmo, pensei que tinha de ficar eu mesmo sozinho, não acompanhado... com esses amigos que tinham ido comigo.

13. DR.W.B. - Você podia entrar em contato com eles ainda, para saber se podem (marcar) fazer outro encontro com Você?

ASSIS - Eu gostaria (de) ver (o disco) outra vez (e que) se eles viessem para fazer para mim... fazer um (novo) contato com eles...

14. DR.W.B. - Pode Você pensar fortemente neles? Fazer que respondam por Sua voz a nós? Nós queremos saber se eles podem atender a Você para (estabelecer) um novo contato. Procure se concentrar, pensar neles! Na Mulher! Qual (das duas) é que Você achou melhor?

ASSIS - Eu achei que fosse a loira!

15. DR.W.B. - Heim?

ASSIS - Eu achei que fosse a loira porque ela... porque ela...

16. DR.W.B. - Por que a loira? Que ela ressonda (a nós) pela voz de Você! Pense na loira! Pense na loira! Saiba o nome dela?

ASSIS - Não! porque esqueci de perguntar.

17. DR.W.B. - Você viu a loira?

ASSIS - Vi!

18. DR.W.B. - Você amanhã vai fazer um desenho (dela)?

ASSIS - Vou.

19. DR.W.B. - Depois Você podia dizer como que ela é? Tinha seio bonito?

ASSIS - Sim. Ela tinha um seio como se fosse uma... Índia... a coisa mais linda!

20. DR.W.B. - E o nariz dela?
ASSIS - ... é um narizinho feito como nós mesmos temos.
21. DR.W.B. - E sobancelhas?
ASSIS - ... como a própria loira quando... como sempre... tem aquela sobancelha linda...
22. DR.W.B. - E os olhos?
ASSIS - Como japonesa.
23. DR.W.B. - E a cor dos olhos?
ASSIS - Castanhos.
24. DR.W.B. - É ela uma loira clara?
ASSIS - Os olhos eram como (de) uma loira que a gente sempre vê... a pele ruiva... ruiva não... como loira mesmo...
25. DR.W.B. - Com sardas?
ASSIS - A pele bem lisinha como a gente vê (nas) louras por aí.
26. DR.W.B. - (E) a roupa dela?
ASSIS - A roupa cor de gelo... assim com botinhas cor de gelo... uma capa assim por cima que tapava todo o ombro.
27. DR.W.B. - E ela era cheia de corpo?
ASSIS - Corpo parelho, como essas morenas "divinórias" (divinas), essas morenas lindas!
28. DR.W.B. - E o que tinha mais nela? Preste bem atenção! O que tinha mais nela?
ASSIS - Tinha um cinturão nas próprias pantalonas dela.
29. DR.W.B. - E o que tinha mais nela?
ASSIS - Tinha um capacete que tapava... sobressalente (deixava ver) os olhos dela; dava para enxergar que era loira porque o cabelo que caía sobre o ombro... Os homens não davam para a gente ver se tinha cabelo comprido sob o capacete também... Vi duas anteninhas em cima.
30. DR.W.B. - A loira também...?
ASSIS - A loira também!
31. DR.W.B. - A morena também?
ASSIS - Tinha também capacete.
32. DR.W.B. - Os homens também?
ASSIS - Os homens também!
33. DR.W.B. - Como eram as anteninhas?
ASSIS - Eram umas anteninhas com uma(s) bolinhas em cima.
34. DR.W.B. - E as mulheres?
ASSIS - E as mulheres também! Os quatro tinham os mesmos capacetes.
35. DR.W.B. - E as anteninhas também? Os dois homens e mulheres tinham anteninhas iguais?
ASSIS - Exato!
36. DR.W.B. - Igualzinhas?
ASSIS - Igualzinhas, igualzinhas!
37. DR.W.B. - As pontas das anteninhas também? (*Obs.: Foi repetida várias vezes a pergunta em relação às anteninhas. Isto porque, neste aspecto, há divergências entre os relatos da testemunha, em consciência e em sono hipnótico.*)
ASSIS - Também, todos!
38. DR.CID. - Você sentiu alguma atração sexual pela loira ou pela morena?
Obs.: Pergunta mal formulada, porquanto é sugestiva.
ASSIS - Exato.
39. DR.CID - Por qual?
ASSIS - Pela loira.
40. DR.CID - Mas Você estando nervoso como Você estava, Você sentiu esta atração sexual assim?
ASSIS - Exato!
41. DR.CID - Tem certeza disso?
ASSIS - Sim.
42. DR.CID - Teve desejo de ter relações com ela?
ASSIS - Sim.
43. DR.CID - Mas por que só ela estava em tindo isso para Você?
ASSIS - Eu achava no meu pensamento (isso).

44. DR.W.B. - Por que essa conversa que Vo
cê teve não levou mais que
10 min (aproximadamente)?

ASSIS - Sim?

45. DR.W.B. - Não levou mais que 10 minu-
tos! Mas Você disse que, pe-
la marcação do seu relógio, ficou uma
hora e tanto, no Disco!

ASSIS - Sim!

46. DR.W.B. - Como Você explica isso, As
sis?

ASSIS - Eu não sei...

47. DR.W.B. - Você é um rapaz sincero? Quê
que ê? Explique isso (o tem-
po decorrido em excesso)!!

ASSIS - Eu não sei porque motivo... que
ficou nesse horário... o tem-
po passou tão ligeiro (incompreensí-
vel)... nesta(s) horas eu junto com
eles... nem nada... eu fico pensando
com a minha cabeça como foi que passa-
ram tão ligeiras nessas horas...

48. DR.W.B. - Mas agora Você tem (o) poder
de se lembrar, tem poder ex-
cepcional para saber disso agora. Nes-
te sono hipnótico Você sabe de tudo,
tudo, tudo... que foi?

49. DR.CID - Relaxe sua mente! Aprofunde o
seu sono! Relaxe sua mente!
Você vai dormir profundamente... Só a
sua mente interior vai se lembrar! Pres-
te atenção: Você entrou no DV agora.
Viu todos os detalhes. Você dormiu. Vo
cê acordou. Você viu. Por que esse tem-
po todo dentro do DV? Por que 1h e 15
min aproximadamente? Você pode falar,
Você pode (se) lembrar perfeitamente.
Porque o poder da Sua mente. Você pode,
Você pode lembrar(se de) tudo, tudo, tu-
do, todos os detalhes, nos mínimos de-
talhes. Pense! por que Você ficou tan-
to tempo dentro do DV? Pense! está can-
sado! Lembra(se)? Cada vez mais! Cada
vez mais pensando, relaxando, paz! Gra-
dativamente Você está se lembrando,
dentro do Disco, vendo a louira, a more-
na, vendo tudo, tudo... Você pode di-
zer... por que ficou tanto tempo no DV!
Por que...

ASSIS - Por... eu disse que queria ir
embora. Eles não queriam dizer
porque motivo que queriam me levar a
outro lugar... Eu disse que tinha (de)
ir embora... Não queriam dizer porque
motivo me queriam (levar) a outro lu-
gar... A louira perguntou se (eu) era

casado. Eu disse que era solteiro. En-
tão ela perguntou se (eu) tinha compro-
misso com alguém. Eu disse que não.
(Eu) disse que o único compromisso que
eu tinha era com o serviço e aí ela foi
que disse se (eu) gostaria (de) ir e
viver com ela. Eu disse que sim. Que
era meio... se a minha mãe e entrasse
em acordo. Ainda (eu) perguntei se uma
delas era casada com um dos tripulan-
tes. Aí foi que ela disse (que) "não".
Que uma era chefe, mas não era casada.
Perguntei se aquele (tripulante) que
estava na porta do objeto era um dos
chefes dali. Ela foi e não disse nada.
Perguntei novamente (o mesmo em rela-
ção a) um outro, que estava ao meu la-
do e ela foi e disse que não era (o)
chefe, nem casado. Eu perguntei por que
Vocês não são casados? Eles foram...
(e) que disseram que não... que ele
era de outros que estavam distantes de
les. Perguntei quantos quilômetros Vo
cês estão distantes? Eles disseram que
estavam a 138 "miles" (milhões?) (de)
quilômetros longe deles. E foi e disse
por que Você não traz outro para eu co-
nhecer... também (outros) tripulantes
que Vocês têm? E eles disseram que
não podiam porque tinham de ir para ou-
tro lugar. Aí eu fiz a pergunta para
ele: "por que que tinha(m) de ir para
outro lugar? Qual era o lugar que eles
tinham de ir?". Eles não quiseram di-
zer porque estavam com medo que eu fos-
se contar para os meus próprios compa-
nheiros e fazer entrevista com o pes-
soal das Rádios e daí ficaram com medo
e não disseram... Eu fiquei até hoje
tirando de (da) cabeça porque motivo
não me disseram eles... afinal não dis-
seram mais nada...

50. DR.CID - Por que Você disse que eram
mais ou menos 11 h (quando foi
levado para o Disco)?

ASSIS - Porque eu olhei o relógio.

51. DR.CID - E quando (foi que) verificou
que era meia noite e quinze?
Foi quando Você foi largado por eles
ou quando chegou em casa?

ASSIS - Quando eu fui largado por eles
e me sentei no chão quando
(eles) tinham ido embora.

52. DR.CID - Aí Você olhou novamente o re-
lógio?

ASSIS - Olhei novamente o relógio.

53. DR.CID - Portanto, Você praticamente ficou uma hora e quinze minutos dentro do Disco? Certo?

ASSIS - Certo!

54. DR.CID - Você teve uma sensação (de) que o Disco estava voando ou não?

ASSIS - Não. Ele (ficou) completamente no mesmo lugar. Porque eu sentia (como se fosse) um tapete. Como se eu tivesse pisando numa almofada.

55. DR.CID - Mas não quer dizer que não pudesse estar voando?

ASSIS - Não.

56. DR.CID - Você viu alguma imagem através da janela, alguma paisagem?

ASSIS - Não!

57. DR.W.B. - (incompreensível) Você sentiu alguma sensação no estômago?

ASSIS - Senti como (que) estivesse com vontade... um vômito, assim no

58. DR.W.B. - Quando foi isso?

ASSIS - No mesmo dia (em) que estava no próprio DV!

59. DR.CID - Dentro do Disco?

ASSIS - Sim.

60. DR.W.B. - No início ou fim (da estadia)?

ASSIS - No fim quando a loura disse que (eu) estava libertado, aí eu vi que a porta se abriu...

61. DR.W.B. - Quanto tempo Você acha que levaria se fosse ao planeta deles? Eles falaram isso com Você?

ASSIS - Não! Não disseram nada.

62. DR.W.B. - Por que Você não foi sozinho ao Disco na segunda vez?

ASSIS - Não fui porque estava acompanhado.

63. DR.W.B. - Pediram para Você estar acompanhado?

ASSIS - Não

64. DR.W.B. - Pediram o quê?

ASSIS - Pediram que eu estivesse sozinho

65. DR.W.B. - Por que não foi sozinho?

ASSIS - Porque eu pensei que se eu estivesse sozinho eles viessem... no mesmo lugar que eu estava... onde eles me pegaram...

66. DR.W.B. - Você gostaria que eles o pegassem?

ASSIS - Gostaria!

Explicação das figuras relativas ao texto

Fig. 13 - Assis (à direita) e o ufologista Luiz do Rosário Real.

Fig. 14, 15, 16 - Desenhos da testemunha Assis. Em 14, o local (seta) onde entrou no cercado. Em 15, os tripulantes e vista externa do DV. Em 16, o interior do DV.

Fig. 17 - Foto de Assis apontando o local do seqüestro.

Fig. 18, 19, 20, 21 - "Desenhos falados", feitos por Wilma Romito. Em 18, um tripulante. Em 19, uma tripulante. Em 20, vista externa do DV. Em 21, o interior do DV.

Fig. 22 - Assis e a desenhista Wilma Romito.

Fig. 23 - Assis e o Dr. Cid Filgueiras, durante a sessão de hipnose regressiva.

Fig. 24 - Desenho de Wilma Romito - O interior do Disco, visto em baixa. Em "A", a testemunha Assis.

e José Inácio observou que o núcleo do objeto tinha a "cor do sol nascente" e, na periferia, "uma nuvem acinzentada, tipo es fumaçado".

Quando o objeto sumiu completamente, o grupo ficou por algum tempo comentando o fato e se dispersou após a volta da energia elétrica.

Os dois rapazes dirigiram-se para o centro da cidade, entrando numa casa de lanches (O Forno). Saíram por volta das 23 horas, encaminhando-se para a casa do Sr. Alfredo Assis Álvaro, pai de José Inácio. Este último pretendia dar uma olhada na casa, pois seu pai encontrava-se viajando.

OBSERVAÇÃO

José Inácio mora com sua mãe, Da. Iracema Valadão Álvaro, no bairro Cohab.

Na volta para a cidade, enquanto esperavam pelo ônibus da Cohab, José Inácio sentiu certa sonolência. Avisados de que o ônibus não passava ali àquela hora, os dois amigos se despediram e José Inácio dirigiu-se sozinho para outro local, na Rua General Osório, onde tomaria sua condução. Entretanto, inexplicavelmente, quando o ônibus que esperava aparece o rapaz não embarca nele. Levado aparentemente por uma força estranha, José Inácio, encaminha-se para outro lugar e toma um ônibus que o conduz novamente à casa de seu pai, no bairro Fragata.

O estudante chegou à casa do pai - na Rua Gonçalves Ledo, 504 - quando já passava das 2 horas da madrugada de sexta-feira, 3/3/78. Como da vez anterior, ele abriu a casa e acendeu as lâmpadas. Depois, ficou de pé, encostado na porta da frente, entreaberta. De repente, ao olhar para o céu, lado sul, ele avistou aquele mesmo objeto voador que observara horas antes, às 20h 30min, na Rua Santos Dumont, no bairro Simões Lopes.

E, daquele estranho objeto, veio em sua direção um fecho luminoso, semelhante a "um fino raio de luz azulada". José Inácio ficou como que hipnotizado, passando a sentir em sua mente uma projeção, como "um filme passando rápido" no qual vê "cenas de guerras, de mortes com baionetas e até brigas entre seus familiares".

Depois, por incrível que pareça e sem saber como, ele "acordou" no meio do campo, deitado sobre um capinzal, a cerca de um quilômetro distante da casa de seu pai.

Aí existe um lapso de tempo do qual José Inácio não consegue se recordar.

Lembra-se apenas, ao dar conta de sua situação, de que estava muito tonto. Antes de levantar-se, pareceu-lhe ter ouvido uma voz, através de sua mente, que lhe dizia algo relacionado com uma tarefa que teria a cumprir ou que já havia cumprido.

Ainda estonteado, ergueu-se para retornar à casa do pai. Para ter certeza de que não estava sonhando, bateu no próprio rosto e beliscou-se, pois tudo lhe parecia fantástico e irreal.

Caminhando, procurava concatenar as idéias, vindo-lhe à lembrança o estranho raio luminoso que o objeto voador lhe projetara na casa de seu pai. Depois do "filme visto através da mente", que lhe sucedera? Como havia ido parar naquele lugar?

Conseguiu encontrar o caminho de volta orientando-se pelas luzes do bairro. Chegando à casa, a porta ainda permanecia aberta e as luzes estavam acesas, conforme deixara.

Consultando o relógio, José Inácio viu que passava das 4 horas da madrugada. Pelos seus cálculos, havia passado cerca de 1 hora longe de casa. Mas, o que se passou nesse lapso de tempo?

Ainda meio tonto, o estudante fechou a casa. Não avistou na rua nenhuma pessoa com quem pudesse falar. Decidiu então dirigir-se de vez para sua residência, na Cohab. Quando lá ele chegou, o dia ainda não amanhecera. Deitou-se mas não conseguiu dormir; sentia-se cansado e insone.

CIPEX e GENA

2004

Curiosa luz e uma Comunicação

Enquanto revirava-se na cama tentando conciliar o sono, José Inácio percebeu uma luz, como um relâmpago, penetrar em seu quarto através da veneziana da janela. Foi tudo muito rápido, em apenas alguns segundos. Mas, nesse meio tempo, ele ouviu uma voz lhe dizendo: "Tua tarefa foi cumprida. ... tua tarefa foi cumprida"! E finalmente adormeceu.

Nesse mesmo dia, 3/3/78, embora fatigado, José Inácio foi trabalhar. Mas por mais que tentasse, não conseguia concentrar-se no que fazia, lembrando-se constantemente do episódio. Foi aí então que passou a se preocupar seriamente com a experiência que lhe sucedera. Precisava de uma resposta que esclarecesse o que lhe havia ocorrido e não tinha a mínima noção de como a obteria. Ansioso, aconselhou-se com amigos e, ciente de artigos sobre ufologia publicados no Diário Popular, decidiu-se então a procurar pessoalmente Luiz do Rosário Real, da SPIPDV.

Posicionamento do Pesquisador Luiz do Rosário Real

Para tranquilizar o rapaz, Luiz do Rosário Real afirmou que acreditava em sua história. Mas, para saber realmente o que lhe sucedera no período de tempo do qual não se recordava, era necessário recorrer a uma hipnose regressiva. Explicando-lhe que esse recurso já fora aplicado em outros casos semelhantes, com resultados plenamente satisfatórios, o pesquisador fez-lhe ver que dessa forma ele se veria livre do problema que o afligia.

Seria necessário também que José Inácio concordasse previamente com a sessão de hipnose, para que se pudesse obter sucesso. Além disso, tal experiência seria um fato inédito na ufologia em Pelotas e no sul do Brasil.

A idéia da regressão hipnótica foi logo aceita por José Inácio, com a condição de o trabalho ser conduzido por um profissional capacitado, idôneo e experiente, a fim de prevenir possível dano à sua saúde.

Assim sendo, logo no dia seguinte foram feitos os primeiros contatos necessários à realização da hipnose.

Deve porém ficar bem claro que José Inácio submeteu-se ao teste de hipnose, por sua livre e espontânea vontade, sem, em nenhum momento, ter sido coagido a esse tipo de experiência.

CIPEX e GENA
2004

7.3. REGRESSÃO AO EPISÓDIO, EM HIPNÓSE

7.3.1. A Primeira Sessão de Hipnose

A primeira sessão de hipnose foi realizada pelo Dr. Palmor Brandão Carapeços - advogado, professor, psicólogo e também hipnólogo com curso efetuado em São Paulo. O trabalho foi executado na noite de 16/3/78, no horário compreendido entre 21 e 22 horas, em uma dependência da Escola Técnica Federal de Pelotas. Participaram também dessa sessão as seguintes pessoas: Luiz do Rosário Real, na qualidade de Presidente da SPIPDV e coordenador do trabalho; Prof. Rafael Alves Caldela; Prof. João Manoel Peil; Profa. Izenozia Silva da Silva; Mara Regina da Silva, universitária (Psicologia e Serviço Social); Pedro Luiz Marasco da Cunha, universitário (Arquitetura); Orlando Costa Silva, funcionário público; e Jorge Luiz Álvaro e Pedro Luiz Farias, ambos cursando Eletrônica, na ETEP.

Resumo das principais perguntas e respostas dessa primeira sessão de hipnose:

1. P - José Inácio, agora presta bem atenção! Nesse dia dois de março, à noite, procura recordar bem o que é que houve... Que fato interessante presenciaste às primeiras horas?
R - Foi uma luz... um objeto luminoso... um objeto semelhante ao sol... era grande...
2. P - A que horas foi isso?
R - Oito e meia...
3. P - Sentiste alguma coisa, vendo aquele objeto? Qual foi a impressão?
R - Não podia fixar muito os olhos... porque...
4. P - Sentias uma tonteira?

OBSERVAÇÃO DA SBEDV

A pergunta, porquanto sugestiva, está mal formulada.

R - Sim...

5. P - Os outros amigos viram também? E o que eles acharam que fosse?
R - Acharam que seria uma luz vinda do céu...
6. P - E tu, o que pensaste daquilo?
R - Pensei que era um objeto voador...
7. P - Sim, e depois desse fato, para onde foste? Procura lembrar bem... o que fizeste depois?
R - Fui até ao Centro, junto com o Orlando, e, num bar, tomamos um refrigerante e comemos umas batatinhas. Às onze horas, saímos...
8. P - Sim... foram para onde?
R - Para a casa do meu pai... na Fragua ta...
9. P - Quando vocês chegaram lá, o que fizeram?
R - Eu vi uma luz... a mesma luz que havia visto antes...
10. P - Sim, e aí o que aconteceu?
R - Havia uma espécie de raio... me sentia tonto... muito tonto... aquela luz parecia me dizer que eu tinha de caminhar... e eu acompanhei aquela luz... até o campo...
11. P - Foste caminhando com os teus próprios meios... caminhando naturalmente... ou aquela luz...
R - Segui a luz... caminhando...
12. P - E aí, o que aconteceu?
R - Aquela luz... veio em minha direção... do fundo do campo... ela desceu... em forma de energia... forma luminosa muito forte... sobre a minha cabeça...

13. P - Sim, e daí... deu para perceberes alguma coisa além da luz?
R - Alguém me pegou... me agarrou e... era um vulto... mais de um... me levaram para dentro daquele objeto luminoso...
14. P - Como era o objeto? Chegaste a ver a forma dele?
R - Não exatamente... pouquinho coisa... não prestei muita atenção...
15. P - Chegaste a ver como era o tipo dessa pessoa... desse vulto que te levou?
R - Era como se fosse uma pessoa qualquer...
16. P - Te levou pelo braço?
R - Mais de um... em direção àquele objeto que estava sobre o campo. Tive a impressão que subi... era como se não tivesse a gravidade da Terra... a nave estava acima do solo... eu subi junto com essas pessoas... com esses vultos... em direção a essa luz...
17. P - Subiste até onde?
R - Até à luz... eram três... um me acompanhando sempre...
18. P - E aí... o que fizeram contigo?
R - Entrei... tinha uma mesa... a mesa colorida... cheia de luzes... disseram que eu tinha de fazer alguma coisa naquele momento... mas eu estava muito tonto... não pude perceber exatamente o que me disseram... eu tinha de fazer alguma tarefa naquele momento... alguma coisa...
19. P - Mas, eles devem ter dito o que era, não? Procura lembrar...
R - Eu vi uma mulher lá dentro... um pouco idêntica às nossas... a pele clara... bem clara...
20. P - Mas, então ela estava sem roupa? Ou com roupa?

OBSERVAÇÃO DA SBEDV

Aqui, cabe observação idêntica à da pergunta nº 4 - mal formulada portanto é sugestiva.

- R - Sem roupa!...
21. P - Deram alguma coisa para tomares?
R - Não... só me examinaram muito... eu estava muito tonto...
22. P - Tiraram a tua roupa?
R - Botaram as mãos sobre a minha cabeça... me deixaram mais tonto ainda... disseram que eu tinha uma tarefa importante para fazer... que eu não me preocupasse...

23. P - Sim, e qual seria essa tarefa? Procura lembrar... tens guardado na mente tudo o que te aconteceu. Essa moça... procura lembrar o que fez...
R - Eles me botaram junto da moça... no chão como se fosse uma rede... como se fosse de couro macio... a moça me agarrou... característica semelhante a qualquer mulher...
24. P - O que ela fez contigo?
R - Me acariciou... que eu não ficasse nervoso... que eles vieram em missão de paz... vieram fazer uma das muitas experiências já feitas... o "vulto" é que me disse isso... o "vulto" em forma de energia... uma pessoa como se tivesse um sombreado... não dava para distinguir... apenas a moça...
25. P - O rosto era semelhante a nós?
R - Com pouca diferença... os olhos... claros... cabelos longos...
26. P - Era baixa ou alta?
R - Alta...
27. P - O corpo... procura lembrar... o corpo fino? Era gorda... cheia de corpo?
R - Cheia!...
28. P - E a aparência dela... era como se fosse uma moça? Não tivesse receio ao vê-la? Procura contar tudo o que te aconteceu e o que viste nesse momento.
R - A moça começou a me acariciar... tirou a minha roupa... eu estava muito tonto... não consigo me lembrar exatamente... ela estava nua... o busto... um pouco diferente... mais cheio... os seios normais...
29. P - E o que mais?
R - Os cabelos... como se fossem prateados...
30. P - Os olhos eram amondoados... tipo assim de japoneses... repuxados, não?

OBSERVAÇÃO DA SEBDV

Idêntica à da pergunta nº 4.

- R - Não!... Olhos claros...
31. P - E então, o que houve entre vocês dois?
R - Tivemos relações!...
32. P - Normais?
R - Sim... normais!...
33. P - Ela se portou assim... como uma mulher aqui da Terra?
R - Sim...

34. P - Como é que ela se expressava para ti?
R - Por gestos...
35. P - Não chegaste a ouvir se ela falou em algum momento... nem algo parecido?
R - Era só por gestos... tentava soar alguma coisa... uma espécie de canção...
36. P - E depois, voltaram a repetir o ato?
R - Só uma vez... foi só uma vez!...
37. P - Depois disso... o que é que houve? Ela ficou contigo ainda?
R - Não... alguma coisa me disse... como se fosse telepaticamente... que tinha sido tudo normal... botei a minha roupa... eles colocaram as mãos sobre a minha cabeça...
38. P - Sim. Ficaste consciente do que estava acontecendo, depois que puseram as mãos sobre a tua cabeça?
R - Mais inconsciente...
39. P - E a moça, nesse meio tempo, já havia saído da sala?
R - Era uma sala só... sala circular... a cama... era sobre o chão... o solo...
40. P - Daí, o que aconteceu depois?
R - Disseram que a minha tarefa estava terminada... vi uma espécie de sorriso deles...
41. P - Quantas pessoas estavam na sala?
R - Vi a moça... normal... e os dois "vultos"...
42. P - Como era a forma deles, mais ou menos, não viste?
R - Era um "vulto" forte... cercado por uma luz... um "vulto" escuro dentro de uma luz muito clara...
43. P - Eles eram altos... assim da altura da moça?
R - Um pouco mais altos...
44. P - Mas, eles estariam com máscaras... não dava para ver o rosto?
R - Não... era assim como se fosse a sombra deles mesmos...
45. P - Quando o "vulto", pela primeira vez, botou a mão sobre a tua cabeça, sentiste assim como se fosse uma mão mesmo?
R - Sim... era uma mão! Aí fiquei mais inconsciente ainda... a partir desse momento a moça passou a me olhar com aqueles olhos brilhantes... me acariciou...
46. P - José Inácio: depois do fato... do contato com a moça... voltaram a por a mão sobre a tua cabeça?
R - Sim...
47. P - E disseram alguma coisa?
R - Sim... que a minha tarefa estava cumprida... como se eu estivesse flutuando... assim no ar... como se não tivesse o campo de gravidade... como se tivesse passado por intermédio daquelas paredes... descendo lentamente até ao solo... no campo...
48. P - Sozinho?
R - Sozinho... mas sempre com aquela luz sobre mim... após... por telepatia foi dito que eu poderia voltar ao normal... novamente ligado em mim... que esta tarefa estava cumprida... até nova tarefa...
49. P - Até quando? Não te disseram quando voltariam? Em nenhuma vez citaram isso?
R - Não...
50. P - E depois, te acordas naquele lugar ali... com a luz... como foi?
R - Ao ter voltado ao normal... procurei sair dali... sem saber o que havia acontecido...
51. P - Antes de entrar naquele objeto, chegaste a ver a forma dele por fora, ou não deu pra ver?
R - Não... só por dentro...
52. P - E, por dentro, como era?
R - Uma sala redonda... cheia de luzes... luzes suaves... muito claras...
53. P - Nessa sala, o que pudeste ver mais, além da cama... uma mesa?
R - Não... não havia mesa... tinha o solo... era como se fosse o solo... era como se o solo fosse uma rede... o chão era como se fosse todo iluminado... como se tivesse uma luz por baixo... não dava para se identificar...

7.3.2. A Segunda Sessão de Hipnose

Ao tomar conhecimento do fato ocorrido com José Inácio, o Dr. Palmor Brandão Carapeços aceitou de imediato o convite que lhe foi feito para proceder à 1ª sessão de hipnose, independentemente de qualquer remuneração. Conforme se pôde verificar, os resultados dessa 1ª experiência foram altamente positivos, deixando todos os presentes impressionados pelo teor das revelações.

Entretanto, com o fim de se obter uma confirmação do relato de José Inácio, o ufologista gaúcho achou necessária a realização de uma segunda sessão de hipnose, de modo a não deixar dúvidas quanto à autenticidade do fato ufológico.

2004

É interessante ressaltar que, devido à impossibilidade de o Dr. Palmor comparecer à segunda sessão de hipnose, esta foi conduzida por outro hipnólogo, o Dr. Pedro Reis Louzada. Apesar de imprevista, tal substituição teve um caráter providencial, uma vez que se excluiu a possibilidade de qualquer influência do primeiro hipnólogo, no desenrolar da experiência. Os trabalhos foram executados por dois profissionais experientes e idôneos, tendo os depoimentos obtidos nas duas hipnoses coincidido, de forma generalizada, entre si.

A segunda sessão de hipnose foi realizada pelo Dr. Pedro Reis Louzada - odontólogo, professor e hipnólogo, com curso efetuado em São Paulo. Deu-se na noite de 28/3/78, entre 21h 30min e 22h 30 min. Participaram ainda dessa sessão as seguintes pessoas: Luiz do Rosário Real, na qualidade de Presidente da SPIPDV e coordenador do trabalho; Dr. Guido Kaster, Diretor da Faculdade de Agronomia, Eliseu Maciel e Vice-Reitor da Universidade Federal de Pelotas; Prof. Rafael Alves Caldela, catedrático de Matemática, da Escola Técnica Federal de Pelotas; Profa. Izenozia Silva da Silva, do Colégio São José; Mara Regina Silva da Silva, universitária da UCPEL (Psicologia e Serviço Social); Cláudio Wiener, universitário da UCPEL (Engenharia Civil); e Orlando Costa Silva, funcionário público.

Resumo das principais perguntas e respostas desta segunda sessão de hipnose (foi obedecida uma numeração das perguntas, em continuidade à primeira sessão, para posteriormente se obter fácil relacionamento com eventuais observações):

54. P - José Inácio, procura lembrar... na aquela noite, quando estava na frente da casa do teu pai, o que aconteceu contigo?
R - Vi uma luz...
55. P - E, depois, o que é que houve?
R - Um raio sobre a minha mente, mostrando um filme... eu vejo... guera... um fino raio em direção do objeto... estou com o corpo todo adormecido... ai... ai...
56. P - Pode falar. Que objeto era? Mas, fica tranquilo... pode ficar tranquilo... não vais ficar com o corpo todo adormecido... tranquilo... vamos responder... o que é que houve? um raio luminoso... o que mais viu?
R - Meu corpo está duro... ai... ai... não posso me mexer...
57. P - Está bem! Então só nos relata o que houve.

- R - Um raio... um raio azul... fino... eu vejo um filme... meu corpo fica duro...
58. P - Sim, e que mais está acontecendo?
R - Eu vejo um filme na mente... ai... ai... minha cabeça está doendo... ai... ai... estão me conduzindo em direção à luz... meu corpo está duro...
59. P - Calma... estás sob proteção... podes falar... o que é mais que houve?
R - Eu estou caminhando em direção ao campo...
60. P - Estás indo sozinho ou acompanhado?
R - Sozinho... eu vejo aquela luz se aproximando, cada vez mais de mim... eu estou caminhando... ai... ai... meu corpo está duro... ai... ai...
61. P - Estás chegando próximo da luz... do objeto?
R - Sim... eu estou no campo agora... meu corpo dói... ai... ai...
62. P - Que mais que houve então?
R - Eu vejo dois vultos... no campo... estão me agarrando... ai... ai... não posso me mexer...
63. P - Estamos aqui te ajudando... tem confiança em nós. O que mais que houve? Falaste com eles?
R - Não... eles botaram a mão na minha cabeça... fiquei todo duro e todo torto... aquela luz... entrei pra luz... estou subindo... estou subindo... eu subi... ai... ai... estou duro... ai... ai...
64. P - Calma... calma... o que mais se passou? Estás onde, José Inácio?
R - Eu só vejo na minha frente... estou com a mão toda dura... eu vejo uma luz circular lá dentro... dois vultos... ai... ai... dois vultos escuros... eles têm uma fisionomia de gente... ai... não!... não!... ai...
65. P - Eles falam contigo?
R - Não... telepaticamente são... minha cabeça está doendo... ai... ai... não posso sentir as minhas mãos... ai... ai...
66. P - Telepaticamente, o que é que disseram?
R - Que eu ficasse tranquilo... mas eu estou com medo... ai... ai...
67. P - O que é que está acontecendo contigo, agora?
R - Ai... ai... sinto uma dor na cabeça...

68. P - O que eles dizem telepaticamente, José Inácio? Fica calmo... respon-
de com calma...

R - Que eu ficasse tranqüilo... ai...
ai... que é apenas uma experiência
... uma das muitas experiências...
que eles já fizeram... eu estou
torto... ai... ai...

69. P - Que experiência que eles fizeram
contigo?

R - Tem uma mulher... ai... ai... uma
mulher bonita... uma mulher boni-
ta...

70. P - Ela está com roupa... como é?

OBSERVAÇÃO DA SBEDV

Pergunta prejudicada, pois é sugestiva.

R - Sem roupa... ai... ai...

71. P - Mas, como é, a mulher é bonita e tu
ficas nervoso? Vamos acalmar... Co-
mo é o tipo da mulher? Vai descre-
vendo.

R - Alta...

72. P - Mais alta que tu?

R - Sim... mais alta...

73. P - Quanto... meio metro... um metro?

R - Não!... apenas centímetros...

74. P - Cabelos curtos ou compridos?

R - Longos...

75. P - Loura ou morena?

R - Pele clara... bem clara...

76. P - A fisionomia, é igual às nossas mu-
lheres?

R - Olhos... olhos claros... brilha-
ntes...

77. P - O que acontece agora? Ela está nua?

R - Nua!... O "vulto" põe a mão na mi-
nha cabeça... ai... não posso fa-
lar... estou com a língua torta...
ai... ai...

OBSERVAÇÃO

*Nota-se a língua do paciente meio enro-
lada para o lado esquerdo, o que realmente
dificulta a sua pronúncia.*

78. P - José Inácio; estás com a mulher à
tua frente. O que é que se passou?

R - Meu braço está duro... ai... ai...
o "vulto" põe a mão na minha cabe-
ça... eu fico tonto... mas mais
consciente... eu vejo a mulher mais
nítida...

79. P - Bem, o que se passou depois? O vul-
to foi embora, ou ficou aí?

R - Não... mandou eu tirar a roupa...
eu tirei... eu estou nu... estou

nu... eles estão me examinando...
é o "vulto"... eu vejo o "vulto"...
eu estou vendo...

OBSERVAÇÃO

*Nota-se aqui uma discordância: ao res-
ponder à pergunta de nº 28, da primeira
sessão de hipnose, José Inácio declarou ter
sido a moça extraterrestre quem lhe tirara
a roupa.*

80. P - O que é que eles estão examinando
em ti?

R - Ai... ai... os olhos... abriram a
minha boca... eles pegaram um apa-
relho... parece um rádio... peque-
no... luminoso... botaram no meu
peito... ai... ai... estou mais
calmo...

81. P - Que cor é o aparelho?

R - Eu vejo... eles estão rindo...

82. P - Ficaste mais calmo... e eles estão
rindo, hein? E tu também começaste
a rir? Isto... podes rir à vanta-
de...

R - (rindo descontraidamente) ...a mu-
lher é bonita!...

83. P - Sim... isto... a mulher é bonita...
e eles continuaram na peça?

R - Foram embora...

84. P - E a mulher... está se chegando pa-
ra ti?

OBSERVAÇÃO DA SBEDV

Pergunta feita de maneira sugestiva.

R - Está... ela me acariciou... que coi-
sa bonita!... eu também acariciei
ela... ela está sorrindo...

85. P - Sim, e o que mais se passou? Podes
falar... vamos falar com confiança.

R - Eu agarrei nos cabelos dela... ca-
belos prateados... bonitos... ma-
cios... eu beijei ela... ela me
beijou... ah!... que beijo!...

86. P - O que mais se passou?

R - Ela me agarrou... me beijou... eu
agarrei ela também... que corpo!...
meu Deus!... ah!... que coisa lín-
da!... agarrei ela...

87. P - Escuta aqui... o que mais se pas-
sou? Tiveste relações com ela?

OBSERVAÇÃO DA SBEDV

Pergunta feita de maneira sugestiva.

R - Tive... ah!... ah!... (vibrando de
prazer voluptuoso)

88. P - Então escuta aqui... escuta aqui... após as relações com ela... o que mais se passou? Isto é o que nós estamos interessados em saber. O que se passou depois?

102. P - Vocês tiveram relações quantas vezes?

R - Uma só vez... foi longa... ah!... foi longa...

103. P - As pernas dela... eram normais?

R - Bonitas!... todo o corpo era claro...

104. P - Como era a cor dos cabelos dela... na cabeça, debaixo dos braços e em outras partes do corpo?

R - Eu não sei... prateados... cor clara... prateada... eu acho...

105. P - Outros aspectos dela, que pudesse observar?

R - Seios grandes!... cheia!...

106. P - E as mãos... os dedos?

R - Dedos finos... bem finos... com unhas... as mãos delicadas...

107. P - As unhas eram compridas?

R - É como se não tivesse unhas... tinha unhas sim... mas eram muito claras...

108. P - A pele, sentiste que era de aspecto normal?

R - Era...

109. P - Me responda o que eu vou te perguntar agora: como é que notaste tudo isso na mulher, e nos dois homens tu não sabes responder como eles eram?

R - Era só uma luz... uma luz escura... eu estava prestando mais atenção na mulher... na mulher...

110. P - Mas, eles caminhavam?

R - Não sei... eu acho que não... era como se estivessem no solo... assim... flutuando... é uma pessoa... assim... pessoa comum... não dava pra ver a cabeça... o corpo... as mãos... não!... não dava pra ver detalhes... um escuro... uma luz escura... os olhos é como se fossem claros...

111. P - Vai contando. Depois, o que está acontecendo?

R - Eu vejo muita luz na volta... luz de cima... luz de baixo... eu vejo uma mesa...

112. P - Como é essa mesa?

R - Redonda... acompanhando o formato do objeto... cheia de luzes colorida... como se tivesse botões...

113. P - Tu viste um painel de controle?

R - Vi!... não era uma mesa... acompanhava o formato do objeto...

OBSERVAÇÃO

José Inácio demonstra claramente estar revivendo aquele momento de prazer resultante do contato sexual com a mulher; por isso, procura-se interromper a descrição do ato, em detalhes.

89. P - Os vultos voltaram ou não voltaram?

R - Voltaram...

90. P - Enquanto tu estavas com relações com ela, eles estavam na sala, ou não? Não viste mais ninguém?

R - Não vi... só a mulher... a mulher...

91. P - Depois, o que mais aconteceu?

R - Passaram a mão na minha cabeça... eu fiquei mais tonto...

92. P - Como era a fisionomia deles?

R - É um vulto só... um vulto escuro... de pessoa...

93. P - Não está mais iluminada a peça?

R - Está... toda iluminada...

94. P - Então, como é que tu não vêes o rosto deles?

R - Só vejo uma luz... uma luz em forma de energia... escura... eles mandaram eu botar a roupa... aí... aí... eu botei... botei a roupa...

95. P - Quando vocês tiveram relações... foi no chão?

R - É... no chão...

96. P - Era uma cama... ou como é? Procura ver bem.

R - É uma rede... uma rede grande... uma rede luminosa... uma rede fofo... iluminada... como se fosse de esponja...

97. P - Os olhos dessa mulher, eram claros? E o nariz... a boca?

R - Nariz pequeno... a boca... bonita...

98. P - Viste dentes nela?

R - Vi... sim!...

99. P - Ela procurou te morder naquele momento?

R - Não!... Ela chupou no meu peçoço... ah!... ah!...

100. P - Como eram os dentes dela?

R - Bem claros... assim... igual aos meus...

101. P - Ela não falou nada contigo?

R - Não!... só gestos... só gestos...

2004

7.4. TESTEMUNHA SENTE-SE ALIVIADA PELO EFEITO DA REGRESSÃO HIPNÓTICA

7.4.1. Reações de José Inácio Após o Incidente

Após o episódio que viveu, José Inácio mostrou-se desde o início contrário a qual quer tipo de publicidade. Não queria ver seu nome nos jornais, alegando que essa promoção prejudicaria seus estudos. Chegou mesmo a esconder-se de repórteres que o procuravam e de seus colegas, negando sua participação no episódio, cujos rumores já se alastravam pela cidade. Foi necessária muita habilidade da parte do jornalista Deogar Soares para que José Inácio concordasse em sair do anonimato em que se refugiara.

O pesquisador Luiz do Rosário acha que essa atitude da testemunha demonstra a sua sinceridade e honestidade de propósitos com relação ao fato que viveu. Demonstra ainda que ele não procurava promoção pessoal, o que lhe vale um elevado grau de credibilidade.

Na Firma onde Trabalha

Depois da experiência ufológica por que passou, José Inácio apresentou problemas de comportamento na firma em que trabalhava, a Agapê S.A. Indústria de Alimentação. Nos primeiros dias da semana, mostrou-se apático e desatento ao serviço. Constantemente, ficava alheio a tudo, com o pensamento voltado para o episódio, bastante preocupado. Seu rendimento no trabalho caiu tanto que chegou a ser notado por seu chefe e também alguns colegas.

Pelo depoimento prestado à Rádio Universidade, percebe-se que seu chefe, o Sr. Olímpio Fonseca, havia lhe sugerido que procurasse o médico da firma - Dr. José Francisco Pereira da Silva.

Depois da Hipnose

Após a divulgação dos resultados das sessões de hipnose, pela Rádio Universidade e pelo Diário Popular, os colegas de estudos e de trabalho passaram a ter outra atitude para com José Inácio. Mostraram-se mais compreensivos e procuraram dar-lhe todo o apoio moral de que ele precisava. Isso fez com que José Inácio ficasse mais tranquilo e em melhores condições para prosseguir com suas atividades normais, tanto na escola quanto no trabalho.

Há um detalhe interessante a mencionar: após a estranha experiência, inexplicavelmente José Inácio não sentiu mais o desejo de fumar, vício que o acompanhava há anos.

Além disso, até hoje José Inácio parece não se dar conta da profundidade do seu caso e do que ele representa para a pesquisa ufológica mundial. Mostra-se completamente despreocupado, como se nada de mais houvesse acontecido.

7.5. TESTEMUNHOS SECUNDÁRIOS

OVNI'S vistos sobre Pelotas na noite de 19-20/3/78

7.5.1. No Local do Sequestro

O local onde se deu o sequestro de José Inácio é quase deserto e de pouquíssimo trânsito de pessoas. Nas proximidades há reduzido número de construções que se situam longe umas das outras; a uma distância de aproximadamente 200m, existem duas casas perto do local do sequestro.

Ao fazer a reconstituição fotográfica do episódio, em 19/3/78, o pesquisador Luiz do Rosário Real chegou a entrevistar os moradores dessas duas residências. Obteve assim o testemunho de três dessas pessoas, acerca do caso. São elas: Antônio Dias Campos, de 29 anos, pedreiro; Roberto Sias, de 26 anos, pedreiro; Ieda Sias, de 20 anos, doméstica. Os três declararam que, na noite de 2/3/78, por volta de 20h 30min, viram um estranho objeto de forma arredondada, luminoso, cercado de uma auréola, pairando acima do campo, a baixa altura. Segundo a indicação fornecida, o aparelho estava exatamente sobre o local onde José Inácio voltou a si após o sequestro. Acrescentaram ainda essas testemunhas que o citado objeto, depois de permanecer cerca de uns 5 minutos sobre o campo, começou a se deslocar lentamente na direção NO, seguindo uma linha em diagonal ascendente, "apagando-se" aos poucos até sumir de vez.

Ressalte-se ainda que, na ocasião dessa entrevista, em nenhum momento foi citado o caso ocorrido com José Inácio. Daí, a importância desse testemunho.

7.5.2. O estranho OVNI observado sobre Pelotas

Centenas de pessoas puderam observar a passagem de um OVNI sob os céus de Pelotas, na noite de 2/3/78, entre 20h e 20h 30min aproximadamente. O objeto seguia a direção sul-norte, deslocando-se lentamente numa altitude aproximada de 30 a 40 graus acima do horizonte. O aparelho apresentava um núcleo central escuro, com diâmetro aparente superior ao da lua cheia; sua forma era arredondada e parecia cercado de uma auréola semelhante a uma nuvem luminescente.

Em alguns dos locais onde o OVNI passou próximo, houve falta de energia elétrica; as lâmpadas se apagaram, só acendendo-se novamente quando o aparelho já ia distante.

O Diário Popular de 5/3/78 cita o testemunho de duas pessoas: José Antônio Garcia, estudante da Faculdade de Educação Física da Universidade de Pelotas, e sua noiva, Marta Regina. Os dois encontravam-se no portão da residência de Marta Regina, na noite de 2/3/78, quando avistaram, no céu, um objeto espargindo uma luz intensa. No mesmo instante, houve falha do fornecimento de energia elétrica em várias ruas próximas. O fato ocorreu por volta das 20h e as evoluções do estranho aparelho duraram aproximadamente uns 8 minutos. A princípio, as duas testemunhas chegaram a confundir o OVNI, com a lua; mas, logo observaram que o aparelho aumentava e diminuía sua intensidade luminosa e se movimentava. Além disso, parecia envolto numa substância gasosa que o acompanhava.

7.5.3. OVNI parecia uma "Bandeja na Posição Vertical"

Nessa mesma noite de 2/3/78, dois patrulheiros rodoviários informaram que haviam visto a passagem do OVNI. Ambos estavam de serviço no Posto da Balança, junto à ponte sobre o Rio São Gonçalo, que liga Pelotas a Rio Grande. Segundo eles, o aparelho parecia "ter saído de uns banhados" existentes perto do posto. O OVNI tinha a forma de uma "bandeja na posição vertical" e se apresentava cercado por uma auréola luminescente; não fazia ruído algum, deslocando-se lentamente pelo céu afora, na direção norte.

7.5.4. O OVNI "Injetava Luz"...

No anoitecer de 2/3/78, algumas pessoas que se encontravam nas imediações da firma Kasper, no bairro Simões Lopes, avistaram um sinal luminoso sobre o horizonte, ao sul - uma "enorme estrela de luz e cores variáveis". Segundo o estudante Sílvio Morelli, "aquilo era igual a um desses satélites que a gente vê brilhar de vez em quando", mas, com uma diferença - "o objeto injetava luz"!...

Testemunhos Colaterais em Relação à Testemunha

7.5.5. Vestígios no local do Seqüestro

No dia 19/3/78, o pesquisador Luiz do Rosário Real esteve no local do seqüestro, à procura de vestígios do episódio. Em sua companhia, encontravam-se as seguintes pessoas: Elizabeth Regina G Real, sua filha e fotógrafa amadora; Mara Regina da Silva; Orlando Costa Silva e José Inácio Álvaro (a testemunha).

Após caminhar um longo trecho, o grupo encontrou um ponto do terreno próximo a um barranco no qual se via a marca do corpo de José Inácio quando ali esteve na noite de 2/3/78. O capim havia crescido bastante mas, ele se encontrava amassado, com a terra úmida por baixo. José Inácio lembrou-se de que, ao voltar a casa na noite do seqüestro, notara suas calças molhadas e sujas. Procurando reconstituir o fato, a testemunha deitou-se novamente na mesma posição em que "acordara", no trecho em que o capim estava amassado. Coincidentemente, sujou a calça no mesmo lugar de antes. Ele recordou-se ainda de que naquela ocasião não havia avistado as luzes do bairro, ao se levantar. Pôde-se constatar agora que isto se deu devido a um declive do terreno ali existente.

7.5.6. José Inácio foi visto deitado no Campo, na Madrugada do Seqüestro

O Sr. Júlio Dias de Campos, pedreiro, de 35 anos, residente na Rua Frontino Vieira, 992, bairro Fragata, revelou a alguns de seus vizinhos que havia visto um rapaz deitado de bruços no mesmo local onde José Inácio estivera, na madrugada de 3/3/78. Júlio chegou mesmo a tentar auxiliar o rapaz deitado, mas, inexplicavelmente, ele se levantou cambaleante e saiu caminhando.

Lamentavelmente, Júlio negou essa informação, ao ser interpelado pelo pesquisador Luiz do Rosário Real. Entretanto, o pesquisador possui um depoimento, gravado em fita cassete, de pessoas residentes na Rua Campos Sales, 576, bairro Fragata, acerca desse assunto. Segundo essas pessoas, Júlio afirmara categoricamente ter visto "um rapaz deitado no campo" na madrugada de 3/3/78 e que negava essa declaração agora porque "tem medo de se comprometer".

7.6. ALGUMAS OBSERVAÇÕES À PARTE

7.6.1. O OVNI que José Inácio viu em 1964

Quando José Inácio tinha apenas 4 anos de idade, em 1964, foi chamado certa noite por seu pai para ver um estranho objeto que passava no céu naquele momento. O menino chegou a tempo de ver que o OVNI tinha forma próxima à arredondado e à sua volta girava uma espécie de "colar de luzes multicoloridas" piscando intermitentemente. A passagem do aparelho durou apenas alguns segundos, mas o tempo foi o suficiente para se perceber que ele seguia uma trajetória em linha horizontal de sul a norte e não emitia qualquer ruído.

7.6.2. O Estranho Sonho da mãe de José Inácio

Na noite de 18 para 19/3/78, Da. Iracema Valadão Álvaro, mãe de José Inácio, teve um estranho e curioso sonho no qual uma pessoa desconhecida bateu-lhe no ombro e manteve com ela o seguinte diálogo:

- "- Meus parabéns. Tu vais ser avó!
 - Mas, eu já sou avó.
 - Não, mas é do teu filho mais moço.
 - Mas eu não tenho nora da parte dele.
 - Sim, tu vais ser avó, mas não desta Terra, e sim lá do outro Espaço!"

Achando tudo aquilo divertido ao acordar, Da. Iracema narrou o sonho para José Inácio na manhã seguinte. Este mostrou-se vivamente impressionado, uma vez que sua mãe nada sabia acerca da "tarefa" revelada pelas sessões de hipnose.

Comentário da SBEDV

Sob o nome de "sensitivos", a parapsicologia dedigna, entre outras, as pessoas com a capacidade para captar idéias e fatos de outras mentes. Talvez a mãe de José Inácio seja uma pessoa dotada de tais faculdades, o que somente uma pesquisa adicional poderá esclarecer.

CIPEX e GENA
2004

7.7. EXPLICAÇÃO DAS FIGURAS RELATIVAS AO TEXTO

Fig. 25 - Mapa de Pelotas. Seta longitudinal indica a casa do pai da testemunha, seta oblíqua aponta local do seqüestro. (OBS.: Representação evidentemente aproximada, fora de escala).

Fig. 26, 27 - Fotos da reconstituição in loco. Em 26, o protagonista José Inácio Álvaro na posição em que acordou; note-se a coincidência da marca no capim. Em 27, apontando para o local, tendo ao lado: Luiz do Rosário, Orlando Costa Silva e Mara Regina da Silva.

Fig. 28 - Foto da casa do pai da testemunha: José Inácio aponta a direção de onde veio o DV; O Orlando Costa Silva; Mara Regina Silva; Alfredo Assis Álvaro (pai do protagonista).

8 - ENGLISH SUMMARY

CIPEX e GENA
2004

SBEDV Bulletin n° 132/135 reports three cases of contact with space crews.

The in Portuguese written review "OVNI Documento" n° 6 (editor Irene Granchi) published the research done by Ubirajara Franco Rodrigues about the 32 old farmer Arlindo, who on May 16th 1979 had been abducted by spacecrews during less than an hour.

In the morning of said day Arlindo walked with two companions to a remote corner of his farm, about 5 km away from his house as the crow flies. With him he carried his photographic camera, a very simple one, a satchel with provisions for the day such as a cake, a can of sardines with its opener, and two bullets for his rifle.

Having arrived in a thick forest Arlindo left his companions and struck out alone for a clearing near by. There he witnessed the landing of three bullet shaped vessels about one to two meters long. They landed in relatively short intervals and he succeeded to photograph each one of the artefacts after their landing.

Arlindo was startled by some of their strange features. For example object n° 1 had disappeared into thin air the moment Arlindo adressed his attention momentarily to his camera. Object n° 2 produced a hissing sound and at the same moment got involved in a huge white cloud. As soon as the cloud had dissipated object n° 2 had gone too.

Then object n° 3 landed and Arlindo took three snapshots of it. Scarcely had he taken the decision to return to the forest and his two friends, to return later for an investigation by all three of them when object n° 4, a huge, 10 to 12 meter long oval shaped craft descendend slowly and hovered above the ground. Arlindo stopped once more to take a picture of that one too, even though he pretended to look immediately after his friends. Having put his cap and satchel on the ground and focusing his camera ont the craft he was blinded by a big flash of light originating exactly from said craft. Panic-stricken Arlindo left his satchel and cap on the ground and bolted. He had not advanced more than a few steps when he felt himself hold onto the spot by some strange force.

REMARK BY SBEDV

Our readers of Bull. 94/98 may remember Onilson Pattero's description when at his first Ufo episode Pattero felt "hold back" onto the spot as if retained by "rubber bands".

Arlindo had not lost the power to move his legs, but his efforts would not bring him anywhere. After having passed some time with useless exertions he suddenly felt on each of his arms the firm grip of two uniformed people, each with a transparent head covering. The two had come up from behind, taking Arlindo in their middle, turning back with him toward the craft, which by now had landed on its 4 pillars. Those people, even of smaller size than Arlindo (who is 1 meter and 79 centimeters tall) nevertheless had him in their perfect power. When Arlindo panic-stricken called out to God and asked those people to let him go, one of them answered Arlindo in the same language, namely Portuguese that, indeed they all were brethren in God; that they did not want to do him any harm, but needed him at the craft only for a short inquiry.

Outside the craft there stood a third member awaiting for Arlindo and questioned him in Portuguese. Then he ushered him inside a big hall of the craft. There, two more people were sitting at sort of a table working on some keys similarly to our typewriting.

When Arlindo's captors had entered the main hall also, all of those people, with the same garment and head dress joined in a lively conversation which Arlindo could not understand. The language used those people contained many hissing sounds.

A sixth person then entered the main hall joining the conversation. Apparently this was a woman, as she had a bosom and her hair came down unto her shoulders which could be observed as she was not using the casket on her head as the other crew members. After a while, one of the crew members made Arlindo understand he should follow the girl who, accompanied by another crew member returned the same way she had come, passing through a corridor. Arlindo following the two, was led to a small room where kind of a console of a television set stood with two screens. By means of the screens and the pictures of astronomical bodies that appeared on them the girl ex-

plained to Arlindo the way those people succeeded in approaching our Earth. The language used by the girl in her explanation was also the Portuguese, so it seemed to Arlindo that there was no coincidence between the girl's small lip movements and the words he heard. Those words did not seem to originate exactly next to the girl but it seemed to Arlindo as if they resounded from somewhere in the room, similar the voice of a radio from an adjoining room.

Arlindo could not grasp the significance of all of the girl's explanations. When the group returned to the main hall, one of the male crew members took off his head casket too, explaining to Arlindo that they were made of the same flesh as Arlindo, doing the same work in earning their living and they possibly would be back.

Before being liberated from the craft they instructed Arlindo not to look back at the craft (during its take off) because this would hurt his eyesight.

After having found his companions Arlindo remained speechless for about 20 minutes, probably because he still felt upset by the strangeness of his adventure. After having drunk about one liter of water from a near-by well, the three went back to the sites of the strange landings, inspecting them. At the site of object nr. 2 the grass was scorched inside a circle. At the landing site of the big craft, nail-like structures, probably on the 4 landing plates had imprinted numerous small holes in the ground. In vain they searched for Arlindo's satchel and cap, which were not on the spot where he had them left, indeed they were nowhere. Arlindo did not mention to his fellows anything about the contact he had made with the space crew.

Some weeks later, when Arlindo went back to the landing site together with his brother Jairo, he confessed to him that indeed he had been taken in custody by the crew and been inside the craft. Both of them Arlindo and Jairo looked vainly for the satchel and could not find it. Nevertheless, when Ubirajara's group went to the site two months after the event, in order to make measurements and take a mould of plaster of Paris from the impact site of the craft's landing gear onto the ground, one of the boys found Arlindo's Satchel exactly at the spot, where it had been looked for in vain by several persons, at different times. Empty and its contents missings, the fabric of the satchel on the outside showed signs and sketches apparantly put

on it by some of the crew members who may have been in possession of the Satchel for some weeks, only to bring it back and leave it at the same place from where they had taken it away.

SBEDV interested in this case contacted the farmer 6 and a half months after the event and made magnetometer readings of the gun (with weak results) and on the rifle (with strong readings on the top of the barrel). One reminds the reader that Arlindo had entered the craft, with his rifle slung over his left shoulder in an up-right position, and so with the mouth of the barrel closer to the ceiling of the room.

Readings for gama radiation (by means of a Geiger Counter) proved negative.

The present SBEDV Bulletin mentions the enlargements of Arlindo's photographs. Also another Ufo sighting by Arlindo 4 years previous to the present episode is mentioned in the Bulletin. Then his father was still alive and witnessed also the light which had been accompanying his son during his travel on horseback during 20 minutes from a near-by village to the farm house.

It may still be of interest to mention that one year previously to Arlindo's contact case, a great cousin of his, Americo of name and a driver of caterpillars by profession, had also a brief encounter with a space crew when working at his home town, Caxambu, near to Baependi, Arlindo's municipality.

It so happened that Americo had gotten stuck with his caterpillar in a swampy plot and after some useless attempts to get free he understood that he could not manage without help from the outside. At last, he suddenly got free and when he arrived on dry land, he stopped his machine to step down for a look around. The sudden liberation had seemed strange to Americo, so still stranger it seemed to him that in the wet ground his heavy machine and its rough belts had not left any traces on the ground. When he lifted his look from the ground skywards, there seemed to hang the explanation for the strange occurrence, since there hovered a disc-shaped craft noise-and motionless in the air, and immediately started to lower itself to Americo's level. After opening a door of the craft, a man appeared in its frame and adressed Americo in plain Portuguese but the words did not seem to come from the person, but from elsewhere. The person asked Americo for a favour to which the latter agreed.

The following two contact cases mentioned in the Bulletin chapters 6 and 7 were studied by Luiz do Rosário Real and both took place at Luiz's hometown, Pelotas of the State of Rio Grande do Sul.

Luiz's first case, that of the witness Assis, had been perfected in Rio de Janeiro by Dr. Cid Filgueiras' regression of the witness by hypnosis. This seemed justified since the witness could not account for all the time he evidently had spent inside the craft in company of the crew members, two men and two girls. Dr. Cid's regression brought to light some picturesque pieces of dialogue of Assis with the crew members.

Luiz's second experience, a case of contact similar to Vilas Boas' in some aspect, in the beginning had been enshrouded by amnesia of the witness' mind, leading therefore to kind of the witness' neurosis. The witness came to Rosario in search of relief and really two regressions (to the witness' episode) under hypnosis

brought great relief. Both regressions, under guidance of different people brought identical results.

In chapter nr. 4 of the Bulletin it is alluded to the dangers of regression by hypnosis when the latter is applied by politicians or unscrupulous professionals. One may remind the reader that politics has most intensely horned into ufology, pervading it completely. Therefore the danger is a real one, as explained in Walter Bowart's book "The Mind Manipulators". In ufology post-hypnotic orders may be given to a naive contactee in order to confuse his Ufo experience or to silence the witness completely by throwing up a post-hypnotic mind-block by post-hypnotic orders of terror.

In a "Talk to the Reader", chapter nr. 3 tackles the by now, infamous Casemiro de Abreu "affair". Parallel references are made to similar covert operations.

Answer:

CIPEX-Centro de Investigação e Pesquisa Exobiológica
 Caixa Postal: 24.555 - Agência Uberaba - Curitiba
 Paraná - Brasil- Cep. 81.570-971
 e.mail: cipexbr@yahoo.com

Bol. da Sociedade Brasileira
 AUTOR
est. Sobre Discos Voadores 132/131
 TÍTULO

Devolver em	NOME DO LEITOR
03 OUT 1986	<i>Luiz do Rosário Real</i>

BOLETIM DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE ESTUDOS SOBRE DISCOS VOADORES, 132/
 135



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA
 UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
 SETOR DE CIÊNCIAS EXATAS
BIBLIOTECA

Este livro deve ser devolvido na última data carimbada

25 MAI 1982			
02 JUN 1982			
00 JUN 1982			
09 JUN 1982			
21 JUN 1982			
29 JUN 1982			
10 ABO 1982			
12 DEZ 1983			
17 SET 1985			
03 OUT 1986			
27/3/03			